UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

MARCOS ROBERTO MARTINS DOS SANTOS

ARISTEU NOGUEIRA:
A MILITÂNCIA POLÍTICA E CULTURAL DE UM COMUNISTA

Salvador
2007

MARCOS ROBERTO MARTINS DOS SANTOS

ARISTEU NOGUEIRA:
A MILITÂNCIA POLÍTICA E CULTURAL DE UM COMUNISTA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social - Habilitação de Produção em Comunicação e Cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albino Canelas Rubim

Salvador
2007

A virtude não almeja estátuas nem coroas de louro perecíveis. Para o sábio, a maior recompensa da virtude é a consciência plena das boas ações que realiza.

Da República - Cícero.

Faça as coisas de maneira tal que o motivo que o levou a agir possa tornar-se lei universal.

Crítica da Razão Pura - Kant.

No dia que todo mundo amar a sua própria terra, vou dormir igual a um frade.

Cantador Wilson Aragão - citação inicial na canção “Clara” | Faixa 04 - CD Canção de Pescador.

AGRADECIMENTOS:

(agradecimentos são ingratos pelo risco de, no calor dos prazos, "esquecer" alguém. Mesmo assim, lá vai...)

Agradeço ao DEUS força cósmica condutora do universo.

Milhares e milhares de agradecimentos carinhosos aos meus pais. Minha Mãe, Lídia, grande conselheira e incentivadora dos meus estudos. À meu pai, José Antônio, farol de dignidade e mesmo diante da minha contrariedade em seguir o caminho pensado por ele para o meu futuro, me deu todo suporte necessário, com grande benevolência. À minha irmã Patrícia, fraterna companheira e motivadora, muitos risos e histórias pra contar.

À todos os meus familiares. Tia Lourdes, Tia Fausta, Eliete e todos que rezaram, torceram e acreditaram. Tio Genário e Bárbara nos dias do vestibular. E especialmente aos que me acolheram nesta vivência em Salvador. À tia Dú, tia Rosália e suas famílias.

Aos professores que fizeram parte desta trajetória até aqui. Desde o começo em Irará, passando por Feira de Santana, até os professores e funcionários da Facom /UFBa. A professora Linda e ao professor Albino Rubim, orientador compreensível, por toda a pesquisa de iniciação cientifica e nesta monografia.

À todos os amigos e colegas de copo e de cruz. Dos trabalhos em equipe (Babilônia/Irará, G7/UEFS e outros), da pesquisa, dos debates, do movimento estudantil em Feira, da "galera da galera" na Facom, entre tantos outros. Aos amigos dos tempos da Ascom/UFBa. Ao amigo Birinha, kakal, Daniel Cortês, Vânia Medeiros, Flávio Costa, Rafael Fontes e ao talentoso jornalista Cláudio Leal pelos livros, dicas e contatos. Ao conterrâneo Juracy Paixão. Ao Camarada Zé e seu tio Gustavo Falcón.

À Mariana, Diógenes e Vera Felicidade Campos, filhos de Aristeu Nogueira. À Amadeu Nogueira pela consulta aos jornais da família. Zé Nogueira, valoroso mestre artesão. À João Falcão e todos os entrevistados. À turma que "residiu" comigo na Casa da Cultura e noutras "viagens" culturais. Ao grande Marcílio Cerqueira, pela amizade e compreensão da minha ausência na Charanga. À todos e todas, aqui listados ou não.

Muitíssimo Obrigado!

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO 06

2 – AS ORIGENS 08

3 – POLÍTICA 13

3.1 - Movimento Estudantil e Partido Comunista.....14

3.2 - Jornalismo e Associativismo em Irará.....26

3.3 - Um Breve Tempo de Legalidade.....37

3.4 - O MOMENTO - Gerenciando, Dirigindo e Respondendo pelo Jornal do Partido.....44

3.5 - Relatório Kruschev e Comitê Central..... 54

3.6 - Deputado Estadual.....63

3.7 - Cassado e Preso pelos Militares.....71

3.8 - De Volta a Irará: Atuação na Vida Pública da Cidade.....80

4 – CULTURA.....92

4.1 – A Cultura e o PCB.....94

4.2 – O Centro de Diversões e Cultura – CDC.....101

4.3 - Casa da Cultura de Irará.....110

4.3.1 – História, Memória e Patrimônio.....121

4.3.2 – Eventos e Linguagens Artísticas.....130

5 – CONCLUSÃO.....135

6 – REFERÊNCIAS.....139

7 – FOTOGRAFIAS 146

1 - INTRODUÇÃO

Política e cultura, como sistemas de relações sociais, têm na figura humana o principal agente de motivação. Em ambos os campos, a vivência e o relacionar-se com outro, com o mundo e, porque não, até consigo próprio, são situações preponderantes para o desenvolvimento de atividades.

Na trajetória do individuo há marcas de como se dá a sua visão e a sua interação com o mundo a sua volta. Sem nenhuma pretensão biográfica, este trabalho tem como fonte de estudos a atividade militante de Aristeu Nogueira Campos, na intenção de observar a sua atuação no campo da política e da cultura.

A inspiração para o tema veio diante da experiência vivenciada pelo autor, quando esteve na condição de presidente da Casa da Cultura de Irará – CCI (2003-2005), na cidade de Irará, localizada a 125 km de Salvador, na Bahia. A percepção empírica do quanto de política existe na direção de uma Organização Não Governamental - ONG, unida aos estudos na área de Produção Cultural e correlacionada à descoberta crescente, na oportunidade, sobre a atuação política e cultural de Aristeu Nogueira (fundador da Casa), incentivaram ao estudo do tema em questão.

Outra fonte inspiradora para se enveredar pelo caminho desta pesquisa foi a descoberta, durante a graduação, de que o Partido Comunista havia constituído ao longo de sua existência um rico aparato cultural no Brasil. A informação possibilitou inquietações com relação à motivação de Aristeu Nogueira, sendo ele um comunista, para fundar a Casa da Cultura. A pesquisa buscou saber se a criação da instituição teria sido uma determinação partidária ou uma vontade pessoal de Aristeu.

No percurso para elucidar os problemas levantados com relação à atuação política e cultural do personagem desta monografia chegou-se a algumas descobertas. Entre elas, o

conhecimento de que além da Casa da Cultura, fundada na década de 1980, Aristeu Nogueira havia criado, também em Irará, o Centro de Diversões e Cultura - CDC, na década de 1940, ao tempo em que dirigia um jornal na cidade.

Diante da convicção de que a produção do conhecimento, também se dá com a observação e análise de ações empíricas, este trabalho pretende estudar aspectos da prática política e cultural, presentes na trajetória de Aristeu Nogueira. São mais de sessenta anos de uma dedicada militância na vida do comunista, nascido a 21 de janeiro de 1915 e falecido a 17 de maio de 2006. As suas realizações, erros e acertos, podem servir como fonte de inspiração e aprendizado na difícil missão de empreender dignos projetos políticos e culturais.

2 – AS ORIGENS

Aristeu Nogueira Campos nasceu a 21 de janeiro de 1915, na cidade de Irará, interior da Bahia. Filho caçula de Elpidio Nogueira de Campos e Tereza de Jesus Nogueira. O local de nascimento foi o sobrado de propriedade da família, construído por Pedro Nogueira Portela, avô paterno de Aristeu.

A família era proprietária de terras e considerada muito rica, no cenário de extrema pobreza em que vivia grande parte da população da região de Irará. Elpidio foi comerciante de tecidos, secos e molhados e padaria, até assumir o alambique depois da morte de seu pai, Pedro, em 1897[1].

Quando Aristeu nasceu, seu pai já era uma liderança política em Irará. Elpidio tinha o título de Coronel da Guarda Nacional e havia sido prefeito do município em 1911, governando por poucos dias e renunciando em decorrência das conseqüências políticas geradas pelo episódio do bombardeio de Salvador[2]. Depois voltou ao Paço Municipal como prefeito eleito em 1924, governando até 1928; como intendente interino em 1930, até outubro deste mesmo ano; e outra vez nomeado em 1938, ficando até abril de 1941, quando completou a idade limite. Além de dirigente maior do município, Elpidio Nogueira também exerceu as funções de delegado de polícia, suplente de juiz municipal, delegado escolar e presidente do Conselho Legislativo[3].

Tereza de Jesus Nogueira, mãe de Aristeu, faleceu quando ele ainda era uma criança de oito anos de idade. Também ficaram órfãos de mãe, Alberto (o mais velho), Amadeu,

[1] Desapareceu um dos maiores vultos de Irará: Elpidio Nogueira de Campos. **Irará Jornal** , Irará, ano 6, nº 278, Capa e p. 4, jul. 1944.
[2] Devido à recusa do Governador Aurélio Viana em acatar decisão judicial concedida a favor do pedido de *hábeas corpus* por deputados, os quais queriam a retirada de soldados e policiais civis do prédio da Câmara e eram contra a mudança da capital para a cidade de Jequié, o Presidente Marechal Hermes da Fonseca mandou bombardear a cidade. Ver em: TAVARES, Luiz Henrique Dias. História da Bahia. São Paulo: Editora UNESP : Salvador, BA: EDUFBA, 2001. p. 322.
[3] IRARÁ JORNAL, op. cit.

Aristarco e Alzira. Tendo perdido a mãe, Aristeu foi educado por uma tia. Cursou o primário na Escola Maria Inês Nogueira Genê, de 1923 a 1928, onde foi colega de Fernando Sant'Anna. Fernando recorda:

> Irará era uma cidade relativamente pequena naquela época. E nós fomos colegas de aula no primário. Tivemos duas professoras, uma casou, aí deixou de ensinar. Então veio uma outra professora que por acaso era irmã dele, não era irmã de pai e mãe, era irmã de pai apenas. Aí nós fizemos todo o curso primário, concluímos o quarto ano, nessa escola primaria em Irará. Ele começou então a se dedicar a cidade, a organizar encontros[4].

Este "relativamente pequena" merece atenção. Apesar da modesta dimensão da sua zona urbana, quando compreendia um máximo de quatro ou cinco ruas e duas praças, Irará era um centro comercial da região, respaldado pelo seu comércio, pela agricultura fumageira e principalmente pela feira-livre que já naquela época acontecia aos sábados. A feira, desde então, era o ápice das relações mercantis entre a sede, os seus distritos - Água Fria, Bento Simões, Ouriçangas, Pedrão e Quaresma (hoje Santanópolis)[5] - e outros municípios como Feira de Santana e Alagoinhas. Depois, na década de 1960, todos aqueles distritos, à exceção de Bento Simões, foram emancipados de Irará.

Também eram fortes os traços da cultura local. Já em 1907 a cidade tinha um Montepio dos Artistas Iraraenses, composto principalmente por ceramistas[6], os quais trabalhavam uma espécie de arte utilitária, até hoje produzida com técnicas indígenas, servindo, entre outras utilidades, para cozinhar e armazenar água. Existiam grupos de samba-de-roda, oriundos de manifestações de candomblés da zona rural, então combatidos pela polícia. E a literatura também era uma linguagem artística bastante apreciada, conforme depoimento de Fernando Sant'anna.

---

[4] SANT'ANNA, Fernando. Fernando Sant'anna: depoimento [set. 2005]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2005. 1 cassete sonoro (60 mim).

[5] O Quaresma começou a ser chamado de Santanópolis já antes de se tornar município. Os mais velhos contam que a nova denominação foi uma homenagem a família Santana (Santana + Polis). Elísio Santa'Anna, irmão de Fernando, que já havia sido Prefeito de Irará, foi o primeiro governante de Santanópolis.

[6] FONTES, Rafael. **Trajetórias (in)comuns Aristeu Nogueira e Fernando Santana: elementos preliminares para um estudo de suas trajetórias.** LABELU - Laboratório de Esquerdas e Lutas Urbanas | DCHF - Departamento de Ciências Humanas e Filosóficas da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2006.

> Irará era uma cidade que tinha uma tendência para a cultura. Era uma coisa que vinha de muitos anos. Havia um gosto pela poesia, por discursos. E todas as pessoas se davam ao deleite de ler. Naquela época, ler era considerado um deleite. As pessoas liam e liam coisas muito boas. Quando da primeira edição de Euclides da Cunha [Os Sertões], houve muitos exemplares comprados em Irará. Este tipo de formação intelectual deu à cidade um aspecto cultural, de gosto literário[7].

A música tinha ainda maior popularidade do que a literatura, atingindo até mesmo as camadas mais humildes da sociedade iraraense. Quando Irará ainda se chamava Vila da Purificação dos Campos (antes de 1895)[8], as festas da padroeira já eram animadas por grupos de babeiros, ou seja, grupos que tocavam de ouvido, sem pauta musical. Nas primeiras décadas do Século XX, durante a infância e adolescência de Aristeu Nogueira, Irará viveu um tempo de rivalidade acirrada entre as duas Filarmônicas que lá existiam, a 19 de Junho e a Filhos do Progresso.

Não se tem notícias precisas da data de fundação da Sociedade 19 de Junho. Acredita-se que as suas atividades foram iniciadas por volta dos anos 60 ou 70 do Século XIX. Esta Filarmônica tinha em seu quadro social um variado naipe de representantes de setores da sociedade local. Entre eles, alfaiates, pedreiros, sapateiros, comerciantes, políticos e até fazendeiros. Realizou apresentações memoráveis, como a da inauguração da estrada de ferro Alagoinhas-Juazeiro e serviu de influência para criação de outras Filarmônicas como a 25 de Março, de Feira de Santana, em 1868[9].

A Sociedade Musical Filhos do Progresso surgiu de uma dissidência da 19 de Junho, liderada por setores considerados mais elitistas da antiga agremiação. O ato oficial de criação da nova Filarmônica aconteceu no dia 03 de fevereiro de 1918, na residência do Cel. Elpidio

---

[7] RISÉRIO, Antônio. **Adorável Comunista: história, política, charme e confidencias de Fernando Sant'Anna.** Rio de Janeiro: Versal, 2002. p 45.

[8] Em meados do século XIX o arraial de Purificação dos Campos tinha maior prosperidade econômica do que a freguesia de São João Batista de Água Fria, sede do município com este mesmo nome. Através da Lei provincial nº 173, de 27 de maio de 1942, a sede foi transferida para a localidade mais próspera, dando-lhe o nome de Vila de Purificação dos Campos, tornando-se esta também a nova nomenclatura do município. Com a Lei estadual nº 100, de 08 de agosto de 1895, a Vila da Purificação foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Irará. O município também recebeu o novo nome. (IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: 1958. p. 285 e 286).

[9] ARAÚJO, José Aristeu de**. Sociedade Lítero Musical 25 de Dezembro 50 anos: 1954-2004 Jubileu de Ouro**. Irará: 2004. p. 13.

Nogueira de Campos (Sobrado dos Nogueiras). Para completar o corpo musical, foram levados músicos de outras cidades. Algumas moças de Irará criaram o "Centro de Adeptas da Sociedade Musical Filhos do Progresso" com a finalidade de realizar festas, eventos culturais e organizar grupos para apoiar a banda nos tumultuados encontros e apresentações de Filarmônicas. Em meio a um destes eventos, logo no início dos anos 1930, alguém foi atingido na perna por um tiro de revolver[10].

O incidente marcou o início da decadência das duas sociedades. Irará ficou sem filarmônica durante alguns poucos anos, porque já em 1934, dissidentes das agremiações extintas resolveram juntar forças para criar outra banda, com o sugestivo nome de "Sociedade Musical União Iraranese"[11]. Assim acabava a história de rivalidade de duas filarmônicas que revelaram bons músicos, alguns dos quais seguiram para tocar em corpos militares como o da polícia e do exército. Por trás de tanta competitividade entre os grupos não deixava de haver motivações partidárias. Como disse Aristeu Nogueira: "Era filarmônica e política"[12].

A agitação social, cultural e política, daquele inicio de século, refletia a formação de um povo e a movimentação característica de uma cidade entroncamento de signos, localizada entre o Recôncavo e o Sertão da Bahia. Duas regiões marcadas por culturas distintas, representativas de "dois nordestes".

> Em síntese, um é o Nordeste barroco-canavieiro, místico erótico, com suas praias e seus orixás. Outro é o nordeste do gado e do couro, ascético-milenarista, com as procissões que se arrastam pedindo chuva. A divisão é verdadeira, um é o universo em que se move o Fabiano de Vida Secas, de Graciliano Ramos, outro é o universo de Pedro Arcanjo de Tenda dos Milagres, de Jorge Amado. Podemos então, de uma maneira bem geral, separar a Bahia em duas. A Bahia Afro-barroca que se desenvolveu em Salvador e no Recôncavo e a Bahia sertaneja, cobrindo todo interior do estado. (...) Irará fica num ponto de passagem, numa zona de transição entre o Recôncavo e o sertão, mas, como Feira de Santana, tem predominância sertaneja[13].

[10] ARAÚJO, José Aristeu de**.** Op. cit. p. 17.
[11] ARAÚJO, José Aristeu de**.** Op. cit. p. 18.
[12] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: depoimento [nov. 2001]. Entrevistador: Gustavo Falcón. Irará, 2001. 3 cassetes sonoros (180 min).
[13] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 39.

É neste cenário que Aristeu Nogueira cresce e dá os seus primeiros passos. Nasce numa família de políticos, além de seu pai, o irmão Amadeu também seria Prefeito de Irará. Têm no ambiente familiar, incentivos à prática social, na figura de seu irmão mais velho, Alberto, que foi presidente da Filarmônica Filhos do Progresso e União Iraraense, dirigiu o abrigo dos velhos, presidiu o Montepio dos Artistas, fundou a Filarmônica 25 de Dezembro (1954) e também a Casa Jesus Maria José (1954).

As influências e a atmosfera de movimentação cultural da cidade fatalmente contribuiriam para o destino de Aristeu nos seus caminhos da política e da cultura. Duas temáticas com presença marcante na sua trajetória.

3 – POLÍTICA

O tema da política tem sido, ao logo do tempo, caro aos estudos de diferentes áreas do conhecimento. Campos como os da sociologia e da comunicação debruçam interessantes estudos sobre o assunto. Para além das discussões acadêmicas, a política integra o cotidiano social do indivíduo, mesmo daqueles que não a percebem como tal, imaginando-a com o olhar restrito ao momento das eleições, o chamado "tempo da política".

A noção de política deriva do adjetivo *politikós*, originado de pólis, e se consolida na Política de Aristóteles, obra que inaugura a reflexão sobre essa nova área do saber[14]. Da Grécia antiga aos dias de hoje, a política funciona como o meio através do qual são discutidas e encaminhadas as decisões referentes ao funcionamento na *pólis*, aqui entendida numa dimensão vasta que vai desde o sentido das cidades-estado gregas, ao estado-nação, às cidades e as outras formas modernas de agrupamento social.

O exercício da política também funciona como uma espécie de legitimação do poder. A depender do sistema em vigor, o domínio da situação e controle da sociedade pode ser exercido por diferentes atores sociais ou então por uma sucessão de indivíduos ou grupos dispostos a privilegiar benefícios para os seus familiares ou classes sociais de origem. Por entre as diversas formas de condução e distribuição de poder, existem três maneiras características de exercê-lo, conhecidas como: *Monarquia,* sendo as decisões submetidas a um único indivíduo*; Aristocracia,* com o poder decisório sob a tutela de poucos*; e Democracia*, quando a decisão é dirigida para muitos ou para a maioria.

Ao longo dos tempos a democracia vem sendo apresentada como a melhor forma de condução social. Sobre esta perspectiva, uma sentença atribuída a um dado líder político ganhou contornos de ditado popular. O autor da assertiva dizia ser a democracia, a pior forma

[14] RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política.** São Paulo: Hacker Editores, 2000. p. 17.

de governo, mas assegurava que ainda não havia sido inventado nada melhor. Esta visão é reservada preferencialmente à democracia representativa, na qual os cidadãos escolhem representantes para, em nome deles, decidir as questões públicas. No Século XX a democracia representativa, hoje bastante questionada, ganhou legitimidade com a concessão de direitos como o voto universal, passando assim a incluir mulheres e pessoas de menor condição econômica no processo eleitoral.

Não seria exagero classificar o período supra citado como o momento da história, no qual as disputas pelos direitos democráticos estiveram em evidência. É tentador parafrasear o poeta Castro Alves, resguardadas as proporções dos personagens históricos, e dizer que o século que viu Adolf Hitler, viu Mahatma Gandhi também. E presenciou muito mais. As duas guerras mundiais, a guerra fria, a conquista do espaço, os regimes ditatoriais na América Latina, os avanços da ciência, o advento da informática, os atos de contracultura, entre tantos outros episódios relevantes para a humanidade.

A luta pelas liberdades democráticas embalou sonhos, ceifou vidas e marcou histórias. Esteve no cerne das discussões por grande parte do tempo. Inquietos com a situação, os descontentes buscaram formas de contestar ou participar dos processos decisórios. Assim foram aflorando partidos políticos e movimentos sociais, a exemplo do movimento estudantil que ao longo da história tem servido como base de formação para futuros quadros dos partidos.

3.1 – MOVIMENTO ESTUDANTIL E PARTIDO COMUNISTA

Aristeu Nogueira chegou a Salvador no ano de 1929. Estudou o curso secundário no Colégio Ipiranga até 1934, ingressando no ano seguinte na Faculdade de Ciências Jurídicas e

Sociais, hoje Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Primeiro morou em um internato, em seguida, quando entrou na Faculdade, foi residir na Avenida Sete de Setembro em casa do tio Pedro Nogueira, médico e irmão de seu pai.

A esta época, quando Aristeu Nogueira vivia o seu tempo de estudante, a cena política do Brasil e, conseqüentemente, da Bahia passava por grandes transformações. No ano de 1930 era deflagrado o movimento da Aliança Liberal que culminaria com a queda do presidente Washington Luís. No dia 04 de outubro, enquanto a revolução ganhava proporções no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, explodiu em Salvador uma "manifestação espontânea denominada quebra-bondes"[15]. O clima instaurado no país devido aos movimentos conspiratórios e mais o decreto do estado de sítio, o qual suspendeu todas as garantias constitucionais, colaboraram para que a "população tomasse a iniciativa de atos violentos disparados pela insatisfação com os aumentos das passagens nos bondes, elevador Lacerda e planos inclinados Gonçalves e do Pilar"[16].

Anos mais tarde, Aristeu abordou o acontecido como um fato inesquecível, classificando-o como uma luta popular que ganhou conotação anti-imperialista[17] (os bondes quebrados pertenciam à Transway, empresa estrangeira subsidiária da Eletric Bond and Share Company). "Num mesmo dia, num mesmo instante, desde Amaralina, que era um dos extremos de Salvador à época, até a Ribeira, a massa quebrou os veículos e incendiou as paradas (como eram chamadas as estações de passageiros)"[18], recordou Aristeu Nogueira.

Os movimentos de 1930 levaram Getúlio Vargas à Presidência da República, nomeando interventores nos estados e com promessas de organizar o país para um processo eleitoral. Na Bahia, após a rápida passagem de alguns civis e militares à frente do governo, foi

[15] TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia.** São Paulo: Unesp: Salvador, BA: EDUFBA, 2001. p. 381.
[16] Idem.
[17] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Entrevista de Aristeu Nogueira Campos concedida a Francisco Almeida. p. 3.
[18] Idem.

nomeado interventor o jovem tenente Juracy Montenegro de Magalhães. Com apenas 25 anos, o cearense Juracy Magalhães havia se destacado na chamada Revolução de 1930 liderando uma coluna militar que percorreu o nordeste pelo litoral, adentrando territórios de Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia[19].

No comando da nação, Vargas enfrentaria forças contrárias ao seu "governo provisório" que ia se prolongando. Em 1932 instalou-se em São Paulo um movimento denominado "Revolução Constitucionalista", pedindo a imediata constitucionalização do país, o que só viria a acontecer em 1934, após o fim da revolução paulista em 1933. Reflexo da conjuntura política mundial, o país vivia sob um clima de rivalidade entre diferentes ideologias. Os partidários de esquerda condenavam a Ação Integralista Brasileira (AIB), cujos membros anticomunistas eram louvados por alemães nazistas e italianos fascistas[20]. Neste cenário de "polarização ideológica"[21], na primavera de 1935, aconteceram levantes comunistas em Natal, Recife e no Rio de Janeiro.

A 25 de novembro de 1935, os comunistas instalaram em Natal, capital do Rio Grande do Norte, o governo Popular Nacional Revolucionário[22]. Porém, a experiência só durou três dias e o movimento foi deposto pelas tropas legalistas. Em Recife e no Rio de Janeiro, os comunistas tiveram os seus planos de tomada de poder abortados. Aos poucos, com prisões e estouro de aparelhos clandestinos a polícia chegava aos lideres do movimento. Entre eles, estava Luís Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança", já na condição de dirigente comunista[23], preso no Rio após estes episódios. Com o sufoco dos levantes, denominados de

[19] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 380.
[20] DULLES, John W. F. **O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclisma mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 14.
[21] Idem.
[22] FALCÃO, João. **Giocondo Dias, a vida de um revolucionário.** Rio de Janeiro: Agir, 1993. p. 54.
[23] Luís Carlos Prestes ficou conhecido como "Cavaleiro da Esperança" após liderar, ao lado de Miguel Costa, uma Coluna tenentista (1925-1927) em contestação ao governo brasileiro, percorrendo 25 mil quilômetros pelo interior do país. Ao final da marcha, exilado na Bolívia, Prestes recebeu uma visita do Secretário Geral do PCB que lhe levou livros marxistas. Depois foi para a Argentina e lá estudou o marxismo. Entrou para o Partido Comunista, esteve em Montevidéu e foi para Moscou. Na capital soviética aprimorou seus estudos no marxismo e casou-se com a alemã de sangue judeu, Olga Benário. Voltou com Olga clandestinamente ao Brasil em 1935,

"Intentona Comunista", os militantes que não eram encarcerados procuravam refugiar-se em estados onde a repressão fosse menor.

> A Bahia tornou-se, nesse período, um autêntico refúgio de comunistas. Governava-a Juracy Montenegro de Magalhães, 31 anos, cearense, que embora anticomunista não acompanhava o governo central na caçada aos militantes do Partido. Preocupava-o antes de tudo a tenaz oposição dos integralistas a seu governo. Por outro lado, escondia no interior do estado ao seu irmão Eliézer Magalhães, perseguido pela polícia de Felinto Muller (...). Para a Bahia também foram vários envolvidos na insurreição. Procedente e fugitivo de Maceió, Lauro Araújo (Duas Massas), Dirigente do Comitê Regional de Alagoas (...). De Pernambuco, João Rodrigues, Dirigente do Partido naquele estado (...). De Natal, Valdemar Ferreira Coelho, baiano, soldado do 21º BC[24].

Além dos citados, e de outros, um baiano que se tornaria figura de prestigio no partido, também retorna ao estado algum tempo depois dos levantes de 1935. Trata-se do cabo Giocondo Dias. Um dos lideres do movimento no Rio Grande do Norte, Dias depois seria Deputado Estadual, Secretário Geral do Partido na Bahia e posteriormente no Brasil. Ainda como conseqüência da diáspora comunista de 1935, a Bahia também recebeu três importantes quadros do comitê central, após uma passagem de seis meses por Pernambuco, depois de saírem do Rio de Janeiro. Eram eles: Bangu (codinome de Lauro Reginaldo da Rocha), Martins (Honório de Freitas Guimarães) e Abóbora (Eduardo Pereira Xavier). Os três tiveram curta permanência em Salvador, tendo seguido Bangu e Martins para São Paulo[25] e Abóbora designado pelos companheiros para ir a Moscou encontrar Otávio Brandão, líder do PCB na década de 1920 e expulso do país em 1931[26]. A chegada destes membros, como seria de se esperar, veio a impulsionar a ação do Partido Comunista na Bahia.

Fundado na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, no mês de março de 1922, o Partido Comunista do Brasil (PCB) foi posto na ilegalidade já no mês de julho daquele mesmo ano. "Após o levante do Forte de Copacabana, o governo decretou estado de sítio e

---

com o objetivo de lutar pela "revolução proletária". Presa junto com Prestes, Olga foi entregue ao governo nazista alemão que a assassinou. (KONDER, Leandro. **História das idéias socialistas no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 54).

[24] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 83 e 84.

[25] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 88.

[26] DULLES, John W. F. Op. cit. p. 36.

aproveitou para proibir o funcionamento do novo partido (que não tinha nenhuma relação com o levante)"[27]. Desta data, na ilegalidade, até o processo de migração dos comunistas, o Partido não tinha grande expressão ou organização em solo baiano. No inicio da década de 1930, "teria no máximo duas dezenas de militantes. Alguns estudiosos da história política da Bahia acreditam que a primeira organização do PCB na Bahia data da greve dos ferroviários (1927)" [28].

No ano de 1937, quando o partido na Bahia ganhava a participação de membros importantes, ocorre em âmbito nacional a "descoberta" do Plano Cohen. Preparado pelo Capitão Olímpio Mourão Filho, para a Ação Integralista, este plano foi re-elaborado e apresentado pelo Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra como um "plano comunista" de origem estrangeira e serviu como justificativa para o governo pedir Estado de guerra no país e suspensão dos itens da Carta de 1934[29].

Em 10 de novembro de 1937, após a apresentação do plano e sustentado pelo clima anti-comunismo em vigor desde 1935, Vargas instaura o Estado Novo, um regime ditatorial, republicano-nacional-unitário-autoritário[30]. O golpe provoca a renúncia de Juracy Magalhães, antes da provável deposição do cargo, já que Juracy, nomeado interventor pelo próprio Vargas em 1931 e eleito governador pela assembléia estadual em 1934, era contrário àquela ação do presidente.

Nesta primeira década do Partido Comunista na Bahia, o estado não contava com um parque industrial, pois, o setor secundário só teria impulso em terras baianas depois da implantação da Petrobras nos anos 1950. Com poucos operários, quase que reduzidos aos trabalhadores da linha férrea e aos portuários de Salvador, o partido se desenvolveu entre os setores médios da cidade, principalmente em meio aos estudantes. Esta característica singular

[27] KONDER, Leandro. **História das idéias socialistas no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 47.
[28] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p 404.
[29] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p 410.
[30] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p. 420.

do partido na Bahia, unida à migração de importantes líderes para o estado, vai corroborar para a formação de grandes nomes de referência comunista, sendo eles baianos ou militantes com atuação na Bahia. Podem ser citados os nomes de Giocondo Dias, Armênio Guedes, Jacob Gorender, Carlos Marighella, Mário Alves, Diógenes de Arruda Câmara, Milton Caires de Brito e Aristeu Nogueira, entre outros[31].

Nesse verão de 1937/38, quando Vargas decretou o Estado Novo, Aristeu se encaminhava para o quarto ano na Faculdade de Direito e já contava alguma experiência no movimento estudantil. Nas palavras dele: "Desde o ginásio, era eu um participante ativo dos embates estudantis. Fui, junto com Milton Cayres de Brito, dentre outros, fundador da União Democrática Estudantil (UDE), que apoiava a candidatura de José Américo de Almeida[32] à Presidência da República"[33].

Além do rompimento deste processo eleitoral, no qual José Américo era candidato a Presidente, e da mudança de governador no Estado, outras ações da repressão marcaram a chegada da ditadura Vargas à Bahia. "Mais de 1.500 exemplares de livros de Jorge Amado foram queimados em praça pública. Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freire, foi retirado das livrarias. Alguns professores universitários, profissionais liberais, lideres trabalhadores, estudantes, deputados e militares experimentaram a prisão"[34]. Mesmo diante dos acontecimentos, na ilegalidade e considerados inimigos do regime, a direção do Partido Comunista continua o processo de organização na Bahia.

No ano de 1938, período seguinte a instauração do Estado Novo, Aristeu Nogueira começa a integrar os quadros do partido.

> Eu como estudante de Direito conheci a filosofia marxista, leninista através dos livros de Karl Marx, de Engels e também já com a União Soviética. Então achei que o

[31] Dos nomes citados, apenas Diógenes de Arruda Câmara não era nascido na Bahia, mas estudou agronomia no estado e militou por alguns anos no PCB baiano.
[32] José Américo era candidato para as eleições presidenciais marcadas para janeiro de 1938, abortadas depois do advento do Estado Novo.
[33] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Ent. Cit. p. 3.
[34] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 118.

> marxismo leninista era a filosofia mais evoluída, mais desenvolvida e mais realista. Porque era baseada no materialismo dialético (...). Entrei no Partido em 1938 com o advento do Estado Novo, na Ditadura de Getúlio. E pela influência, pelo estudo mesmo do marxismo, eu fui procurando ver o que era a filosofia mais correta, que traduzia melhor o desenvolvimento da sociedade. Eu já tinha uma visão assim do comunismo[35].

Na entrevista que deu para *O Momento Comunista*, edição especial de setembro de 1985, Aristeu reforça esta idéia de que foram os estudos, o grande motivo de influência para a sua entrada no Partido Comunista. Diante da pergunta: "Como você foi recrutado para o PCB?". Ele responde: "Praticamente não fui recrutado por ninguém. Eu procurei o Partido"[36]. A iniciativa demonstra uma decisão de procurar uma entidade afinada com o pensamento marxista, ao qual Aristeu acreditava ser, conforme declaração dele, a "filosofia correta". Entretanto para chegar ao partido ele precisava ter contato com alguém, o que veio a ocorrer através de um integrante da Direção Estadual, cujo nome de guerra era Bedegueba. Esta pessoa levou Aristeu para um encontro com um outro integrante do Partido nos fundos de um matadouro no Bairro do Retiro em Salvador.

> Bedegueba era um operário de uma empresa que fabricava móveis de vime na Bahia. Então marcamos um ponto. Bedegueba foi e me apresentou a um companheiro com o nome de guerra também que eu nunca consegui descobrir isso. Bedegueba disse: "Olha vou lhe apresentar, mas ele tá marcado. Eu vou lá em um ponto, mostro e você vai sozinho e se encontra com ele lá". Eu não sei com quem me encontrei[37].

Já nesse primeiro encontro, o homem misterioso, cuja identidade Aristeu nunca veio a descobrir, lhe passou uma primeira tarefa. A missão consistia em fundar uma célula comunista na Faculdade de Direito. Aristeu aceitou o desafio e formou a célula junto com os irmãos Armênio e Julia Guedes, da mesma série dele na Faculdade, e mais outros dois colegas[38].

---

[35] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: Entrevistador: Gustavo Falcón. dep. cit.
[36] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Op. cit. p. 3.
[37] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: Entrevistador: Gustavo Falcón. dep. cit.
[38] Idem.

Bedegueba, responsável por levar Aristeu a este primeiro contato com a organização comunista, através daquele membro misterioso, era na verdade Manoel Batista de Souza, que na época contava 38 anos de idade. Ele ocupava a Direção Estadual do Partido na condição de Tesoureiro. No Livro *O Partido Comunista que Eu Conheci (20 anos de Clandestinidade)*, João Falcão o descreve da seguinte maneira:

> Pele clara e olhos azuis, baixo, calvo, riso franco e aberto. Parecia-me uma inteligência limitada, mas com bastante consciência revolucionária. Era o mais antigo companheiro da direção. Nutria um certo orgulho por ter militado, no Rio, desde 1929, ao lado de Roberto Morena, grande líder sindical. Tinha o hábito de trazer consigo recortes de jornais sobre os assuntos mais diversos, analisando-os e vibrando quando a imprensa burguesa noticiava, embora raramente, fatos favoráveis à União Soviética ou opiniões que coincidiam com as nossas[39].

Além de Bedegueba ocupavam a Direção do Partido na Bahia: Marcelo (Manoel Reinaldo Pinheiro), sapateiro; Jeronimo Sodré Viana, Jornalista; Manoel Joaquim Seixas do Vale Cabral, engenheiro agrônomo; João Severiano Torres (Simão ou Jordão), pedreiro; e Lauro Araújo. Aristeu começou então a integrar a juventude comunista, junto com Armênio Guedes, Edson Carneiro e Emanuel Assemany, estudantes de Direito. Milton Caires de Brito, José Guerra, Valdir de Oliveira e Souza, estudantes de medicina, entre outros.

Na juventude comunista Aristeu participou e liderou alguns atos de protestos. As comemorações do Primeiro de Maio de 1939, por exemplo, contaram com sua participação na liderança de um grupo de manifestantes, conforme narrado por João Falcão ainda no livro *O Partido Comunista que eu conheci*. Falcão conta que foram preparadas bandeiras vermelhas para prender nos postes de iluminação com inscrições do tipo: “abaixo o Estado Novo”, “Abaixo o Facismo”, “Abaixo a Guerra” e “Liberdade para Prestes”. Com um lápis grosso, composto de parafina e pó preto, eles escreviam nas paredes. O serviço foi feito na madrugada e ainda havia outras duas equipes. Uma sob liderança do próprio Falcão e uma outra, tendo como responsável Milton Caires de Brito. Os protestos visavam os eventos organizados pelo

[39] FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 73.

governo para o dia do trabalhador, quando haveria grande concentração de pessoas na Praça Municipal com intenção de assistir aos desfiles e pronunciamentos públicos, entre outras manifestações[40].

Neste mesmo ano, a polícia esteve à procura de Aristeu Nogueira na casa do médico Pedro Nogueira, seu tio. Aristeu não foi encontrado na residência, mas o fato gerou um inconveniente, o qual motivou a saída dele da casa do tio Pedro. Já em seu último ano de Faculdade, foi morar numa pensão, custeando as despesas com dinheiro que seu pai mandava do interior e com algum trabalho que ia arranjando pelo comércio[41]. Neste mesmo ano, já iniciado nas atividades partidárias, Aristeu foi eleito, junto com o colega Elado de Albuquerque Velloso, representante da turma do quinto ano da Faculdade de Direito, na eleição para representantes no Centro Acadêmico Rui Barbosa[42]. Depois seria escolhido, junto com Armênio Guedes, para representar a Bahia no 3º Conselho Nacional de Estudantes, ocorrido no Rio de Janeiro em agosto de 1939.

O 3º Conselho obteve alguns resultados, dentre eles o desenvolvimento do processo de afirmação da UNE (União Nacional dos Estudantes). O conclave elegeu a segunda diretoria da União Nacional, tendo como presidente Trajano Pupo Neto, sucedendo Valdir Borges, e contou com um total de 112 associações estudantis, a quase totalidade das existentes no momento. No relatório das atividades consta uma UNE em fase de organização destacando uma "juventude que deixou de ser intensamente rebelada, como antes fora boêmia e romântica, para ser construtiva, com visão real do momento histórico em que vivemos"[43]. Neste Conselho foi instituída a carteira única do estudante, com a intenção de facilitar a movimentação das caravanas universitárias e descontos para os estudantes nos transportes,

[40] FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 60.
[41] CAMPOS, Mariana de Almeida. Mariana de Almeida Campos: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[42] FACULDADE DE DIREITO. **Revista da Faculdade de Direito – 1939**. p. 182.
[43] POERNER, Athur. **O poder jovem: história da participação dos estudantes desde o Brasil colônia até o governo Lula**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004. p. 136.

nas compras de livros e nas diversões. Vale destacar também a repercussão do Conselho nos estados.

> Não obstante, a UNE conseguiu incrementar o movimento unionista nas diversas unidades da Federação, muito favorecido pelos delegados do 3º Conselho, os quais, de retorno aos seus estados, levaram consigo experiência e entusiasmo, aliados aos propósitos de unir as associações locais. Surgiram assim, em congressos regionais, as Uniões dos Estudantes da Paraíba, de Minas Gerais, do Paraná e do Rio Grande do Sul. Na Bahia, Armênio Guedes e Aristeu Nogueira transformaram a Associação Universitária em Associação dos Estudantes da Bahia (AEB)[44].

A decisão de mudar a nomenclatura da entidade baiana foi apresentada no 1º Conselho Estudantil de Estudantes da Bahia, instalado em Salvador no dia 06 de novembro de 1939. Além da mudança de nome a organização passou a incluir os estudantes do curso secundário e de cursos técnicos e encaminhou outras realizações como a criação de uma escola primaria na AEB, em apoio à campanha de alfabetização do povo brasileiro; bolsa de emprego para estudantes; e a fundação de uma associação Universitária Feminina, para tratar dos problemas da mulher estudante[45].

Ao concluir o curso de Direito, ainda no final de 1939, Aristeu monta uma gráfica em sociedade com João Falcão. Com nome fantasia de Gráfica Modelo e razão social de Nogueira & Falcão Ltda., a tipografia tinha como objetivo, além de fazer trabalhos para o público em geral, imprimir materiais partidários[46]. Coube a Aristeu, "um homem organizado", nas palavras de João Falcão, preparar o contrato social da empresa. Tal nível de organização iria marcar a vida de Aristeu Nogueira em muitos outros momentos. João Falcão ainda lembra do comportamento "intransigente" do sócio, querendo tudo "certinho", operando com o correto pagamento de todos os impostos devidos, porque achava que eles deveriam ser "comerciantes honestos, sérios"[47].

---

[44] POERNER, Athur. Op. Cit. p. 138.
[45] FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 64.
[46] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 69.
[47] FALCÃO, João. João Falcão: depoimento [nov. 2006]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2006. 1 cassete sonoro (60 mim).

Esta mesma gráfica também teve serventia para a impressão da revista *Seiva*. Os conteúdos desta publicação eram diversos (política, economia, arte e literatura, ciência, história etc). "A orientação ideológica da revista, em geral, caracteriza-se por uma postura a favor da democracia, contra o fascismo e o imperialismo"[48]. Aristeu chegou a colaborar com *Seiva*, ao lado de pessoas como Fernando Sant'anna, Walter da Silveira, James Amado e Almir Matos[49]. Depois a gráfica começou a ter prejuízos[50] e além de estar formado e sem emprego, Aristeu tinha mais um problema para enfrentar.

Com apenas dois anos de militância no Partido Comunista o nome de Aristeu Nogueira já ultrapassava as fronteiras baianas. No mês de abril do ano de 1940, caiu o Comitê Central do Partido Comunista no Rio de Janeiro. Com exceção de Domingos Brás, que fugiu para São Paulo, todos os outros dirigentes foram presos, inclusive o Secretário Geral, Bangu (Lauro Reginaldo da Rocha)[51]. O nome de Aristeu apareceu no jornal *O Globo* como sendo um "agente de Moscou na Bahia"[52]. Aconselhado por João Falcão a "desaparecer" para não ser preso, Aristeu então percebeu no serviço censitário de 1940, prestes a ser iniciado, uma espécie de solução para o seu problema[53].

Na época os prefeitos eram os responsáveis pela indicação dos delegados censitários. Para Aristeu não seria difícil conseguir ser indicado, já que seu pai, Elpidio Nogueira, era o então Prefeito de Irará. Saiu a nomeação, com a advertência do delegado do Censo na Bahia, de que já havia recebido pressão do Secretário de Segurança porque Aristeu era "perigoso"[54]. Nomeado, Aristeu recebeu a tarefa de fazer o recenseamento preliminar em seis meses. A

[48] RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Partido comunista, cultura e política cultural.** 1986. 208fls. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 34.
[49] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op cit. 1986. p. 33.
[50] CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Depoimento autobiográfico**. Acervo pessoal: Irará, 2001.
[51] FALCÃO, João. Op. cit. 1988. p. 78.
[52] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: Entrevistador: Gustavo Falcón. dep. cit.
[53] Idem.
[54] Idem.

obrigação consistia em cobrir uma área territorial de 1.671 Km² [55], hoje correspondente ao espaço geográfico de cinco municípios. Aristeu percorreu toda a área determinada com dois cavalos e um ajudante, conseguidos pelo pai, e em três meses concluiu o trabalho.

O resultado do pré-recenseamento em metade do tempo estipulado causou boa impressão ao Delegado do Censo na Bahia, mas ainda assim a situação era delicada, pois a "polícia estava apertando" pela demissão de Aristeu Nogueira[56]. Dias depois, o delegado censitário informou que o trabalho de Aristeu teve boa repercussão no IBGE, comunicando que ele deveria voltar e fazer o Censo, mas avisou: "Eu tô agüentando você, mas tem uma coisa, você fique seguro e fique com muito cuidado, porque vão lhe prender. Mas o seu serviço tá sendo uma bandeira. Ninguém fez isso aqui na Bahia e nem no Brasil"[57].

Ao que se percebe a prisão era inevitável. Depois de algum tempo, um agente da Secretaria de Segurança chegou a Irará para conduzir Aristeu Nogueira à Salvador. Na capital, já havia uma ordem de Filinto Muller para levá-lo à Fernando de Noronha. Elpidio Nogueira então protestou e intercedeu junto a Landulfo Alves, interventor Federal na Bahia à época, conseguindo evitar que o filho fosse para a temida ilha carcerária. Aristeu ficou preso por cerca de 30 dias na Guarda Civil. Ele e Diógenes de Arruda Câmara foram os dois únicos presos na Bahia após a queda do Comitê Central no Rio de Janeiro[58]. Após aproximadamente um mês de reclusão, Aristeu foi posto em liberdade com a condição de ficar em Irará e assumir definitivamente a Delegacia Censitária[59].

O trabalho do censo, agora não mais preliminar, certamente não iria se constituir em desprazer para Aristeu Nogueira. Desde o final de sua adolescência, Aristeu já se interessava por dados e informações referentes ao município de Irará. Prova documental disto, são três

[55] INTSTUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. IBGE: Rio de Janeiro, 1958. p. 286.
[56] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: Entrevistador: Gustavo Falcón. dep. cit
[57] Idem.
[58] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 78.
[59] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.

cadernetas com anotações encontradas na sua biblioteca, hoje pertencente ao LABELU (Laboratório de Esquerdas e Lutas Urbanas) na UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana. As anotações, com caligrafia de Aristeu, datam de abril de 1934 e contém relatos históricos, informações sobre o povoamento, nomes de autoridades, discriminação dos limites geográficos do município de Irará e memórias sobre os Encourados de Pedrão (grupo de vaqueiros que saíram do, naquela época distrito de Pedrão do Irará, para participar das lutas pela independência da Bahia). Como no período descrito na caderneta, Aristeu, com 19 anos de idade, já residia em Salvador, certamente fez tais "anotações censitárias" durante os momentos de férias escolares.

As cadernetas demonstram um interesse muito grande de Aristeu Nogueira pela história e questões referentes ao município de Irará. Este traço de sua personalidade iria lhe acompanhar até os últimos anos de vida. E também foi refletido nas suas ações, nos momentos quando esteve residindo em Irará. Com este perfil e sendo um político militante do Partido Comunista, estava claro que naquele começo da década de 1940, Aristeu voltaria à terra natal para fazer mais do que um trabalho censitário ou exercer a sua profissão de advogado.

3.2 – JORNALISMO E ASSOCIATIVISMO EM IRARÁ

De volta a Irará, Aristeu assumiu a condição de Delegado Censitário, realizando o Censo de 1940. Começou a exercer também a profissão para a qual havia se formado. Advogando em Irará, realizava um sonho de seu pai, cujo desejo era lhe ver autuando no município. Como bacharel recebeu dos conterrâneos o tratamento de "dr. Aristeu". Entretanto para quem já havia desenvolvido a prática de atuação nas questões públicas, somente advogar

poderia ser insuficiente. Aristeu então teve uma destacada atuação na sociedade iraraense, principalmente através do jornalismo e dos movimentos sociais.

Não há nenhuma publicação reveladora da história do jornalismo em Irará. No entanto, uma ficha encontrada no arquivo da Casa da Cultura, provavelmente fruto de pesquisa ou de relato do próprio Aristeu Nogueira, descreve títulos, data do inicio de funcionamento e respectivos responsáveis por alguns jornais ou informativos existentes na cidade até a década de 1990. São eles:

> *O Iraraense* (1898), Profº. José Gomes de Assis e D. Amélia Augusta de Carvalho; *O Condor* (31/08/1905), A. Carvalho e A. Góes; *O Irará* (04/09/1908), Dr. Durval Fraga e outros; *Phanial* (1908), T. Teixeira; *A Borboleta* (1908), Profº José Gomes de Assis e Agenor Alpoim; *Cidade de Irará* (15/08/1920), Dr. Motta Gomes e José Alves Martins; *A Iniciativa* (1932), Luiz G. Carvalho; *A Flammula* (15/06/1935); *O Irará Jornal* (06/11/1938), Aristeu Nogueira Campos; e *Irará Informativo* (30/11/1990) José Aristeu de Araújo.

De todos os jornais listados acima, três deles, são possíveis de serem encontrados. *A Flammula*, em mãos de Emanuel Pinheiro Campos, professor na cidade[60]; *O Irará Jornal*, no acervo pessoal de Amadeu Nogueira Filho em Feira de Santana[61] e na Biblioteca Casa de Vó Rosa Maria em Irará (cópias)[62]; e o *Irará Informativo*, em arquivo da Casa da Cultura. Aristeu chegou a colaborar com alguns artigos em *A Flammula*, a exemplo de "Irará cidade cativante", publicado no ano de 1937[63]. Já o Irará Informativo, não contou com atuação dele. Diferente dos outros dois, O Irará Jornal teve participação direta e freqüente de Aristeu Nogueira.

[60] Pesquisa a exemplares deste jornal foi tentando junto ao professor, mas de acordo com o mesmo os números estavam emprestados. Ele prometeu disponibilizá-los assim que os jornais chegassem a suas mãos, fato que não aconteceu até a escrita desta monografia. A existência do jornal também é atestada pela aplicação do mesmo em artigo de Rafael Fontes, integrante da bibliografia deste trabalho.

[61] O acervo de *O Irará Jornal* em mãos de Amadeu Nogueira Filho é iniciado a partir do número 198, correspondendo ao período entre 28 de novembro de 1942 a 16 de fevereiro de 1946. As edições estão devidamente encadernadas, perfazendo um grosso volume de material, e só podem ser consultadas no local com combinação prévia e a devida autorização do Senhor Amadeu Nogueira Filho.

[62] A Biblioteca Casa de Vó Rosa Maria funciona na residência de Fernando Nogueira Dantas em Irará. Lá existem algumas cópias de algumas poucas edições de *O Irará Jornal*, datadas do ano de 1944 e 1945.

[63] FONTES, Rafael. Op. cit. p. 3.

O Irará Jornal funcionou sob responsabilidade de Amadeu Nogueira de novembro de 1938 até janeiro de 1943, quando este se afastou, vendendo-o a seu irmão, Aristeu. O informativo tinha periodicidade semanal, saindo todo sábado, dia da feira-livre em Irará. A formatação era de um tipo diferenciado (25 x 35 cm), nem standart (60 x 38cm) e nem tabloide (47 x 31,5 cm), constituída em uma lâmina de papel jornal, e uma dobra, perfazendo quatro páginas. Nas edições observadas, não foram encontrados dados referentes à tiragem confeccionada. Alguns números apresentam fotografias relativas aos fatos ou personagens noticiados em matérias de capa. Os anúncios, quase todos oriundos do comércio local, eram cobrados por linha, com preços distintos para a primeira e quarta página e valor equivalente para a segunda e terceira. A distribuição dos reclames não comprometia a diagramação do jornal, evitando assim a aparência tipo "classificado", ainda hoje existente na maioria dos veículos impressos no interior da Bahia.

Os créditos do jornal vão sendo modificados de acordo com o período de edição do mesmo. No número 192, relativo a novembro de 1942 e edição inicial entre os encontrados, consta a seguinte distribuição: "Gerente, Luiz Gonzaga de Carvalho; Proprietário, Amadeu Nogueira de Campos; Redator Chefe, Bel. Aristeu Nogueira". Depois as posições vão sendo alteradas. Na edição de número 304, de 27 de Janeiro de 1945, Aristeu Nogueira aparece como Diretor e Luiz Gonzaga como tipógrafo. Já no dia 27 de outubro do mesmo ano, edição 341, Luiz Gonzaga de Carvalho é indicado como Diretor do Jornal. Há edições cujo nome de Odete de Almeida, é descrito como proprietária do Jornal. No expediente também aparecem informações como: "registrado de Acordo com Lei de Imprensa" e "jornal independente, literário e noticioso".

A linha editorial de *O Irará Jornal* abordava desde os problemas do cotidiano da comunidade iraraense até noticiais internacionais. Havia também a inserção de artigos de publicações da capital, como textos de Jorge Amado transcritos de *O Imparcial* ou de *Seiva*.

Algumas colunas tinham espaço freqüente, outras apareciam durante certo período. No segundo grupo podem ser citadas as colunas: “Fatos do CDC”, noticiando atividades do Centro de Diversões e Cultura; “Vida Católica”, abordando temas bíblicos; “Secção Desportiva”, com notícias e comentários sobre esporte; e “Curiosidades”, informando sobre fatos curiosos, a exemplo do caso da “abelha só trabalhar à noite”. Entre as mais freqüentes, vale destacar a “Mundo em Foco” e “O povo reclama”.

A coluna “Mundo em Foco” era abastecida com noticias curtas de vários lugares do mundo. Aparecem cidades como: Washington, Rabat, Buenos Aires, Argel, Nova York, Denver, Moscou e Montevidéu. As notas eram coletadas junto a uma agência de notícia, cujo crédito era visto logo no inicio da coluna, informando ser aquele um “serviço especial da *InterAmericana* para *O Irará Jornal*”. A coluna “Povo Reclama” dedicava-se a publicação de queixas comunitárias. Costumava aparecer nesse espaço reclamações sobre problemas como a falta de higiene no matadouro municipal, denúncia do uso de chiqueiros na sede do município e falta de policiamento na cidade, entre outras.

Em várias oportunidades, as questões populares também eram tomadas como assunto principal do jornal. Durante algumas semanas, o aumento do preço do querosene foi tema de capa de *O Irará Jornal*. Na época o produto era indispensável para a iluminação das residências iraraenses, já que a cidade ainda não dispunha de luz elétrica. O jornal iniciou uma campanha pela redução do preço do produto, comparava aos valores comercializados na capital e ainda denunciava o nome dos comerciantes que estavam vendendo o querosene por preços abusivos[64].

O Irará Jornal se apresentava como “um semanário independente”[65], cuja orientação era “defender os interesses do povo de Irará, trabalhar pelo progresso do município”[66]. Diante da leitura de alguns dos textos chega-se a dedução de que *O Irará Jornal* fazia um jornalismo

[64] Ver Irará Jornal edições 194 a 197.
[65] Diretrizes do nosso semanário. **O Irará Jornal**. Irará, 327, jul. 1945
[66] Idem.

a serviço da comunidade, voltado para o interesse público. E isto, deve ter sido motivo de alguns problemas para Aristeu Nogueira, conforme assinala o manifesto publicado na edição 320 de *O Irará Jornal*, com data de 19 de maio de 1945.

> Agressão a um jornalista
> Manifestação de Desagravo
>
> Recebida com justa indignação a notícia da agressão sofrida por Aristeu Nogueira. Desde as primeiras horas de domingo que o povo desta terra procurou a sua residência para levar à sua esposa o conforto moral, hipotecando-lhe solidariedade (...).
>
> Terça-feira 15, quando o nosso companheiro retornou a esta cidade, várias foram as pessoas que lhe procuraram para levar-lhe restrita solidariedade (...). O professor Artur Oliveira que verberou contra o infeliz método usado pelo Srs. Adalberto e Agenor, método incompatível com a civilização, contra o sentimento de masculinidade, só encontrando guarida no cérebro de homens tarados. Agradeceu o homenageado, prometendo continuar na luta pelo direito, justiça e liberdade do povo de Irará.[67]

O tipo de agressão descrita ou o motivo específico da mesma não foi possível averiguar, nem através das cópias dos jornais lidos e nem por depoimento de outras pessoas. A nota acima transcrita não dá maiores informações, vale observar que ela trata Aristeu como "jornalista", o que também acontece em outros momentos do jornal. Esta indicação e o fato de não haver "jornalistas" no expediente do jornal deixam claro que Aristeu não só dirigia *O Irará Jornal*, mas também era um dos responsáveis pela escrita de alguns textos do mesmo.

Como jornalista e diretor jornalístico, Aristeu foi convidado a participar do 1º Congresso Baiano de Imprensa previsto para acontecer em maio de 1945 na ABI (Associação Baiana de Imprensa). *O Irará Jornal* noticia o convite já em janeiro de 1945, pontuando que o Diretor terá "oportunidade de apresentar uma série de sugestões para o conclave. Os jornalistas do interior devem preparar-se para o grande certame"[68].

Reconhecido no Estado e sendo convidado a estar junto dos jornais da capital, *O Irará Jornal* se mostrou panfletário quando do advento da Segunda Guerra Mundial. Neste tópico, os escritos tomaram partido em favor dos Países Aliados (Estados Unidos, Inglaterra, União

[67] Agressão a um jornalista: manifesto de desagravo. **O Irará Jornal**. Irará, 320, mai. 1945.
[68] 1º Congresso baiano de imprensa. **O Irará Jornal**. Irará, 304: jan, 1945. p. 01.

Soviética, França Livre e China), valendo-se de textos, referindo-se aos soldados do eixo Roma-Berlim com adjetivos como "bandidos covardes" e "assassinos", entre outros. Nas edições do período de guerra, apareciam anúncios do tipo: "Viva o Exército Vermelho" e "Combata a Quinta Coluna". Os ânimos estiveram ainda mais exaltados após o advento do torpedeamento de navios mercantes nacionais na costa brasileira, momento no qual, como lembra o professor Luis Henrique Dias Tavares, na sua *História da Bahia*, "a guerra, a guerra mesmo", alcançou o Brasil. [69]

Em Salvador, o afundamento dos navios brasileiros teve forte repercussão. Alguns dos cerca dos 20 navios afundados foram abatidos na costa baiana. Durante algum tempo, corpos de brasileiros, vitimados pelo ataque às embarcações, chegavam às praias da capital[70]. O fato causava revolta na população e estimulava a juventude ir às ruas, para exigir do governo Vargas a declaração de guerra aos exércitos do eixo. Populares chegaram a depredar a loja Dannemann & Cia., fábrica de charuto de descendentes de alemães, aconteceram também passeatas, enterro simbólico de Hitler, comícios entre outras ações.

Diante dos acontecimentos e da pressão popular, Getúlio Vargas adere aos Aliados, declarando guerra contra os alemães, italianos e japoneses, depois, decidindo pelo envio de tropas brasileiras ao confronto. Tomados de entusiasmo patriótico, jovens iraraenses se apresentaram como voluntários para o *front*. Fernando Nogueira Dantas, primo de Aristeu, foi o primeiro voluntário do Batalhão de Feira de Santana, indo para o campo de batalha em solo italiano, atuando como enfermeiro de guerra no Serviço de Saúde do Exército[71]. Ao decorrer do combate outros se apresentavam e alguns eram convocados para a luta. Através de *O Irará Jornal*, Aristeu Nogueira organizava campanhas para inscrever voluntários, produzia desfiles

[69] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p. 428.
[70] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 201.
[71] DANTAS, Fernando Nogueira. Fernando Dantas: depoimento [mai. 2005]. Entrevistador: o autor. Irará, 2005. 1 cassete sonoro (60 mim).

e eventos, em homenagem aos iraraenses convocados para o combate, e providenciava documentos e registros de pessoas em idade eleitoral com vistas ao alistamento.

A edição 268 de *O Irará Jornal*, de 20 de agosto de 1944, traz a lista de trinta jovens, com idade entre 21 e 23 anos, convocados para se apresentar no mês de outubro daquele ano. No mesmo texto, é noticiada a iniciativa do jornal de fazer uma festa para homenageá-los.

> Esses jovens constituem uma representação valiosa de nosso povo na guerra atual, pelo esmagamento do fascismo e libertação dos povos oprimidos. Eles levarão para os quartéis e para as frentes de batalha o nome de Irará, a cidade que não foi contaminada pelo fascismo indígena – o integralismo (...). Irará Jornal – cooperando com o glorioso Exército Nacional na campanha psicológica inicia agora um movimento em todo o município para a FESTA DO RESERVISTA CONVOCADO que deverá ser realizada em 21 de setembro do corrente ano, como uma despedida de nossos reservistas e uma manifestação patriótica de solidariedade a nossos soldados[72].

A festa só veio a ocorrer no dia 01 de janeiro de 1945. As atividades foram compreendidas de Missa Campal, desfile pelas ruas da cidade, almoço, Sessão Cívica e baile dançante. Atuaram na organização do evento, em conjunto com o jornal, a Prefeitura Municipal, a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e a Filarmônica União Iraraense. Os jovens receberam medalhas de Nossa Senhora da Purificação dos Campos, padroeira do município, em suas lapelas. Fernando Sant'anna, residindo em Salvador, foi a Irará para ser o orador oficial do almoço. Aristeu Nogueira presidiu a Sessão Cívica, no Salão Nobre da Prefeitura, explicando o significado e o objetivo da festa. Alguns jovens da comunidade iraraense participaram com discursos e intervenções artísticas, cantando e recitando poesias. Ubaldino de Almeida (Pitaco) e o maestro Almiro Oliveira compuseram um hino em homenagem aos convocados. À noite foi realizado um baile dançante na sede da União Iraraense.

Ao final da guerra, as entidades voltaram a se reunir para organizar a festa da vitória. Em texto entusiasmado, *O Irará Jornal* descreve que o evento foi composto de "uma passeata

[72] A festa do reservista convocado. **O Irará Jornal**. Irará, 268, ago 1944.

espetacular e um comício monstro"[73]. O desfile contou com a participação das escolas locais, com banda de tambores, a bandeira brasileira, "retratos do Presidente Dr. Getúlio Vargas, bandeira da Rússia, um cartaz com os seguintes dizeres: 'As crianças de Irará, saúdam-te Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira' "[74]. Ainda o mesmo texto relata: "Um grande V com o retrato do General Eisenhower com as bandeiras Inglesa, Americana, Brasileira e Russa. Um cartaz que se lia: 'Salve Rússia: Mãe dos Exércitos Soviéticos, libertadores da humanidade'"[75].

Durante todos os acontecimentos e manifestações populares, desde o torpedeamento dos navios brasileiros até a vitória dos aliados, "o Partido Comunista soube aproveitar a brecha na estrutura repressiva do Estado Novo e lançou-se corajosamente à luta de massas contra o fascismo"[76]. Em Salvador, ainda que de modo clandestino, a atuação partidária se dava nas organizações estudantis através de seus militantes, na influência dos comunistas na Campanha de Ajuda aos Soldados das Nações Unidas e na organização de comícios, entre outras atividades. Em Irará, a julgar pelas notícias veiculadas em *O Irará Jornal* e pela posição central de Aristeu Nogueira na organização daqueles eventos, os comunistas também estavam presentes na articulação das manifestações.

Não há registros específicos de quando os ideais comunistas começaram a ser difundidos em Irará. O próprio Aristeu Nogueira, questionado sobre o assunto, respondeu que: "Tinha um rapaz aqui que era operário e que era filho daqui. Ele trabalhou em Salvador em algumas fábricas e trouxe o comunismo e influiu muito em Oscar Sant'anna"[77].

Tio de Fernando Sant'anna, Oscar foi Vereador e depois prefeito de Irará em 1928, renunciando em 1930. Ele era, nas palavras de Aristeu, "um dos intelectuais de Irará"[78].

[73] Festa da Vitória. **O Irará Jornal**. Irará, 318, mai. 1945.
[74] Idem.
[75] Idem.
[76] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 195.
[77] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[78] Idem.

Entretanto, a influência daquele jovem operário não parece ter representado maiores efeitos sobre Oscar. Fernando Sant'anna diz que o tio, apesar de ter somente o curso primário, lia muito e tinha uma grande biblioteca, mas ele "não era de esquerda[79]". Perguntado sobre quem teria levado o comunismo à Irará, Fernando responde: "Na minha memória, devem ter tido outros, mas eu tenho impressão de que foi Aristeu Nogueira[80]".

Ainda que não tenha sido o pioneiro na difusão do comunismo em Irará, a volta de Aristeu Nogueira à sua terra natal, no inicio da década de 1940, contribuiu decisivamente para a consolidação de bases do partido na cidade, o que dá sentido às "impressões" de Fernando Sant'anna. A profissão de advogado e a posição de sua família na sociedade local lhe davam condições favoráveis[81]. Enquanto atuava no trabalho censitário e advogava, Aristeu aproveitava para ir organizando um núcleo comunista em Irará. Daí então, junto com Raul Cruz, ele criou uma célula do PCB no município.

"Raul Cruz era um grande comunista, um homem sério, e ele ajudou muito no desenvolvimento do partido aqui"[82], recordou Aristeu Nogueira. De fato, a personalidade e atuação política de Raul Cruz iriam, nas décadas seguintes, possibilitar uma situação que, se não fosse interessante, no mínimo seria cômica. No seu *Janelas abertas*, Juracy Paixão observa: "'*Moscouzinha da Bahia', o Irará - anos 50/60 teve – negativa da contradição* - o notório comunista Raul Cruz como Delegado de Polícia. O cargo era político, o que demonstra o peso da nomeação"[83]. Assim como Raul Cruz, outro líder comunista também "captado por Aristeu", na lembrança de Fernando Sant'anna, foi Tertuliano Teixeira. Este, conhecido como o "Tiano da venda", permaneceu em Irará até os anos 1960, quando a Direção Estadual do Partido lhe requisitou para fazer trabalhos de organização na zona de

[79] SANT'ANNA, Fernando. Fernando Sant'anna: dep. cit. Entrevistador: o autor.
[80] Idem.
[81] Idem.
[82] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[83] PAIXÃO, Juracy de Oliveira. **Janelas abertas.** Fortaleza: Juracy de Oliveira Paixão, 2006. p. 109.

influência da Petrobras no Recôncavo baiano. Tiano deixou como sucessor Pedro Ferreira[84], espécie de funcionário e filho adotivo, que seguiu carreira política, conhecido como Pedro de Tiano[85].

Comunistas, influenciados por Aristeu, iam difundindo os ideais a outros. Aos poucos o partido se organizava e transmitia à cidade o caráter, que nas décadas seguintes, lhe permitia receber apelidos como "mouscouzinha da Bahia" e "cidade vermelha". O alicerce político constituído por Aristeu reflete a sua atuação em Irará naquela década de 1940, cujo espectro de ação foi além do jornalismo e da atividade partidária. Aristeu também influi na vida pública da cidade participando da diretoria da Filarmônica União Iraranese, criando o CDC (Centro de Diversão e Cultura)[86], dirigindo entidades como a Cooperativa Mista Agrícola de Irará e a Comissão Pró Estrada de Ferro.

A Cooperativa Agrícola havia sido fundada em 02 de Junho de 1940, com o nome de Sociedade dos Agricultores e Criadores de Irará (SACI). Depois o nome foi alterado para Cooperativa Mista Agrícola de Irará. Nas edições 201 e 202 de *O Irará Jornal*, Aristeu Nogueira escreve um extenso artigo defendendo a importância do movimento cooperativo para a agricultura local. A cooperativa realiza exposições mobilizando criadores e produtores da região. Através da cooperativa, Aristeu busca melhorias para a cidade, realizando assembléias e enviando telegramas às diversas autoridades, a exemplo da solicitação de estrada e do posto de Defesa Vegetal para a cidade, sem indicações de que o encaminhamento tenha sido atendido.

> agricultores de Irará reunidos em assembléia Cooperativa Agrícola solicita todo interesse vossencia sentido ser instalado nesta cidade um posto defesa vegetal para

[84] PAIXÃO, Juracy de Oliveira. **Pedro de Tiano, comunista de velha guarda**. Texto enviado por e-mail ao autor. fev, 2006.

[85] Pedro de Tiano, falecido em um acidente automobilístico ocorrido no mês de setembro de 2005, foi candidato a vereador pelo PSD em 1962, mas não foi eleito. Depois, chegou à Câmara Municipal por dois mandatos (1973 a 1976 - 1977 a 1982) pelo MDB e também foi vice-prefeito de Irará (1989-1992) pelo PMDB.

[86] Ver tópico 4.2 "O Centro de Diversões e Cultura - CDC".

> amparo lavoura e orientação plantação de algodão completo. Saudações. Aristeu Nogueira – Presidente Cooperativa[87]

A Comissão Pró Estrada de Ferro visava uma outra reivindicação do município. Estavam para ser iniciadas as obras de instalação de uma linha ferroviária interligando os municípios de Alagoinhas e Feira de Santana. A comissão, instalada em Sessão Solene no dia 01 de janeiro de 1945, presidida por Aristeu Nogueira, enviou telegrama ao Presidente Getúlio Vargas pedindo que a estrada de ferro passasse por Irará. As obras chegaram a ser iniciadas no município. No entanto, com o advento do favorecimento à indústria automobilística no Brasil, potencializado na década seguinte, elas foram interrompidas e nunca mais retomadas. O cantor Tom Zé lembra do fato numa de suas canções: "De Feira de Santana pá Alagoinhas/ tinha uma estrada/ quando eu era pequeno Ernesto/ que era uma coisa/ todo dia fazia de novo/ fazia de novo/ e nunca passou um trem".[88]

De tal modo, atuando na política, no jornalismo e no movimento social, Aristeu Nogueira permaneceu em Irará até 1945 após o fim da II Guerra Mundial. As conseqüências políticas do pós-guerra levariam o Partido Comunista à legalidade e Getúlio Vargas seria deposto, entre outros acontecimentos. Legal, o partido procuraria montar seu novo diretório na Bahia. O Secretário Geral, Giocondo Dias, mandou chamar Aristeu em Irará, para atuar no Partido. Desta vez, Aristeu não chegaria a Salvador sozinho. Agora, ele estava acompanhado de sua esposa, Odete Almeida, dez anos mais jovem que ele. Aristeu a conheceu durante o trabalho do censo. Quando se mudaram para Salvador, o casal já tinha três filhos: Vera Felicidade, Diógenes e Antônia Tereza.

[87] Telegrama enviado por Aristeu Nogueira ao Secretário de Agricultura do Estado da Bahia. **O Irará Jornal.** ed. 200. 23 jan. 1943.
[88] ZÉ, Tom. ***A volta do trem das onz: (8,5 milhões de km2) [Pagode a Adoniran] – citação***. Álbum Estudando o Pagode. São Paulo: Trama, c2005. 1 CD (63 min)

3.3 - UM BREVE TEMPO DE LEGALIDADE

O ano de 1945 registra muitos acontecimentos da história política do Brasil. No mês de abril foi decretada a anistia. O ato possibilitou a volta de exilados e liberdade de presos políticos, entre eles Luiz Carlos Prestes. Foram criados novos partidos políticos como a UDN (União Democrática Nacional), formada da união de políticos liberal-democráticos de oposição ao regime estadonovista; o PSD (Partido Social Democrático), gerado no ventre das interventorias federais nos estados; e o PTB (Partido Trabalhista do Brasil), criado no Ministério do Trabalho da ditadura Vargas[89]. O PCB (Partido Comunista do Brasil) passou a ser um partido com registro reconhecido, instalando o comitê baiano, no dia 02 de julho, data comemorativa da Independência da Bahia.

> A sessão pública foi realizada no Salão Nobre da Associação dos Empregados do Comércio. O recinto e as dependências dessa entidade foram pequenas, e os que não puderam entrar assistiram a sessão do lado de fora, através de alto-falantes, instalados para esse fim (...). Abriu a sessão o secretário geral do Comitê, Giocondo Dias, que após compor a mesa dos trabalhos, em nome do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil declarou instalado o Comitê Estadual, constituído, além dele pelos seguintes membros: João da Costa Falcão, secretário de organização; João Severiano Torres, recém eleito para o Comitê Nacional, Manoel Batista de Souza, secretário sindical; Vale Cabral, Antonio Pascasio Bittencourt, Nelson Chaum, Aristeu Nogueira, João do Carmo e Demócrito Carvalho. Estes nomes foram anunciados sob fortes aplausos dos presentes.[90]

Antes de tomar posse no Comitê Estadual, Aristeu teve uma primeira reunião e depois passou a atuar junto a Giocondo Dias, traçando metas e definindo estratégias para o trabalho partidário, conforme relatou Aristeu:

> Conversamos assim mais de uma hora. Ele já tinha informações minhas de outras pessoas (...). Ele disse: "eu queria que você viesse organizar o partido aqui, que está numa situação difícil, principalmente de finanças". Eu digo: "Tá bem. Eu venho. Ele disse: "Olha a sede aqui é do MOMENTO [*jornal ligado ao PCB na Bahia – ver tópico 3.4*], mas não pode continuar o MOMENTO como sede do partido. Isso é uma estupidez. O jornal é comunista, o jornal ta ativo, pra chegar ao partido é muito simples. A polícia dá uma entrada no MOMENTO e eu tô preocupado com isso porque é perigoso". Eu disse: "É, realmente é. Mas olhe, eu tenho uma atividade muito legal aqui porque eu militei aqui, já conheço muita gente. Tudo legalmente". Aí com a influência que eu tinha, eu consegui ali na Avenida Sete, nas Mercês. Ali em

[89] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p. 450.
[90] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 280, 281.

> um prédio tinha um sindicato, em cima. Eu aí formei uma comissão de finanças no partido. Organizei a comissão de finanças, conseguimos o dinheiro pra alugar uma sede, aluguei a sede, consegui fiador, com pessoas que eu conhecia e influência do partido.[91]

Integrante do Comitê Estadual e coordenando a comissão de finanças do Partido em Salvador, Aristeu não se afastou completamente de Irará, manteve contato e acompanhou o desenvolver dos trabalhos dos companheiros, os quais haviam ingressado no partido através dele. Assim, ele e sua esposa, Odete Almeida, marcaram presença na instalação do Comitê Municipal, no dia 21 de setembro de 1945, sendo que o nome dela também figurava na Direção Municipal. Além de Odete, compunham a executiva: Raul Ferreira Cruz - Secretário; Elzar Ferreira dos Santos; Bernadino Martins da Silva e Tertuliano Teixeira Filho.

A solenidade de instalação foi noticiada na edição 337 de *O Irará Jornal*, de 29 de setembro. O texto descreve o evento, acontecido no Cine-Teatro da cidade, de forma entusiasmada relatando que "apesar das chuvas torrenciais", a sessão "foi muito concorrida", contando "mais de 300 pessoas, enchendo toda a casa e aglomerando-se em torno do edifício"[92]. O relato ainda informa as presenças de "delegações da Capital do Estado, de Alagoinhas, Feira, Água Fria e outras localidades"[93]. Ainda segundo *O Irará Jornal*, "a solenidade foi irradiada pelo serviço de alto-falante de Feira de Santana" e o evento foi encerrado pela Filarmônica União Iraraense que "ofereceu na sua sede um baile aos comunistas"[94].

> A solenidade foi presidida e iniciada pelo Dr. João da Costa Falcão, dirigente do Comité Estadual (...). Em nome do Comité local falou o dirigente Tertuliano Teixeira, que definiu os objetivos do Partido Comunista (...). Continuando a solenidade falou o dirigente estadual Aristeu Nogueira sobre o problema da terra e prestou uma emocionante saudação ao expedicionário – Daniel Cerqueira – recém chegado da Itália, que se encontrava presente, na mesa de instalação. O Secretário do Partido em nosso município Raul Cruz, em nome dos comunistas de Irará, prestou uma tocante homenagem a – Manuel Reinaldo Pinheiro – grande líder trabalhista na Capital do Estado, falecido há bem pouco tempo e que era filho de nossa terra. Usou da palavra D. Odete Almeida, que proferiu um grande discurso sobre a família, a religião e a

[91] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[92] Instalado o partido comunista nesta cidade. **O Irará Jornal**. Irará, 337, set. 1945.
[93] Idem.
[94] Idem.

> assembléia constituinte (...). E usou também da palavra o Dr. Fernando Alves, Promotor de Feira, que depois de reivindicar leu um lindo poema de sua autoria sobre o Cavaleiro da Esperança.[95]

É importante chamar a atenção para uma informação veiculada na notícia de instalação do Partido Comunista, em tempos de legalidade, na cidade de Irará. Trata-se do endereço da sede do partido (Rua Vitoriano Campos 85)[96], pois é a mesma localização que aparece em nas edições pesquisadas como sendo a "redação e oficina" de *O Irará Jornal*[97]. Sendo a sede do Partido e do jornal no mesmo endereço, indica que Aristeu, ou seus camaradas iraraenses, não dedicaram o mesmo cuidado que ele afirmou ter observado no mesmo tipo de relação em Salvador, ao separar as sedes do jornal e do partido.

No caso de Irará, a constatação ainda é mais veemente. Isto pelo fato de que *O Irará Jornal*, além de não ser um instrumento do partido, fazia questão de mencionar não ter "cor partidária"[98]. Na notícia de instalação do Partido, por exemplo, o jornal faz questão de lembrar ao leitor seu caráter apartidário, apesar de, na mesma nota, fazer uma defesa velada do comunismo.

> Nós apesar de não termos nenhum partidarismo político, não podemos deixar de registrar a ordem, o aspecto de brasilidade de toda a sessão e a homogeneidade de pontos de vista de todos os oradores. A instalação do Partido Comunista entre nós, deixou patenteado, que o comunismo não é o terror e nem a miséria que tanto se propala por aí.[99]

Além da localização, a proximidade de *O Irará Jornal* e o Partido Comunista, recém instalado no município, também aparece na Coluna "Noticiário do Partido Comunista". Não foi possível apurar se o partido pagava pelo espaço ou os motivos pelo quais outras agremiações políticas não tinham a mesma oportunidade no semanário. Entretanto, a presença

---

[95] Idem.

[96] Segundo informações de iraraenses mais velhos, trata-se da Rua hoje denominada como Rua Cel. Elpidio Nogueira, antes conhecida como "Rua Direita". Atualmente existe na cidade uma Rua Vitoriano Campos, trata-se da via que liga a Praça Pedro Nogueira à Rua 08 de Agosto (descida do alambique), iniciando ao lado do Sobrado dos Nogueiras.

[97] A cópia do jornal, na qual foi encontrada a noticia de instalação do partido, não continha a página onde costumava vir o endereço da redação. Entretanto, cópias referentes a datas anteriores e posteriores (outubro de 1945), informavam a Rua Vitoriano Campos 85, como sendo sede de *O Irará Jornal*.

[98] Diretrizes do nosso semanário. **O Irará Jornal**. Irará, 327, jul. 1945

[99] Instalado o partido comunista nesta cidade. **O Irará Jornal**. Irará, 337, set. 1945

da coluna dedicada ao PCB, além de configurar um canal de comunicação do Partido com a população, nitidamente deixava o jornal numa situação mais confortável diante da opinião pública, já que a direção não se responsabilizava "pelos conceitos emitidos nos artigos assinados".

"O noticiário do Partido Comunista", geralmente aparecia na pagina três ou quatro de *O Irará Jornal*. As informações versavam sobre atuação, eventos realizados, divulgavam fatos ou relatavam reuniões e comícios acontecidos nos distritos e na sede de Irará. Em alguns destes comícios eram registrados discursos de Odete Almeida, esposa de Aristeu. Naquele momento, o país começava a campanha pela nova Constituição, eleição da Assembléia Constituinte e também para a Presidência da República. As notas do Partido Comunista falam da importância da nova Constituinte para o Brasil e pedia votos para os deputados comunistas. Aristides Nogueira (primo de Aristeu, filho do tio José Nogueira), que também fez carreira política e foi presidente da Câmara de Vereadores de Irará pelo PMDB (1989-1992), recorda alguns fatos.

> O Partido Comunista ficou funcionando aqui. Eu era mulecote, mas andava no meio. Foi na ocasião que foi candidato a Presidente da República Yeddo Fiúza, aquele pessoal todo... Aristeu escalava! Reunia, por exemplo: precisava de dez rapazes. Reunia assim, aí ele escolhia. Quando foi um dia teve uma reunião pra pinchar a rua. Aí eu fui convidado para carregar a lata de tinta. Eu disse assim: "ah! eu não vou não!". Ele disse: "você vai. Aqui é pra obedecer a ordem do maior, quando o maior fala tem que obedecer a ordem". Aí mãe soube: "meu filho não vai mais" (risos).[100]

Estas eleições tiveram como candidatos à Presidência da República, Eurico Gaspar Dutra (PSD), ministro da Guerra e um dos responsáveis pela deposição de Getúlio; o brigadeiro Eduardo Gomes (UDN), opositor à Vargas e último dos sobreviventes dos 18 do Forte de Copacabana em 1922; e o engenheiro Yeddo Fiúza (PCB). Em *O Irará Jornal* aparecem anúncios, "vote no Brigadeiro Eduardo Gomes", não aparecendo o mesmo tipo de chamada para o candidato do PCB. Na coluna reservada ao Partido há pedidos de votos para

[100] NOGUEIRA, Aristides. Aristides Nogueira: depoimento [set. 2006]. Entrevistador: o autor. Irará, 2006. 1 cassete sonoro (60 mim).

João Falcão à vaga de Deputado Federal constituinte. Uma nota destaca a passagem de Falcão por Irará, informando que ele "foi designado pelo nosso partido para ser deputado".[101]

Naquele pleito, o Partido Comunista decidiu lançar candidatos preferenciais. Isso queria dizer que independente de suas preferências os filiados deveriam votar em: Prestes[102], Marighella, Arruda Câmara e Juvenal Souto Junior[103]. De acordo com João Falcão, por conta desta determinação, ele perdeu até o voto dos seus irmãos. Ainda assim, fez campanha e conseguiu 870 votos, o que ele classificou como "uma decepção". [104]

Aristeu Nogueira também foi candidato à Constituinte Federal. Certamente, uma candidatura só para fazer número, devido à razão de o seu caso ser ainda mais emblemático do que o de João Falcão. Isto pelo fato de que, segundo nota de *O Irará Jornal*, descrita acima, até o Comitê Municipal de Irará não pedia votos para ele e sim para um outro candidato (Falcão), cujo nome nem figurava entre os preferenciais do Partido.

Ao final da apuração daquelas eleições, realizadas no dia 02 de dezembro, Aristeu obteve apenas sessenta votos[105]. Eurico Gaspar Dutra foi eleito Presidente da República. Na Bahia, a UDN elegeu doze deputados, entre eles Juracy Magalhães e Otávio Mangabeira; o PSD, nove, destaque para Régis Pacheco; o PTB elegeu Getúlio Vargas, que renunciou, assumindo o suplente Luis Lago; e o PCB elegeu Carlos Marighella, sendo que o baianos Jorge Amado e Milton Caires de Brito, foram eleitos por São Paulo[106].

No geral, para o Partido Comunista o resultado das eleições foi satisfatório, mesmo estando em minoria, com 15 deputados, na composição da Câmara Federal, onde a UDN tinha 177 representantes; o PSD, 87; o PTB, 24; e o bloco formado por PR,PL,PSP,PDC e PPS

[101] Noticiário do Partido Comunista: João Falcão. **O Irará Jornal**. Irará, 340, out. 1945.
[102] Prestes também foi candidato pela Bahia, já que a Legislação da época permitia que o candidato disputasse o senado por mais de um estado.
[103] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 307.
[104] Idem.
[105] Informação obtida junto a Coordenadoria de Cadastro Eleitoral - TRE - BA, através de e-mail enviado ao autor: mai, 2007.
[106] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 444.

somavam 17 constituintes[107]. O partido chegou a alcançar o índice de 10% dos votos totais da nação e Prestes foi eleito o Senador mais votado do país. Feitos históricos para um partido que, mesmo na legalidade, enfrentava fortes discriminações de setores sociais como a Igreja Católica.

As retaliações ou pressões aos comunistas eram percebidas até mesmo na Assembléia Nacional Constituinte que se formou. Em discurso proferido em 26 de Março de 1946, Luiz Carlos Prestes era com freqüência interpelado por diversos apartes com argumentos sobre a sua condição de comunista e qual relação que o mesmo teria com a União Soviética[108].

Promulgada a 18 de setembro de 1946, a nova Constituição Nacional previa eleições nas unidades federativas para governadores e deputados estaduais a fim de comporem a Assembléia para elaborar a Carta Magna do Estado. Após um período de governos chefiados por interventores, os baianos poderiam novamente eleger seu governador. A disputa se dava entre Antônio Garcia de Medeiros Neto (PTB), antigo aliado de Juracy Magalhães, dele se afastando ao aderir o golpe de 1937, e Otávio Mangabeira (UDN-PSD), deputado federal, opositor aos interventores desde a revolução de 1930, tendo sido preso e exilado[109].

Os comunistas baianos apoiaram Mangabeira. No comício realizado na Praça da Sé em Salvador, no dia cinco de janeiro de 1947, com vistas a apresentar os candidatos a deputado estadual pelo Partido, Luiz Carlos Prestes se fez presente e anunciou: "Acabo de falar com Dr. Otávio Mangabeira, que me declarou que as exigências do Partido Comunista serão respeitadas, que este é um partido democrático e tem direito à existência legal"[110].

As eleições foram realizadas no dia 19 de janeiro e Otávio Mangabeira foi o governador eleito. O PCB levou dois deputados à constituinte estadual: Giocondo Dias e

[107] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 450.
[108] PRESTES, Luiz Carlos. **Contra a guerra e o imperialismo - discurso pronunciado pelo senador da república Luiz Carlos Prestes na Assembléia Nacional Constituinte, no dia 26 de março de 1946**. Rio de Janeiro: Edições Horizonte Ltda, 1946.
[109] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p. 455.
[110] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 143.

Jaime Maciel. Agora, pela primeira vez, os comunistas tinham representação na casa legislativa do estado. Entretanto, o mandato e a atuação do partido continuariam sendo, entre outras lutas populares, de afirmação e luta pela permanência da legalidade dos comunistas.

O governo do presidente Eurico Gaspar Dutra vinha apertando o cerco ao PCB. Dutra iniciou seu mandato governando com a Constituição outorgada em 1937, durante o Estado Novo. A carta lhe dava poderes supremos como, por exemplo, nomear interventores nos estados. No mais, sua nítida oposição aos comunistas, favoreceu para colocar o partido novamente na ilegalidade em 1947, apesar dos direitos previstos na Carta promulgada em 1946. Por decisão do Superior Tribunal Eleitoral, no dia 07 de maio de 1947, o processo contra o registro do Partido Comunista foi vitorioso pelo apertado placar de três votos a dois.[111]

Posto novamente na ilegalidade o Partido e seus militantes passariam por sérias dificuldades. Iniciou-se um período de caça aos comunistas. Prestes e os deputados federais tiveram seus mandatos cassados em janeiro de 1948. O mesmo acontecendo com os deputados estaduais do Partido na Bahia. Dias e Maciel perderam seus mandatos, apesar dos discursos contrários dos deputados Josaphat Marinho (UDN) e Antônio Balbino (PSD)[112]. Dirigentes do partido passaram a sofrer perseguições que suplantavam o nível político e o jornal *O Momento* foi empastelado[113].

[111] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 337.
[112] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 458.
[113] O jornal *O Momento* era um órgão do Partido Comunista, embora não fosse registrado como tal. Foi o primeiro jornal legal do PCB na grande estrutura de imprensa partidária que seria montada no país. Funcionou em Salvador por 12 anos (1954-1947), sendo empastelado por duas oportunidades. Aristeu Nogueira teve papel importante na publicação (ver tópico 3.4).

3.4 – O MOMENTO - GERENCIANDO, DIRIGINDO E RESPONDENDO PELO JORNAL DO PARTIDO

No inicio de 1945, já tendo no horizonte a vitória dos aliados na II Guerra Mundial, o clima era menos tenebroso ao Partido Comunista. Já naquela época, mesmo ainda clandestino, o partido registrava algum crescimento, principalmente entre estudantes, operários, jornalistas e profissionais liberais. Neste clima, o Comitê Regional da Bahia, resolveu editar um jornal[114]. Nomeado de O Momento, ele seria a "verdadeira ponta do iceberg", "primeira peça" da grande estrutura de imprensa que o Partido irá montar no país naquela década[115].

O jornal baiano, com periodicidade semanal, foi instalado à Av. Sete de Setembro (Ladeira de São Bento) nº 16. A primeira edição, circulada a 09 de abril de 1945, tinha 12 páginas em formato tablóide (38 x 30cm). O jornal, embora não fosse registrado e não se apresentasse como um órgão do PCB, seguia as orientações do mesmo sob direção de integrantes do Comitê Regional. A tarefa de iniciar o jornal foi dada ao dirigente João Falcão, então responsável pelo núcleo de agitação e propaganda do Partido na Bahia. Jovem de fácil transito na sociedade baiana, Falcão "possuía a experiência de diretor-fundador da revista *Seiva*, de orientação comunista, que circulava mensalmente em Salvador, de dezembro de 1938 a 1943, congregando intelectuais anti-fascistas".[116]

Os primeiros números de *O Momento*, ainda em fase de afirmação, variando formato e quantidade de páginas, causavam boa impressão e perspectivas entre os comunistas. Ainda no mês de abril, período de inicio dos trabalhos do jornal, Jacob Gorender, comunista baiano que servia ao exército brasileiro na guerra, mandou uma carta da Itália, na qual se dizia "extremamente satisfeito" em receber os primeiros números do semanário, realçando a sua

[114] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 266.
[115] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p. 38.
[116] SERRA, Sônia. Uma escola de jornalismo, um jornal militante. **O Momento Comunista – Edição Especial**, Salvador, set. 1985. p. 6.

confiança na capacidade de seus companheiros em "transformar um órgão de imprensa numa trincheira da luta, em centro de reagrupamento, orientação e combate das grandes massas"[117].

Ao final da II Guerra, logo quando se dá o seu retorno a Salvador, Aristeu compõe a comissão nomeada pelo o Comitê Regional para a organização do semanário. Além dele, fazem parte desta comissão: Alberto Passos Guimarães, João Batista de Lima e Silva e João Falcão[118]. Nos seus primeiros meses de vida, *O Momento* já começa a se identificar com as lutas sociais e políticas.

> Neste ano de 45, o jornal *O Momento* fez ampla campanha pela organização sindical, estudantil e popular, estimulando a criação dos comitês democráticos de bairros e núcleos semelhantes no interior. Participou ativamente da atividade de mobilização eleitoral, conquistando o apoio popular para a luta pela Assembléia Constituinte. Fez campanha para os candidatos comunistas, tirando várias edições extras em novembro, após a deposição de Vargas e o lançamento do candidato do PCB a presidência. [119]

No ano seguinte, mais precisamente no dia 31 do mês de março, O Momento começa a circular diariamente. Agora, como "diário do povo" o matutino demandaria maior atenção. "Tratava-se de um empreendimento arrojado, que requeria muito dinheiro e trabalho. Para apoiar a campanha, para a sua constituição e para angariar recursos foi criada no semanário a secção intitulada *Construtores do Diário do Povo*"[120]. Esta campanha consistia na publicação de nomes e fotografias dos maiores subscritores, com as maiores cotas de capital, ou de quem tivesse contribuído para o crescimento do jornal. Depois foi constituída uma sociedade por cotas, para assumir a responsabilidade do novo empreendimento chamado de *Editora Seiva Ltda*. O nome de Aristeu Nogueira foi o escolhido, na condição de dirigente do Comitê Regional, para figurar como o maior cotista da empresa com representação de 33% num capital de cem mil cruzeiros[121].

---

[117] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 269.
[118] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 267.
[119] SERRA, Sônia. Uma escola de jornalismo, um jornal militante. **O Momento Comunista – Edição Especial**, Salvador, set. 1985. p. 6.
[120] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 309.
[121] Idem.

Esta organização empresarial ficou assim constituída até meados de 1947, quando se deu a cassação do registro do PCB. Após esse fato, o jornal foi então registrado como propriedade de Aristeu Nogueira, no sistema de firma-individual. "Na realidade, conquanto apareça para efeitos legais como propriedade de um grupo limitado de pessoas ou firma individual, *O Momento* é como vimos, propriedade de um partido político"[122]. Entretanto, vale pontuar a atuação de Aristeu nas duas etapas. Primeiro quando se permite aparecer como maior cotista de um jornal visto como produto de um partido perseguido. Depois, quando assume individualmente a responsabilidade por aquele mesmo órgão, com o registro do partido cassado, quando naturalmente deveria saber que teria de responder pelo diário diante de qualquer ato de repressão.

Ainda assim e mesmo perante todos os riscos, Aristeu como militante e funcionário dedicado do partido e ajudando na organização do jornal, não se limitaria a emprestar o nome para figurar como titular do mesmo. Então diante da desistência do gerente anterior e do convite de Giocondo Dias, Secretário Geral do Comitê Regional, Aristeu assume a gerência de *O Momento*, ao mesmo tempo em que o jornal fora constituído como firma individual em seu nome.

A função de gerente teve Aristeu Nogueira como seu titular na maior parte dos 12 anos de existência do jornal[123]. Tendo ele se afastado desse posto, apenas por um breve espaço de tempo, retornando em 1952 e nele permanecendo até 1957, quando o jornal encerra as suas atividades. Em sua dissertação para o Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia- UFBA, cujo tema é o jornal *O Momento*, defendida no ano 1985, a professora Sônia Serra, aborda sobre o papel do gerente.

> O gerente de *O Momento* tinha a função de administrar a empresa "de frente a fundo" fornecendo os recursos financeiros para a sua subsistência. Tinha de controlar os funcionários, organizar o pagamento dos vales, e supervisionar o trabalho da

[122] SERRA, Sônia. **O Momento: História de um jornal militante**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 1985. p. 166.
[123] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 130.

> gerência: caixa, correspondência, arquivo, fichários de pessoal, etc. Tinha que fazer os contatos com os fornecedores, os bancos, os institutos. No dizer de um dos entrevistados o gerente "era aquela figura fantástica, porque este companheiro era quem garantia a saída do jornal. Ele tinha todos os dias uma batalha sem tamanho para conseguir o papel, o lingote de chumbo que alimentava a linotipo, a tinta para impressora e o pagamento para os funcionários e operários". [124]

Ao tempo em que era gerente de *O Momento*, Aristeu também atuava na comissão de finanças do Partido, o que lhe dava uma dupla jornada na difícil missão de captador de recursos, tendo de conseguir dinheiro para o jornal e para o partido também. Para desempenhar tal função ele também se valia de contatos pessoais. Nos momentos mais difíceis do jornal, Aristeu chegou a conseguir dinheiro emprestado no Banco Econômico, avalizado por Euzinio Lavigne, através de um funcionário daquela instituição financeira, antigo colega seu dos tempos do ginásio[125].

Durante certo período, o jornal também recorreu ao jogo do bicho, apesar de sua posição publicamente contrária a este tipo de atividade. Como contrapartida, foi oferecida, através de uma coluna de notas variadas, a divulgação do resultado do jogo. Interessante é que isto, além de servir como compromisso ao patrocinador, a publicação ao mesmo tempo era uma denúncia da impunidade do jogo na Bahia e uma crítica ao governo. No trabalho de coleta, Aristeu Nogueira, Alcebíades Gomes, Maurício Naiberg (na época Augusto Gomes) percorriam Salvador e quase todo interior baiano. Eles arrecadavam dinheiro nas madrugadas soteropolitanas em "rodas boemias" e junto aos comerciantes, especialmente os judeus[126].

No curto período em que o Partido Comunista contou com a presença de representantes em câmaras legislativas, além de destinarem parte do salário parlamentar para o partido, eles também ajudavam *O Momento*. Giocondo Dias e Jaime Maciel, deputados estaduais, e Almir Matos, vereador em Salvador, proporcionaram tal ajuda. Entre os poucos anunciantes publicitários do jornal estava a fábrica de refrigerantes Fatrelli-Vita, porém

[124] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 129. Em nota de rodapé, Sônia Serra informa ter sido o professor Luiz Henrique Dias Tavares o entrevistado em questão, ele atuou em *O Momento* como jornalista.
[125] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[126] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 169.

mesmo assim, o jornal não deixou de denunciar, em 1950, a exploração da empresa com relação a seus empregados. Outra fonte de arrecadação eram doadores mais freqüentes, conhecidos como "Amigos de *O Momento"*. Aristeu organizou alguns desses grupos de amigos.

Com as despesas diárias maiores do que a vendagem e com verba publicitária muito pequena, mais uma alternativa encontrada no sentido de angariar recursos para o jornal foi a venda de assinaturas. Aristeu Nogueira viajou por muitas cidades da Bahia para fazer assinaturas de *O Momento*. Percorreu o estado de Norte a Sul, indo até a fronteira do Espírito Santo, visitou cidades como Jequié, Conquista, Brumado, entre outras[127]. Em entrevista, Aristeu relatou que "em todo lugar que tinha um comuna", ele ia buscar [128]. Nesse mesmo ínterim aproveitava para também organizar o Partido nas cidades onde ainda não existia diretório.

Aristeu usava a sua carteira de advogado e era bem recebido nos municípios. Conversava com as pessoas, fazia palestras políticas sobre a conjuntura da época[129]. *O Momento* então "circulava na capital e no interior do Estado e em certa época chegou até Petrolina, em Pernambuco. Em 1949 tinha uma alta penetração, circulando através da vendagem e assinaturas em 66 municípios dos 150 então existentes e tinha como meta atingir 80 municípios"[130]. Nos anos mais próximos da extinção do jornal, Aristeu continuava a fazer questão de cumprir o compromisso junto aos assinantes. "A tiragem de *O Momento* caiu para 500 jornais. Dava mais de 200 assinantes (...). O meu problema era o seguinte, em primeiro lugar temos de mandar para os assinantes"[131], disse Aristeu que depois reforçaria que ele era "religioso" nisso.

[127] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[128] Idem.
[129] Idem.
[130] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 171.
[131] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.

Outra função desempenhada por Aristeu Nogueira em *O Momento* foi a de diretor do jornal. Ele exerceu o cargo de diretor ao mesmo tempo em que respondia pela gerência. Assim Aristeu acumulava as funções de diretor e gerente no diário, junto com a de tesoureiro do Comitê Estadual. Este acúmulo de obrigações teria prejudicado a atuação dele. "O trabalho de finanças lhe consumia tempo e energia incalculáveis e, além disso, como dirigente partidário tinha outras importantes tarefas que lhe afastavam do jornal"[132].

É de se imaginar que isto significava uma jornada de trabalho muito cansativa. Ele próprio, depois lembraria: "tinhas dias que eu não comia. Eu chegava oito horas da manhã no *Momento* e voltava para casa meia-noite"[133]. Estando durante todo esse tempo no jornal, não é de se duvidar de que ele também tenha ajudado em outros serviços, caso fosse necessário. Isto porque, de acordo com depoimento de José Gorender[134], "para cobrir as deficiências de pessoal e materiais, todos tinham que aprender, saber e fazer de tudo, na redação e, se necessário, mesmo na oficina. As especializações eram poucas"[135].

Todas as dificuldades e deficiências eram acentuadas nos momentos de repressão a que o jornal foi alvo. Isto começou a acontecer de forma mais específica depois que o PCB foi posto na ilegalidade. No mesmo mês, maio de 1947, dias depois da cassação do registro do Partido Comunista, *O Momento* foi empastelado. Numa entrevista em 2001, Aristeu lembra que, após retornar de um café com Mário Alves, entrou no jornal e viu a "máquina lascada ao meio" [136]. Sônia Serra descreve o fato:

> Segundo o relato de testemunhas, às primeiras horas do dia 22 um caminhão do Exército parou à porta do jornal e dele saltaram alguns oficiais e praças, armados de revólveres, cassetetes e machados e ingressaram na redação. Os redatores que lá se encontravam foram imobilizados pela força das armas e os invasores passaram adiante arrombando a porta da gerência e penetrando também na oficina, mandando parar a impressora que estava funcionando. A golpes de machado e usando bastante

[132] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 128.
[133] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[134] Irmão de Jacob Gorender, José foi articulista, redator-chefe e o diretor de O Momento em seus últimos anos em substituição a Aristeu, embora seu nome não aparecesse no expediente como tal.
[135] Gorender, José. O Momento: um celeiro de profissionais de imprensa. **O Momento Comunista – Edição Especial**, Salvador, set. 1985. p. 2.
[136] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.

> violência procuraram inutilizar as máquinas impressoras e a linotipo e destruíram todo o material, móveis e equipamentos de todas as dependências do jornal.[137]

Os prováveis motivos para essa ação do Exército seriam derivados da publicação de matérias, nas quais, o jornal pedia a renúncia do general Dutra, se referindo ao presidente numa linguagem considerada ofensiva[138]. Naquela mesma noite uma comissão parlamentar com vista a repudiar o empastelamento procurou o governador Otávio Mangabeira, a quem os comunistas haviam apoiado nas eleições anteriores. O governante recebeu a comitiva exclamando: "Viva o Exército"[139]. Este fato, dentre outros, contribuiriam para o rompimento decisivo entre os comunistas e Mangabeira.

Um fato memorável deste episódio foi a resistência do jornal. Mesmo com as instalações e maquinário destruído, *O Momento* não deixou de circular um só dia sequer. Logo no dia 23, o jornal saiu como um boletim de uma página em edição histórica, denunciando o atentado, com a seguinte manchete: "Não é possível calar a voz do povo"[140]. O feito heróico contou com decisiva participação de Aristeu Nogueira.

Na data do empastelamento de *O Momento*, *O Irará Jornal* não mais existia, tendo findado os trabalhos após a saída de Aristeu da cidade. Com o fim do jornal, Aristeu levou o maquinário da tipografia, onde era impresso o semanário iraraense, para Salvador. Com aquele equipamento ele fazia algum serviço para complementar a renda familiar, já que o salário que o partido lhe pagava era insuficiente. Foi então que Mário Alves lhe deu uma idéia: "Aristeu, vamos montar esse jornal na tipografia?"[141]. Aristeu aceitou a proposta, desde que Mário escrevesse o jornal, salientando que isso seria um "desespero pra esses oficiais fascistas, assassinos"[142]. Foi combinado que Mário daria o escrito antes da meia-noite e

[137] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 91.
[138] Idem.
[139] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p. 459.
[140] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 92.
[141] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: dep. cit. Entrevistador: Gustavo Falcón.
[142] Idem.

Aristeu, junto com dois tipógrafos, cuidaria da impressão. Às 08 horas da manhã do dia 23, o jornal estava na rua[143].

Assim *O Momento* "continuou a sair com formato e número de páginas irregular, composta à mão, até que fossem recuperados seus equipamentos e instalações. Campanhas de ajuda ao jornal foram promovidas para possibilitar a sua recuperação"[144]. Aristeu Nogueira, além de atuar na coleta de recursos pela recuperação do jornal, também disponibilizou rendas pessoais. Ele vendeu gado e terras, recebidas de herança com o falecimento do pai, Elpidio Nogueira, a 22 de julho de 1944[145], destinando o dinheiro à recuperação do jornal[146].

Enquanto se recuperava, e mesmo depois de recuperado da destruição sofrida, o jornal era alvo de outras agressões. Em 1948, ação policial da Secretaria de Segurança do governo Mangabeira, após ouvir alguns estouros na sede do jornal, tentou invadir o recinto. Este período é marcado por repressões ao partido e seus órgãos em todo país, devido a manifestos lançados pelo PCB e por Prestes em conseqüência da cassação do registro partidário. O governo Mangabeira fechou o cerco, edições eram apreendidas na capital e no interior do Estado. Porém, de acordo com Sônia Serra, é no governo de Régis Pacheco, já com Getúlio Vargas de volta à presidência, que a repressão se intensifica e o jornal sofre novo empastelamento já em 1953[147].

> Laurindo Régis [secretário de Segurança] esperava um pretexto para invadir e fechar o jornal *O Momento* (...). No dia 30 de julho o Comissário Heleno Lima oficiou ao capitão Durval, relatando que após denúncia recebida apreendeu duas carroças "superlotadas de material comunista e subversivo" (...). No dia 31 de julho, de manhã bem cedo, Durval Carneiro, delegado do DOPS, comandando uma caravana especial e um choque da polícia invadiu a redação de O Momento, apreendeu todo material ali encontrado e prendeu todas as pessoas presentes e as que foram chegando, interditando em seguida a sede do jornal. Logo depois foi determinada a apreensão das máquinas (...). Tomado de surpresa o pessoal que se encontrava dormindo no jornal não resistiu à prisão, que se efetivou sem uso de maior violência.[148]

[143] Idem.
[144] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 92.
[145] Desapareceu um dos maiores vultos de Irará: Elpidio Nogueira de Campos. **Irará Jornal** , Irará, ano 6, nº 278, Capa e p. 4, jul. 1944.
[146] CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Depoimento autobiográfico**. Op. cit.
[147] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 94.
[148] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 96.

Aristeu Nogueira, na condição de proprietário do jornal, impetrou um mandado de segurança para que *O Momento* voltasse a funcionar. Em resposta foi concedida uma liminar, provocando forte reação do secretário de Segurança que tentou junto ao presidente do Superior Tribunal de Justiça, a sustação do despacho favorável ao jornal. Ele argumentava que o jornal era um local de crime contra a segurança e onde se desenvolvia atividades subversivas[149]. *O Momento* foi recuperado judicialmente, mas precisou mudar de endereço já que o locador não desejava mais o jornal como inquilino.

Logo no início do ano seguinte, janeiro de 1954, ainda com o jornal sob repressão, Aristeu Nogueira foi preso, devido à publicação do Programa de Salvação Nacional do Partido Comunista. Por vezes, a polícia não se contentava em prender Aristeu, indo também dar buscas em sua residência. Diógenes de Almeida Campos, filho de Aristeu Nogueira, lembra de um desses episódios, quando a família residia na Rua Henrique Dias no Caminho de Areia, acontecido "entre 1952 e 1955"[150].

> Esse delegado, se não me engano era delegado Heleno, de que eu não me lembro. Quando ele entrou [na casa da família] a minha mãe disse imediatamente: "Diógenes abra as portas e as janelas!". Ele: "não senhora". Abriu a porta toda da rua, mandou abrir todas as janelas, pra que? Para que o pessoal da rua visse o que acontecia dentro de casa. Eram três, eles aí entraram logo nos quartos dos fundos, porque aí não ficavam visíveis. Ela chegou na porta da rua e fez um discurso, denunciou a invasão da casa pela polícia. Veio um vizinho e disse: "Dona Odete posso fazer alguma coisa?". O cara foi logo mostrando a identificação pra ele: "Não se meta!". Ela aí fez um discurso. "A pessoa não pode ter suas idéias, defender o povo brasileiro e tal". Fez um discurso e juntou gente na porta. Deixou o trabalho deles extremamente difícil. Chamaram a viatura e carregaram alguns livros e papéis. E disseram: "seu marido já se encontra preso"[151].

Ainda de acordo com Diógenes Campos, os papéis com anotações, os estudos e livros de Aristeu eram sempre levados pela polícia toda vez que a casa deles recebia esse tipo de "visita". Depois, Aristeu saía remontando sua biblioteca pessoal. Como forma de despistar as

[149] SERRA, Sônia. UFBA, 1985. Op. cit. p. 97.
[150] CAMPOS, Diógenes de Almeida. Diógenes de Almeida Campos: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 2 cassetes sonoros (90 mim).
[151] Idem.

constantes perseguições, a família mudava-se com freqüência, residindo em diversos bairros da capital, a exemplo de Liberdade, Barbalho, Rio Vermelho e Roma.

As casas onde eles residiram eram sempre modestas, adequadas ao pagamento que o partido fazia. Por vezes, devido à ardorosa dedicação de Aristeu aos trabalhos partidários, a situação era agravada, tendo os filhos vividos alguns momentos de dificuldade. "Tinha dinheiro para papel, para jornal, mas para comida às vezes não tinha, levava em notas de armazéns, essas coisas"[152], lembra Diógenes. Nesse período, a composição familiar também já havia sido modificada. A filha Ana Tereza falecera ainda criança. E nascera outra filha, Mariana.

Nestas condições vivia o filho de um, senão rico, no mínimo abastado coronel dono de fazendas e comércio no interior. Uma pessoa que havia "largado tudo em Irará, para se tornar um revolucionário profissional"[153]. E como trabalhador partidário, também teve grande atuação no jornal da organização política, a qual ele integrava, até o fim da publicação.

O Momento, com seu "dilema jornal de massas versus jornal de partido"[154], a sua luta contra o imperialismo e a participação em campanhas como o "Petróleo é Nosso" (1949) e pela invasão urbana do Corta Braço (hoje bairro do Pero Vaz), sobreviveu 12 anos "transformando algumas dezenas de jovens, através do trabalho, da prática e da experiência"[155] de jornalistas como Almir Matos, Mário Alves, Jacob Gorender e Alberto Vita, em "excelentes jornalistas"[156]. Em 1985, foi lançado o especial *O Momento Comunista* para comemorar 40 anos de fundação do jornal, no expediente desta publicação, Aristeu Nogueira aparece como "diretor-presidente".[157]

---

[152] Idem.
[153] CONTREIRAS, Luiz. Luiz Contreiras: depoimento [abr. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim)
[154] RUBIM, Antônio Albino Canelas. 1986. Op. cit. p. 39.
[155] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Entrevista de Aristeu Nogueira Campos concedida a Francisco Almeida. p. 3.
[156] Idem.
[157] O MOMENTO COMUNISTA. **Expediente**. Salvador: setembro, 1985. p. 2.

Aos poucos, o “diário do povo” foi entrando em decadência devido às circunstâncias. Entre os motivos que o fez um dia parar de circular sem que ninguém ordenasse, figuram as conseqüências do XX Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) e suas repercussões que abalaram os comunistas no mundo inteiro.

3.5 - RELATÓRIO KRUSCHEV E COMITÊ CENTRAL

Durante os anos da existência de *O Momento* (1945-1957) e algum período depois o PCB viveu tempos de grandes agitações políticas e decisões na sua executiva. Com a cassação do registro do partido em 1947, um dos reflexos da guerra fria, quando os comunistas “passaram a ser acusados de atuar como agentes de uma potência estrangeira”[158], a legenda passou a adotar uma linha de teor sectário.

O posicionamento adotado pelo partido, provoca uma diminuição de sua influência e também nos seus efetivos[159]. O PCB faz duras críticas a política “anti-popular” e “repressiva” do governo Dutra[160]. A liderança nacional comunista lança um manifesto pedindo a renúncia do presidente, mas os apelos não encontram ressonância entre os operários, servindo apenas para atos de repressão por parte do governo, tais quais, os acontecidos contra *O Momento*. A linha radical será apresentada no documento chamado de Manifesto de Agosto, publicado em 1950, no mês cujo nome toma emprestado. Próximo às eleições presidenciais daquele ano, o documento apresenta algumas considerações do partido.

> Sob o julgo imperialista em que nós estamos, nem eleições nem golpes de estado salvadores poderão modificar a situação. O que pretende as classes dominantes é substituir Dutra por um outro Dutra, seja ele um sr. Cristiano Machado, o politiqueiro do PSD, que espera ser eleito com a força do governo (...); ou seja o sr. Eduardo Gomes, que sempre silenciou diante de todos os crimes da ditadura, o mesmo brigadeiro que defende a entrega do petróleo a Standard Oil (...). Nessa competição

[158] KONDER, Leandro. Op. cit. p. 68.
[159] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 172.
[160] Idem.

> resta ainda o candidato facínora Ademar de Barros e é fácil imaginar o que significaria a volta ao poder do velho tirano, do latifundiário do Getúlio Vargas, pai dos tubarões dos lucros extraordinários (...). Avança no país a repressão fascista, que se torna cada dia mais brutal e sanguinária. Cresce o número de perseguidos políticos e nos cárceres da reação são barbaramente espancados, torturados, escondidos e assassinados os melhores filhos do povo (...). Diante da violência dos dominadores, a violência das massas é inevitável e necessária, é um direito sagrado e o dever iniludível de todos os patriotas.[161]

Com este manifesto, os comunistas pregaram o voto em branco nas eleições. Não foi levada em consideração a tendência das classes populares pelo voto favorável a Getúlio Vargas, nem muito menos a plataforma nacionalista do candidato. Em comícios às portas das fábricas, os comunistas eram vaiados e ameaçados toda vez que atacavam Getúlio. Além de o partido pregar o voto em branco, a redação do Manifesto, conforme pode ser percebido ao final do trecho transcrito, faz com que os comunistas adotem uma "concepção militarista do partido, tomada como organização preparada para o assalto do poder".[162]

Na avaliação de Aristeu Nogueira, com aquela "guinada de esquerda inaceitável, o partido foi se arrebentando, reduzindo seus efetivos, sobretudo no interior"[163]. Ele considerava que com o "Manifesto de Agosto" e sua "radical mudança da linha política, o partido foi minguando ainda mais"[164]. No entanto, o PCB ainda conseguia evitar o completo alheamento, devido à participação em campanhas pela paz, contra a bomba atômica e pela defesa do monopólio estatal e da construção da Petrobras[165].

Criando grande comoção popular através de discursos populistas, prometendo concessões trabalhistas, e dizendo que "o povo brasileiro" iria subir as escadarias do Catete com ele, Getúlio Vargas volta à presidência, desta vez, conduzido pelo voto direto[166]. A sua correlação de forças de campanha contava com grupos remanescentes da campanha "O

[161] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 172 e 173.
[162] Idem. Citando: VINHAS, Moisés. O Partidão. São Paulo: Huitec, 1982. p. 95.
[163] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Entrevista de Aristeu Nogueira Campos. Op. cit. p. 3.
[164] Idem.
[165] FALCÃO, João. 1993. Op. cit p. 174.
[166] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit, p. 467.

Petróleo é nosso" (1948), tendo o assunto como mais uma plataforma de governo[167]. Eleito, Vargas cumpre a promessa no ano de 1953, através da aprovação no Congresso da Lei 2.004, estabelecendo o monopólio petrolífero e criando a Petrobras[168].

Na Bahia, as eleições de 1950 tiveram como vitorioso Luis Régis Pacheco Pereira. Ele foi alçado à condição de candidato após o acidente aéreo que vitimou Lauro Farani Pedreira de Freitas, então candidato pela coligação PSD-PTB. Régis Pacheco derrotou Juracy Magalhães, candidato da UDN[169]. Em depoimento para José Alberto Gueiros, Juracy disse que era favorito para vencer aquelas eleições, mas os seus adversários teriam lhe atribuído a culpa pela queda do avião de Lauro de Freitas e "esta estupidez" favoreceu a sua derrota[170].

Os comunistas sofriam repressão de Pacheco na Bahia e eram opositores de Vargas no plano federal. Assim permaneceram até o suicídio do presidente, em agosto de 1954. Diante da comoção popular gerada por este episódio, o PCB ficou ainda mais afastado da população. Os comunistas desconheceram o lado "democrático e progressista e, até certo ponto, antiimperialista" desse mandato de Getúlio[171]. Apenas três meses após a saída de Vargas da vida para entrar na história, acontece o IV Congresso do PCB.

Neste encontro, o Partido não evoluiu na sua política de então. "Ele foi pouco democrático. Os delegados não foram eleitos livremente pelas bases, mas manipulados pelo Comitê Central"[172]. Para João Falcão o "IV Congresso do PCB é exemplar do beco sem saída que a Direção levou o Partido com a linha do Manifesto de Agosto. De um grande partido de massas, havia se tornado um pequeno partido, dogmático e militarizado"[173].

Neste ano de 1954, também aconteceram eleições na Bahia. O eleito fora Antônio Balbino (PSD), ex-ministro da educação de Vargas, contanto com apoio do PTB e da UDN

[167] Idem.
[168] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 178.
[169] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 466.
[170] GUEIROS, José Alberto. **Juracy Magalhães: o último tenente.** Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 262.
[171] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 189.
[172] NETTO, José Paulo. **PCB – Memória fotográfica: 1922-1982**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 106.
[173] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 198.

juracisista[174]. Em 1955, o jovem Juscelino Kubitscheck (PSD), ex-governador mineiro, vence as eleições para a presidência da República. O Comitê Central do PCB apoiou Juscelino para presidente e João Goulart (PTB) para vice (na época as eleições eram separadas). O apoio foi dado na confiança de que, eleito presidente, Kubitscheck favorecesse um possível processo de legalização do partido.

> Mas Juscelino não cumpriu o acordo feito com os comunistas. Ou melhor, não o cumpriu a risca, conforme o combinado, mas também não deixou de cumpri-lo. Isto é: não trouxe o PCB para a luz da legalidade jurídica, mas o respeitou, conferindo-lhe uma legalidade factual[175].

Durante os anos do governo Juscelino o país e o mundo viveram períodos de modificações aceleradas. A sociedade brasileira deixava de ser rural para se tornar predominantemente urbana. "As expressões da cultura brasileira se misturavam à produção de bens culturais importados, numa proporção inédita"[176].

Nesse tempo, o governo atuava na atração de multinacionais para implantar a indústria automobilística, a internacionalização da economia e a construção de Brasília, influindo no aumento da dívida externa. O país passava por muitas transformações, que mereciam grande atenção do Partido Comunista. Entretanto, as revelações do XX Congresso do PCUS, acontecido em fevereiro de 1956, dias após a posse de Juscelino, demandaram maior tempo e dedicação do partido, na resolução de seus problemas internos.

Nikita Kruschev, secretário geral do PCUS e Primeiro Ministro Soviético, revelou ao mundo os crimes praticados por Stálin, falecido em 1953, e o culto à personalidade. No Brasil, os comunistas titubearam em apresentar posicionamento nos meses seguintes ao XX Congresso. Arruda Câmara, representante do PCB no encontro, não retornou ao país tão logo acabou o evento, fez viagem à China e a outros países da Europa, só regressando ao Brasil, cinco meses depois.

---

[174] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 471.
[175] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 197.
[176] KONDER, Leandro. Op. cit. p. 69.

Enquanto isso, as pressões dos militantes por posicionamento do PCB aumentavam. A primeira atitude do Partido foi negar a existência do relatório, apesar da publicação do mesmo no *Diário de Noticias* e em *O Estado de São Paulo*[177]. Muitos comunistas ficaram decepcionados em saber que a figura do partido para o qual eles destinavam grande admiração tinha sido capaz de cometer crimes bárbaros para manter-se no poder ditatorialmente. O título dado por João Falcão ao capítulo no qual ele narra o episódio em "*O Partido Comunista que eu conheci"* mostra a decepção e a idolatria devotada a Stalin pelos comunistas. "Quebrou-se o meu ídolo de barro",[178]sintetizou Falcão.

O sentimento de reverência dos comunistas para com Josef Stalin, Secretário do Partido Comunista Russo de 1922 até a sua morte, era embasado na teoria denominada por "stalinismo". A doutrina consiste na adaptação das idéias marxistas-leninistas[179] às necessidades mutantes da sociedade. Entre as características do stalinismo está o incentivo ao patriotismo como forma de organização dos trabalhadores, burocratização do aparelho estatal e coletivização obrigatória dos meios de produção agrícola e industrial. A afirmação de Stalin como dirigente máximo, se deu após a morte de Lenin (1924), quando ele "lutou com Trotski pelo poder, afastando-o e governando com 'mão de ferro'". [180]

Os métodos mandatários de Stalin, principalmente após as revelações do Relatório Kruschev, possibilitaram com que o termo "stalinimo", fosse transformado em sinônimo de comportamento autoritário, servindo de alcunha para todos aqueles que assim agissem. Arruda Câmara, por exemplo, que se apresentava até com um bigode igual ao do ditador, é apontado como portador deste perfil[181].

---

[177] SEGGATTO, José Antônio. **Reforma e Revolução, as vicissitudes políticas do PCB (1954 - 1964).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 45.
[178] FALCÃO, João. 1988. Op. cit. p. 443.
[179] O marxismo-leninismo enfatiza o papel revolucionário do individuo nos processos de transformação social contra o determinismo histórico de certas interpretações do materialismo dialético (KONDER, Leandro. Op. cit. p. 22.).
[180] KONDER, Leandro. Op. cit. p. 24.
[181] TABACOF, Boris**. Perdidos e Achados**. São Paulo: Huitec, 2005. p. 54.

Diante destas duas interpretações para o significado de "stalinismo" é preciso cuidado para classificar alguém como "stalinista". Em *Adorável Comunista*, livro no qual aborda a trajetória política de Fernando Sant'anna, Antônio Risério recorre ao adjetivo "stalinista" quando aborda o perfil de Aristeu Nogueira. Risério classifica Aristeu como "um homem típico da máquina partidária, de uma disciplina férrea, stalinista até a medula, embora, no trato pessoal mais pareça um sacerdote algo angelical do que um profissional da revolução"[182].

Questionado sobre o assunto, Luís Contreiras de Almeida lembra que de certa forma "stalinista" todos foram, principalmente depois da guerra, quando o Stalin foi aclamado como uma "grande figura" na luta pela liberdade[183]. Entretanto com relação à noção de autoritarismo que pode transparecer da declaração de Risério, descrita acima, Contreiras diz que Aristeu "não era um stalinista no sentido de ser uma pessoa autoritária, pelo contrário, ele era uma pessoa muito atenciosa, delicada"[184].

Já o aspecto de Aristeu Nogueira como um "sacerdote", também apontado por Risério, encontra respaldo em outras declarações. Boris Tabacof o descreve como "uma figura quase de monge"[185]. E João Falcão lembra dele como um homem leal e de integridade absoluta dizendo que o "considera quase um santo, pela capacidade de sofrer que ele tinha e pela dedicação a uma causa"[186]. No entanto, Falcão não deixa de mencionar o apego de Aristeu às suas próprias idéias, pontuando-o como "intransigente" afirmando que "ele era chato mesmo, quando defendia os pontos de vista dele"[187].

Ainda que fosse "intransigente" ou muito apegado às suas idéias, isso não fazia de Aristeu um completo "stalinista" no sentido de autoritarismo, diante do que pode ser

[182] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 270.
[183] ALMEIDA, Luís Contreiras de. Luís Contreiras de Almeida: depoimento [abr. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[184] ALMEIDA, Luís Contreiras de. Luís Contreiras de Almeida: dep. cit. Salvador, 2007.
[185] TABACOF, Boris. Op. cit. p. 63.
[186] FALCÃO, João. João Falcão: dep. cit. Salvador, 2006.
[187] Idem.

observado nos depoimentos das pessoas acima citadas. O filho Diógenes lembra que, antes do relatório Kruschev, na casa da família tinha os retratos de Stalin e Lênin e sua mãe dizia que gostava de Stalin, mas Aristeu observava que o "grande teórico" na verdade era o Lênin. "Ele gostava era do Lênin" afirma Diógenes[188]. De tal forma, mesmo que não rendesse culto à personalidade de Stalin, é bem provável que Aristeu tenha tido decepções, mas ficou a favor do relatório Kruschev, condenando os atos do ditador Stalin[189].

No PCB, as opiniões foram divergentes e três correntes básicas aos poucos foram se constituindo. A Ala Renovadora, composta em sua maioria por intelectuais que trabalhavam nas redações dos órgãos comunistas de imprensa, juventude comunista e o núcleo de agitação e propaganda, é a responsável pelo início dos debates. A Conservadora, formada pelo "núcleo dirigente", reconhece os erros, mas deseja preservar o programa do IV Congresso do PCB. E o Centro Pragmático, integrada por militantes que adotavam uma postura cautelosa com relação ao stalinismo, defendendo uma abertura ao debate, desde que sob controle[190].

Na correlação de forças, leva vantagem o Centro Pragmático, inclusive convencendo Prestes a fazer parte deste grupo, onde estavam Giocondo Dias, Jacob Gorender e Mário Alves, entre outros. Dias então coordena uma equipe composta por Gorender, Alves, Armênio Guedes, Dinarco Reis, Orestes Timbaúba e Alberto Passos Guimarães, para redigir um documento que depois ficou conhecido como Declaração de Março de 1958, data da publicação do mesmo[191]. Pela participação decisiva de baianos (Dias, Alves, Guedes e Gorender) e de pessoas que militaram na Bahia por algum tempo (Guimarães), foi tida como principal neste processo a atuação do "grupo baiano", embora Gorender tente minimizar classificando a nomenclatura como "ficção" ou "anedota"[192].

[188] CAMPOS, Diógenes de Almeida. Diógenes de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.
[189] ALMEIDA, Luís Contreiras de. Luís Contreiras de Almeida: dep. cit. Salvador, 2007.
[190] SEGGATTO, José Antônio. Op. cit. p. 64.
[191] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 201.
[192] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 206.

A Declaração de Março funcionou como um marco de ruptura com a política anteriormente adotada[193]. O documento reconheceu o desenvolvimento capitalista já em efetivação, o que até então o PCB se obstinava em negar[194]. Para Aristeu Nogueira, esta Declaração foi uma "abertura", porque, na visão dele, não era possível atuar numa "linha tão sectária como a do Manifesto de Agosto" e do IV Congresso, onde se imaginava um PCB "à imagem e semelhança do Partido Comunista da União Soviética"[195]. Agora conscientes do estágio de desenvolvimento nacional, mas sabedores que ele ainda não era maduro, muito menos completo, o Partido começa a delinear estratégias a serem confirmadas durante o V Congresso, acontecido em 1960.

Na Bahia, o Partido também foi alcançado pelos desdobramentos do relatório Kruschev. Desde a cassação do registro em 1947, o Comitê Regional já vinha perdendo quadros. Giocondo Dias migrou para o Sudeste do país, depois, na mesma rota, foram Jacob Gorender e Mário Alves, entre outros. Aristeu Nogueira afirmou que o Comitê Regional, "atingido em cheio" pelas denúncias do culto à personalidade, ficou reduzido a três pessoas: Ele, Oswaldo Pacheco e um estivador, cujo nome Aristeu não se recordava[196].

As eleições de 1958 levam Juracy Magalhães (UDN) de volta ao governo da Bahia. Ele derrotou o candidato José Pedreira de Freitas (PSD//PTB/PR), apoiado pelos comunistas. Neste mesmo pleito, Fernando Sant'anna chegou à Câmara Federal pela primeira vez, através da legenda do PTB, devido a ilegalidade do PCB. Mesmo na clandestinidade, como se tratava do governo Juscelino, o Partido não sofrera maiores perseguições. "As discussões corriam sem entraves, idéias circulavam em sua inteireza, não havia presos políticos no país, os comunistas se movimentavam com tranqüilidade"[197].

---

[193] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 203.
[194] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 205. Em citação a Jacob Gorender em Combate nas trevas.
[195] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Ent. cit. p. 3.
[196] Idem.
[197] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 227.

É com esta movimentação "tranqüila" que os comunistas chegam ao V Congresso do Partido. Ocorrido em setembro de 1960, o encontro aproveita-se da "legalidade factual" para discutir as teses partidárias lançadas em abril daquele mesmo ano.

> Realizado com ampla liberdade de discussão e com autêntica representação de todos os estados e dos 15 mil militantes a que ficara reduzido o quadro partidário, o V Congresso não reelege para o Comitê Central alguns dos seus mais destacados dirigentes que resistiam às inovações e ao combate ao culto a personalidade. Entre eles se encontram Diógenes de Arruda Câmara, João Amazonas, Maurício Grabois e Orlando Piotto. Todos participaram das reuniões[198].

Aristeu Nogueira participa deste congresso como delegado da Bahia e é eleito membro efetivo do Comitê Central[199]. Giocondo Dias é reeleito para o mesmo Comitê e passa a integrar a Direção Executiva junto com Prestes, Mário Alves e Carlos Marighella, entre outros. Neste Congresso foi ratificado o conteúdo e o caráter mais flexível da Declaração de Março. Outra estratégia adotada pelo partido foi a mudança do seu nome, ainda que permanecesse com a mesma sigla. Assim o partido abandona a nomenclatura de *Partido Comunista do Brasil (PCB),* para se tornar o *Partido Comunista Brasileiro (PCB).* Esta iniciativa visava evitar que, na hipótese de conquistada novamente a legalidade, um processo de cassação pudesse ser mais difícil de ser executado, já que em 1947 o Tribunal Superior Eleitoral - TSE se baseou na expressão "do Brasil" para classificar o PCB como uma sucursal dos interesses soviéticos no país[200].

Além do movimentado cenário político, esse período também esteve assinalado por transformações na vida pessoal de Aristeu Nogueira. Em 1957 o jornal *O Momento* é fechado, assim ele perde o emprego no Partido, ficando sem nenhuma renda. No mês de março do

---

[198] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 210.
[199] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Ent. cit. p3.
[200] Com relação ao episódio de mudança da nomenclatura da legenda, foram encontradas informações de datas diferentes para o ato: Enquanto João Falcão (FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 211.) afirma que o nome Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi uma decisão do V Congresso, acontecido em setembro de 1960; José Segatto (SEGGATTO, José Antônio. Op. cit. p. 27.) diz que a mudança se deu por decisão do Comitê Central em agosto de 1961, quando também foi modificado o estatuto do partido. Ambos os autores confirmam a estratégia utilizada de desvincular a legenda da interpretação de ser uma secção do partido soviético, embora, diferente de Falcão, Segatto diga que o partido tenha feito um pedido de legalização e não só como uma medida preventiva.

mesmo ano, sua esposa Odete Almeida lhe pede o divórcio. Apesar das dificuldades financeiras e das constantes ausências de Aristeu em casa, devido à sua alta dedicação ao PCB, as motivações para o divórcio teriam sido pessoais e não políticas, já que Odete também tinha simpatia pelo comunismo, chegando a militar na ala feminina do partido[201]. Os dois entram em acordo e os filhos, Vera, Diógenes e Mariana, ficaram sob a guarda de Aristeu.

Divorciado, sem renda e com a guarda dos filhos, Aristeu aceitou o convite de Rômulo Almeida para ir trabalhar na CPE (Comissão de Planejamento Econômico) e daí foi convidado por um Conselheiro do TCE (Tribunal de Contas do Estado) para desenvolver uma função nesse órgão[202]. Contudo, mesmo trabalhando em organismos estatais não abandonaria a militância política, continuaria desenvolvendo trabalhos para o partido e se candidataria a uma vaga na Assembléia Legislativa da Bahia.

3.6 – DEPUTADO ESTADUAL

Em 1960, ao tempo em que o Partido Comunista realizava o seu V Congresso, já se aproximava as eleições presidenciais programadas para aquele mesmo ano. Jânio Quadros, candidato oriundo de uma coligação de partidos pequenos, contou com apoio da UDN, derrotando Juracy Magalhães na convenção do partido[203]. O Marechal Lott era o candidato do PSD que contou com apoio do PTB e do PCB[204].

Jânio vence as eleições de outubro de 1960 com uma campanha populista, tendo como símbolo uma vassoura, prometendo "varrer" a corrupção. No entanto, o eleito como vice-presidente foi João Goulart (PTB). Também conhecido como Jango, Goulart havia sido

[201] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: depoimento [abr. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[202] CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Depoimento autobiográfico**. Op. cit.
[203] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 212.
[204] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 233.

Ministro do Trabalho de Getúlio e vice-presidente de Juscelino, tentando a reeleição na chapa de Lott.

Ao assumir o governo, Jânio iniciou uma gestão contraditória. “Ousado na política externa; conservador na interna”[205]. No plano internacional, arriscou um vôo mais livre, buscando uma independência de postura e de movimento no contexto da guerra-fria, tendo inclusive condecorado Che Guevara. “Seguiu à risca o figurino recomendado pelo FMI – Fundo Monetário Internacional”[206]. E também adotou medidas moralistas, como a proibição do uso de biquini nas praias brasileiras. Em agosto de 1961, alegando pressão de “forças ocultas”, renunciou ao governo, deixando o país num clima de instabilidade política.

Os ministros militares não intercederam pela volta de Jânio Quadros. Se a intenção do presidente era voltar com maiores poderes, já que supostamente os militares prefeririam o seu retorno à posse de João Goulart, o plano falhou. Todavia, se não pediram o regresso de Quadros, os militares também não desejaram a posse de Goulart, político de perfil mais à esquerda e que estava em visita à China comunista quando se deu a renúncia do presidente. O impasse estava instalado. Leonel Briozola, governador do Rio Grande do Sul e cunhado de Jango, iniciou pelo rádio uma campanha chamada de Cadeia da Legalidade, a qual pedia a posse do vice-presidente legalmente eleito.

O assunto era debatido através de manifestações em todo o país. Na Bahia, um dos episódios que marcaram este momento da vida política nacional foi o cerco a estudantes na Faculdade de Medicina.

> Os estudantes foram às ruas em 1961 em defesa da legalidade. A manifestação liderada por entidades estudantis e sindicais, com destaque para a UEB (cujo presidente era da AP) e o sindicato dos petroleiros foi reprimida pelos militares. Encurralados ocupamos o prédio da Faculdade de Medicina onde ficamos isolados, sob cerco de forte aparato militar por mais de 20 horas. Ali se viveu um clima de grande tensão com tentativas de invasão por parte dos militares, preparação de barricadas para resistência dentro do prédio da faculdade, sintonia de rádio da rede da

[205] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 234.
[206] Idem.

> legalidade gerada no Rio Grande do Sul e com pronunciamentos freqüentes de Aldo Arantes, presidente da UNE e Leonel Brizola[207].

Aristeu Nogueira e Sebastião Nery participaram da organização desta manifestação apoiando os estudantes[208]. Após os dias de instabilidade, João Goulart assume a presidência com a condição de governar sob o regime parlamentarista[209]. Este seria a forma de governo até janeiro de 1963, quando através de um plebiscito, a população brasileira disse "não" ao parlamentarismo e Jango continuou sendo o presidente, agora sob o regime presidencialista.

Antes daquele plebiscito, o Partido Comunista havia sofrido uma cisão. Em 1962, descontentes com os rumos tomados pelo partido, após a Declaração de Março, o V Congresso e a mudança do nome para *Partido Comunista Brasileiro*, um grupo liderado por João Amazonas, cria uma nova agremiação partidária. Eles relançaram o nome *Partido Comunista do Brasil*, agora com a sigla *PC do B.* Para Leandro Konder, essa cisão foi dolorosa, mas também teve efeitos positivos para os comunistas.

> Se os partidos denominados *comunistas* eram dois, isso significava que nenhum deles podia mais se apresentar à sociedade como detentor inquestionável de uma doutrina comunista asseguradamente "verdadeira". Os comunistas qualquer que fosse sua opção partidária, passavam a ser mais incisivamente desafiados a pensar por conta própria, cada um se empenhando a esclarecer para si mesmo, pessoalmente a suas razões[210].

Na Bahia, segundo relatou Aristeu Nogueira, a "organização de João Amazonas" não conseguira atingir maiores repercussões naquele momento[211]. Nogueira afirmou que dos quase 500 militantes no estado, apenas 10 teriam migrado para o PC do B, considerando ainda

---

[207] SOUZA, Péricles de. **A longa noite de 21 anos**. Testemunho Seminário: 40 anos do Golpe Militar de 64. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA: Salvador, 2004. Publicado em: www.overmelho.com.br acessado em abril 2006.
[208] Idem.
[209] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 215.
[210] KONDER, Leandro. Op. cit. p. 70.
[211] O MOMENTO COMUNISTA. **A história do PCB e seu jornal na Bahia**. Salvador: setembro, 1985. Ent. Cit. p.3

que daquela dezena, com "exceção apenas do Presidente do Sindicato dos Eletricistas, todos eram figuras inexpressivas"[212].

No ano de 1962 também aconteceram eleições na Bahia para governador, deputados estaduais, prefeitos e vereadores. Os comunistas apoiaram Waldir Pires (PSD/PTB) ao governo, este tendo como adversário o prefeito de Jequié, Antônio Lomanto Júnior (UDN/PL/PTB). Aristeu Nogueira foi candidato a deputado estadual, usando a legenda do PSB.

Na campanha eleitoral, além da militância na capital, Aristeu viaja pelo interior do Estado na busca de votos. Em Irará, o Comitê Municipal do PCB apóia a candidatura de Aristeu e lança três candidatos a vereador: Pedro de Tiano, Juracy Paixão e "Toín Zé" (o hoje conhecido tropicalista Tom Zé)[213]. Nenhum dos candidatos à Câmara Municipal fora eleito. Já Aristeu, como um reconhecido líder comunista no estado, consegue a marca de 3.264 votos[214], ficando na primeira suplência. O governador eleito foi Lomando Júnior.

A 15 de abril de 1963, Lomanto toma posse. No novo parlamento, Wilton Walença (PSB), Presidente do Sindicato dos Petroleiros, "não seria um deputado muito atuante", com o registro de apenas dois discursos realizados na tribuna durante o seu mandato[215]. Aristeu Nogueira assume a vaga, atuando "nas inúmeras ausências" de Wilton[216]. No entanto, o site da Assembléia Legislativa da Bahia[217], informa que o mandato de Aristeu corresponde tão somente ao período iniciado em 03 de setembro e encerrado a 13 de dezembro de 1963.

Na leitura do Diário do Legislativo, relativa ao dito período no qual Aristeu Nogueira esteve deputado, percebe-se um mandato bastante participativo. Aristeu usa a tribuna por

---

[212] Idem.
[213] PAIXÃO, Juracy de Oliveira. **Sobre Aristeu**. Informações enviadas por e-mail ao autor abr. 2007.
[214] Informação obtida junto a Coordenadoria de Cadastro Eleitoral - TRE - BA, através de e-mail enviado ao autor: mai, 2007.
[215] OLIVEIRA JR, Franklin. **Usina dos Sonhos – Sindicalismo petroleiro na Bahia: 1954-1964**. Salvador: EGBA, 1996. p. 134.
[216] CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Depoimento autobiográfico**. Op. cit.
[217] ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA. Biografia: Deputado Aristeu Nogueira em: http://www.al.ba.gov.br/biografia.cfm?varCodigo=412. >. Acesso em: 26 abr. 2007.

várias vezes no “pequeno expediente”; é aparteado em seus discursos, desenvolvendo alguns curtos debates com seus interlocutores; e usa do “grande expediente”, graças ao consentimento de um colega, devido a dificuldade de conseguir tal espaço, para discutir a questão do abastecimento.

O pronunciamento estava programado para o dia 24 de Outubro. E nesta data foi iniciado, mas, devido ao tempo e aos apartes durante o discurso só foi concluído em outra sessão. Aristeu abordou o problema do abastecimento na Bahia, destacando a “elevação dos preços da carne bovina[218]”. Fez uma discrição situacional da pecuária do Estado, demonstrando um déficit existente no rebanho para suprir as necessidades da população. Ao mesmo tempo criticou a forma de criação adotada e abordou questões ecologias.

> A pecuária extensiva empobrece os solos, através da prática das queimadas continuadas e isso tem contribuído, de certo modo, para liquidar, de um lado a mata e, de outro, fomentar a seca. Constantemente, focalizamos o problema da seca. Periodicamente somos abatidos pelo flagelo da seca, graças a imprevidência dos nossos homens que contribuem para o fomento da seca. Destroem-se as matas e não se faz o reflorestamento, descobrem-se as fontes, os mananciais perenes, mas não se faz a proteção às águas; empobrece-se o solo e não se procura recuperá-lo. [219]

Após expor a crise de abastecimento que acontecia, principalmente em Salvador, apresentou propostas e encaminhou à mesa diretora, junto com o deputado Diógenes Alves, uma lista de sugestões com 16 medidas a serem tomadas. As propostas versam sobre crédito, especificamente para pequenos e médios proprietários; seleção útil, discriminação apropriada entre gado de corte e leiteiro; variedade na produção, através de incentivo à criação de suínos, aves, caprinos e até peixes; construção de matadouro frigorífico e fábricas de rações no interior do estado, além do incentivo a industrialização; dentre outras medidas. Aristeu sinaliza que a Bahia poderia deixar de ser um Estado importador e se tornar um exportador de carnes secas, enlatados e peixes, dando-se o “reverso da medalha”.

[218] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 01 nov. 1963. p. 61.
[219] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 07 nov. 1963. p. 43.

Neste discurso, onde criticava o governo estadual, por não adotar as ações necessárias, e até o federal, devido à demora em executar "medidas fundamentais", apresenta dados e até uma tabela com índices de aproveitamento e desperdício da produção agropecuária. Com temática do abastecimento, valendo-se de um discurso com críticas e propostas, Aristeu assinala a necessidade do combate à fome no estado. Há passagens de sua fala, nas quais, traços da ideologia comunistas estão mais nítidos.

> Com o objetivo de salvaguardar as massas consumidoras contra a ação dos grandes intermediários no terreno do abastecimento e dos preços, é necessário adotar medidas rigorosas contra a sonegação dos gêneros alimentares, inclusive a confiscação dos estoques e sua distribuição direta ao comércio varejista, nacionalização pelo custo histórico de moinhos, dos frigoríficos, das fábricas de leite em pó e da indústria farmacêutica estrangeira[220].

Ainda no mesmo discurso, nas palavras finais, antes de acabar o seu tempo, Aristeu fala em "revolução brasileira" e depois adverte para uma possível revolta popular, caso não sejam apresentadas soluções para o problema da fome.

> Sr. Presidente, nós não desejamos a violência das massas. Nós estamos buscando uma solução pacífica para a revolução brasileira, mas se as classes dominantes insistirem em conciliar com os inimigos do povo, a oprimi-lo com o chicote lancinante da fome, negar-lhe aquilo que é mais simples e humano – o direito de viver, não sei, Sr. Presidente, como poderão as massas trilhar por outro caminho, que não seja o da violência e do desespero[221].

Nos pronunciamentos de Aristeu Nogueira também estiveram presentes temáticas como o aumento salarial para os servidores do estado, combate a violência em cidades do interior e greves de trabalhadores da Petrobras. O deputado comunista contestou o argumento do governador sobre a falta de recursos para pagamento aos servidores, salientando que nem mesmo o governo sabia quantos e quais eram os funcionários públicos da Bahia. Recebeu telegramas vindos de cidades do interior, como Alagoinhas, comunicando violências praticadas por fazendeiros contra pequenos posseiros, tendo denunciado na tribuna e

[220] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 01 nov. 1963. p. 61.
[221] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 07 nov. 1963. p. 45.

encaminhado às autoridades competentes. Defendeu a encampação de Capuava pela Petrobrás, devido ao fato da refinaria estar "sob tutela de dois grupos ligados ao capital estrangeiro"[222], apoiando a manifestação grevista dos petroleiros.

Aristeu também falou em nome do Partido Comunista. Usou a tribuna para protestar o fato de que, segundo ele, a imprensa da capital estava atribuindo aos comunistas "as práticas de desordens e anarquias no campo"[223]. Depois chamou atenção para a "ploriferação do comércio de armas na Bahia", no que entrou em debate com o Deputado Eujácio Simões (PR), este questionando se Aristeu insinuava "estarem os fazendeiros se armando para combater a reforma agrária". A resposta do comunista foi a de que não "absolutizava" quando de seu pronunciamento, mas existiam fazendeiros se armando "no sentido de impedir a formação de sindicatos rurais"[224].

A atuação de Aristeu Nogueira chegou a ser elogiada por alguns dos seus colegas. Exemplo disto acorreu na sessão do dia 18 de outubro, quando o Deputado Raimundo Reis (PSD) após cometer um ato falho, dizendo que Aristeu falava em nome do Partido Comunista Brasileiro (o que era verdade), logo corrigindo para Partido Socialista Brasileiro, disse que a presença de Aristeu "honrava aquela casa", merecendo respeito e admiração[225]. O deputado aproveitou a sua falha e disse que os parlamentares deveriam lutar pela legalização do Partido Comunista, "para acabar com esses falsos esquerdistas e nacionalistas"[226]. Depois classificou Aristeu como "um comunista autêntico", assinalando que considerava um "primarismo atacar a Rússia a torto e a direito, quando se via que o presidente dos Estados Unidos comunicava-se diretamente com a Rússia por telefone"[227].

[222] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 27 nov. 1963. p. 24.
[223] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 24 out. 1963. p. 22.
[224] Idem.
[225] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 24 out. 1963. p. 24.
[226] Idem.
[227] Idem.

No dia 31 de Outubro de 1963, Aristeu usou a tribuna para congratular-se com o governo federal. Ele parabenizou o presidente da República pela inauguração da Usina de Ferro e Aço de Vitória, no Espírito Santo, destacando que tal iniciativa era um marco na economia do país, comparada à instalação de Volta Redonda no governo Vargas[228]. Depois felicitou a determinação da Casa Civil de João Goulart em elaborar o Regulamento da Lei de Controle de Remessas de Lucros, classificando que seria grande o significado daquela Lei para o Brasil, contribuindo para diminuir a "sangria permanente na economia brasileira"[229].

Lei de Remessas de Lucros e Reforma Agrária eram algumas das medidas previstas nas chamadas Reformas de Base. Discussões acerca das ações do governo mobilizavam a sociedade Brasileira. As esquerdas pressionavam pela execução das reformas. "A direita conservadora se articulava freneticamente e ganhava força"[230].

No clima agitado instaurado no país, surgiram até grupos clandestinos de caça aos comunistas. Nos meses finais de 1963, ou iniciais de 1964, a residência de Aristeu foi vitima de um atentado, provavelmente tendo como autores um daqueles grupos. Uma bomba foi jogada na sala da casa, estragando tudo neste compartimento. Diógenes e Mariana, filhos de Aristeu e a sua cunhada Florípes Almeida por sorte não foram atingidos, pois não se encontravam no cômodo onde caiu a bomba. Aristeu não estava em casa e sua outra filha, Vera Felicidade, a esta época, já residia no Rio de Janeiro[231].

Além dos atentados e repressões, pessoas usando de má fé ou com intuito de prejudicar diretamente Aristeu Nogueira, começaram a se aproveitar da situação de terror instalada para usar o nome dele indevidamente. Diante do ocorrido, Aristeu fez circular uma nota, na edição do jornal *A Tarde* de 23 de março de 1964.

---

[228] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 14 nov. 1963. p. 24.
[229] ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Discurso de Aristeu Nogueira. Bahia: Diário do Legislativo. 14 nov. 1963. p. 25.
[230] JOSÉ, Emiliano. **Carlos Marighella: o inimigo número um da ditadura militar.** Editora Casa Amarela: São Paulo, 2004. p. 196.
[231] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.

> Às autoridades e ao povo da Bahia.
> Nos últimos meses estão sendo distribuídas centenas ou milhares de cartas circulares, com a minha assinatura falsificada, acompanhada de "bônus" e selos, solicitando recursos para o Partido Comunista, traçando planos e ameaças psicológicas e envolvendo outras pessoas.
> ...
> No propósito de acabar com esta pressão primaria de terror psicológico e provocativo, promovida por falsários e provocadores, confio na inteligência das pessoas que receberam as referidas cartas, certo de que compreenderão, pelo próprio discernimento, que um político, por mais estúpido que fosse, não cometeria semelhante burrice[232].

Dias antes da divulgação dessa nota de Aristeu, a 13 de março, o Presidente João Goulart havia realizado um grande comício no Rio de Janeiro. Ao falar para mais de 200 mil pessoas, Goulart disse que eram necessárias reformas na Constituição para derrotar uma "estrutura econômica superada, injusta e desumana"[233]. E anunciou medidas como o tabelamento dos alugueis de imóveis desocupados e a desapropriação de terras, situadas ás margens das rodovias, por terem sido valorizadas por investimentos estatais[234]. Pouco tempo depois do chamado "Comício da Central", setores de direita, junto a camadas médias da sociedade, a Igreja e alguns veículos de comunicação organizaram passeatas, chamadas de "marchas com Deus pela liberdade", com intenção de afastar o "perigo comunista ateu".

3. 7 - CASSADO E PRESO PELOS MILITARES

Na madrugada de 31 de março a primeiro de abril de 1964, os militares deflagram o golpe que colocaria o Brasil numa ditadura de 21 anos. A situação já era esboçada naquela noite de 31, quando Aristeu havia dado instruções a seu filho Diógenes acerca de um provável "sumiço" seu a qualquer momento. Quando Diógenes retorna para casa, após essa conversa com o pai, encontrou a residência arrombada e pichada, percebendo também o sumiço de

[232] A TARDE. Deputado Aristeu Nogueira. Salvador, mar. 1964.
[233] JOSÉ, Emiliano. Op. cit. p. 198.
[234] Idem.

alguns pertences[235]. Mesmo diante deste clima instável, nos primeiros dias do golpe, Aristeu chegou a ir à Assembléia Legislativa.

> Ele encontrou o deputado Clodoaldo Campos [PSD], que era primo dele, mas adversário político. Clodoaldo disse: "Desça Aristeu! Saia pelo elevador dos fundos, que a policia ta subindo aí para lhe pegar pelo elevador. Vá lá embaixo, tem um motorista meu, entre no meu carro e vá para onde você quiser". Ele saiu e foi para a loja de Chuna, um judeu simpatizante do Partido. O rapaz tava com um apartamento vago na Barra e levou ele para lá, deu um rádio de pilha e um relógio. Ele ficou umas duas semanas. Até que Chuna disse que a polícia já estava cercando e que iria arranjar um táxi com um motorista de confiança para levá-lo para um outro lugar[236].

A essa altura, além de deputado estadual e membro do Comitê Central, Aristeu era o secretário geral do PCB na Bahia, o maior posto do Partido Comunista no Estado. Seu nome apareceu na lista de procurados, na TV e no jornal. A fuga precisava ser cuidadosa, pois o menor erro lhe levaria aos militares. Aristeu vai então à procura de um psiquiatra amigo que ao invés de lhe pagar um táxi, resolveu ele mesmo levá-lo à cidade de Pojuca, onde Aristeu dispunha de conhecimentos. No caminho ao passar por uma blitz policial, o médico argumentou ser Aristeu um paciente seu. Em Pojuca, ele foi procurar Oscar, um dono de padaria, líder do partido e ex-distribuidor de *O Momento* na cidade. Na casa de Oscar fora repreendido pela esposa do rapaz, avisando-lhe que a polícia já havia passado por lá. Aristeu então resolve ir para Alagoinhas. Despede-se do médico psiquiatra e segue viagem com outro companheiro do partido[237].

Ao chegar a Alagoinhas teve sorte de encontrar mais um conhecido de militância partidária, a quem pediu que lhe encaminhasse à casa de uma amiga, mãe-de-santo e companheira de um comunista da cidade. Depois de algumas voltas de carro Aristeu desceu mais ou menos perto da casa de quem ele procurava. Ele foi caminhando pelo escuro até chegar à morada da velha senhora, antecipando-se a ele, ela abriu a porta[238].

---

[235] CAMPOS, Diógenes de Almeida. Diógenes de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.
[236] CAMPOS, Mariana de Almeida. Mariana de Almeida Campos: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[237] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: Entrevistador: Gustavo Falcón. dep. cit.
[238] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 166 .

> - Oh meu filho. Todos estavam esperando por você aqui, mas já se foram. Meu marido saiu daqui ontem. Eu estou esperando aqui porque ele recomendou que eu ficasse. Disse que você poderia bater em nossa porta. E que, então, eu dissesse a você onde é que ele está.
> - Mãe como eu vou fazer eu já estou com fome – disse Aristeu.
> - Já preveni tudo, meu filho. Você não vai ficar aqui em casa nem mais dois minutos. Mas, vai comer antes. Preparei uma panela de comida. Você come. Já chamei um companheiro do Partido pra levar você. Preparei um cavalo. Você está desacostumado, mas monta e vai[239].

Aristeu seguiu caminho até encontrar o marido da mãe-de-santo. O camarada o instruiu a trocar de sapatos, calçando um outro de sola invertida, para deixar rastros na direção contrária à qual ele andava. O caminho era todo de areia por dentro dos matos e moitas, pelo meio da noite[240]. Chegaram numa outra casa, descansaram e Aristeu seguiu viagem. Destas andanças, de alguma forma, acabou chegando numa fazenda na zona rural do município de Ipirá. Neste tempo conseguiu contato com irmão Amadeu que residia em Feira de Santana, através das viagens de um morador da fazenda, eles mantinham algum tipo de comunicação.

À época dessa fuga, Aristeu esteve em Irará, andou pelas ruas da cidade, disfarçado como mendigo, não sendo reconhecido por nenhum dos seus conterrâneos[241]. Na fazenda em Ipirá, lia livros que seu irmão mandava. Até o dia em que recebeu a visita de um conterrâneo e companheiro de partido.

O iraraense Juracy Paixão nesse tempo já era membro da direção estadual, sendo responsável pelos contatos com o interior. Numa reunião em Salvador, da qual participou Dácio Lopes, sindicalista no Rio de Janeiro e integrante do Comitê Central, foi dada a Juracy a missão de ajudar Aristeu fugir para o Rio de Janeiro. Sem saber do paradeiro de Aristeu e mesmo duvidando que ele pudesse estar em Irará, Juracy foi à cidade em busca de pistas. Conversou com Raul Cruz e Alberto Nogueira, daí decidindo procurar Amadeu Nogueira em Feira de Santana. Dias depois, através de seu pai, Manoelzinho da Paixão, e da amizade deste

[239] Idem.
[240] Idem.
[241] SANTOS, José Américo de Moraes. José Américo de Moraes Santos: depoimento [abr. 2007]. Entrevistador: o autor. Irará, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).

último com Amadeu, Juracy ganhou confiança e foi encaminhado para ir falar com Aristeu no esconderijo em Ipirá[242].

Em contato com Aristeu conversaram e começaram a discutir o plano de fuga. De volta a Salvador, Juracy prepara a sua tarefa de levar Aristeu até Medina, em Minas Gerais. De lá, Aristeu encontraria outra pessoa que o encaminharia até o Rio. Carro e motorista conseguido junto a companheiros do partido, o início da fuga foi marcado para Feira de Santana[243]. Juracy lembra do fato:

> Seguimos viagem pela BR-116 (...). Aristeu sofria de um problema nos pés, o que o obrigava a usar uma palmilha especial nos sapatos (...). Resolvemos entrar em Vitória da Conquista para comprar a palmilha. Paramos em frente a uma sapataria e eu fui efetuar a compra. Ao retornar ao carro, Aristeu estava escondido por trás dos bancos. Perguntei-lhe o que houve e ele respondeu: "*Imagine que passou aí pelo passeio um conhecido meu, de quem se desconfia que ande denunciando gente. Tomei um susto enorme e me escondi. Ele não teve tempo de me ver*".
>
> Seguimos viagem até Medina. No posto rodoviário da divisa BA/MG não tivemos dificuldade alguma. Não me recordo da hora da chegada. Fomos direto para uma pensão já previamente definida, onde ele saltou. Aí, entreguei-lhe o endereço do seu destino no Rio, a senha para o novo acompanhante e algum dinheiro (não me recordo quanto). Voltei para Salvador. Terminara a minha aventura e a minha tarefa[244].

O problema nos pés de Aristeu, eram cravos nascidos naquela região do corpo em boa parte das pessoas da família Nogueira. Ao comentar este "problema crônico nos pés", no livro *Achados e Perdidos*, Boris Tabacof diz que Aristeu "caminhava quase como se pisasse em ovos"[245]. No entanto, àquela altura dos acontecimentos, os seus pés não lhe eram os maiores problemas. Passaram-se dois dias e a pessoa combinada não chegou para buscar Aristeu. Ele desconfiou que o companheiro pudesse ter sido preso ou morto e resolveu seguir viagem para o Rio de Janeiro por conta própria. Daí até chegar ao destino, passaria por uma viagem complicada e cansativa de ônibus e de trem[246], pelo interior de Minas. Logo na chegada,

[242] PAIXÃO, Juracy de Oliveira. **A viagem de Aristeu rumo ao Desconhecido. Fortaleza, mar. 2003.** Texto enviado por e-mail ao autor [mai 2006].
[243] Idem.
[244] Idem.
[245] TABACOF, Boris. Op. cit. p. 63.
[246] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 251.

viveria novas situações, as quais ele narrou para João Falcão, publicadas no livro *Giocondo Dias: a vida de um revolucionário*.

> Barbado, faminto e sujo, chegou ao Rio de Janeiro. Dirigiu-se ao endereço que lhe fora fornecido, um grande edifício de apartamentos classe média, situado em Botafago. O porteiro perguntou-lhe a quem procurava. Aristeu disse o nome da pessoa, um cunhado de Ivan Ramos Ribeiro, membro do Comitê Central. Percebendo o assombro do rapaz ao interrogá-lo de onde viera, respondeu: - De Pernambuco. E seu interlocutor num tom de voz baixo e cordial, como se revelasse um segredo, lhe falou: - O Senhor não pode subir; toda a família que morava nesse apartamento foi hospitalizada ontem (...).
> Aristeu perplexo, logo imaginou que a família havia sido presa. Mas o porteiro veio a seu socorro indagando-lhe: - O senhor tem algum parente aqui no Rio?
> Respondeu afirmativamente. Ele então voltou a dizer: - o senhor espere aqui uns quinze a vinte minutos. Vou chamar um táxi de confiança, gente amiga, que o levará a casa do seu parente[247].

Diante do ocorrido, Aristeu imaginou ser aquele porteiro alguém ligado ao partido e resolveu esperar[248]. O táxi então o levou à casa de Felisberto, filho de Elpidio Nogueira, seu meio irmão. Na casa de Felisberto, conseguiu ter contato com sua filha Vera. Através dela, que morava no Rio, tendo inclusive residido durante algum tempo na casa de Giocondo Dias, conseguiu ligações com o Partido[249]. Daí então, retomaria a militância, agora, na mais absoluta clandestinidade.

Aristeu chegou ao Rio de Janeiro em julho de 1964. Iniciara a sua fuga em abril daquele mesmo ano. Enquanto ele fugia, os militares começavam a ditar as ordens na Bahia. O comandante da VI Região Militar, general Manoel Mendes Pereira mandou para Assembléia a lista dos deputados que deveriam ser cassados. A exigência foi oficializada com a Resolução nº 913 de 28 de abril, declarando extintos, além dos mandatos dos suplentes Aristeu Nogueira e Afrânio Lira, os dos deputados Ênio Mendes (PR), Diógenes Alves (PTB), Jarbas Santana , Paulo da Mata e Sebastião Nery[250]. O prefeito de Salvador, Virgildásio Sena (PSD), também teve o mandato cassado e foi preso, sem que tivesse lhe sido feita qualquer

[247] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 251 e 252.
[248] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 252.
[249] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.
[250] TAVARES, Luis Henrique Dias. Op. cit. p. 475.

acusação formal[251]. Já o governador, Lomanto Júnior, apesar de estar no mesmo partido de João Goulart (PTB), tendo apoiado o presidente num primeiro momento, acabou aderindo ao golpe e se manteve no governo até 1967[252].

No Rio, Aristeu continuou a ser "um militante exemplar, impecável sob a identidade falsa de Antônio Cerqueira de Andrade, organizando clandestinamente o PCB em vários lugares do país e acumulando processos nas costas[253]". Com exceção de Mato Grosso, Sergipe e Bahia esteve em todas as Unidades da Federação[254]. Trabalhando para o partido, também foi a outros países como Chile e União Soviética[255]. Residia numa casa simples, ao lado de uma companheira de nome Lídia, que já tinha um filho e desconhecia completamente a verdadeira identidade de Aristeu[256].

Em 1967, O PCB realiza o seu VI Congresso, clandestinamente numa fazenda em São Paulo, tendo a presença de cerca de 100 militantes. Neste encontro, Aristeu foi re-eleito para o Comitê Central, depois seria conduzido à Comissão Executiva Nacional. Na executiva, ele "foi o braço direito de Giocondo Dias, que, por sua vez, foi o braço direito de Luiz Carlos Prestes"[257]. No congresso não foram permitidas as presenças de militantes como Carlos Marighella, Mário Alves e Jacob Gorender, entre outros, que já destoavam do Partido desde o golpe[258].

As desavenças cresciam e muitos militantes criticavam a Executiva Nacional, por ter subestimado o golpe que se avizinhava, apostando numa aliança com a burguesia dita nacional. Os dissidentes acreditavam na luta armada, como única forma de combater o regime e ganhavam espaços em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. "A

[251] CADERNO ESPECIAL - 1964: O GOLPE NA BAHIA. **O prefeito perde o cargo**. Salvador: A TARDE, mar, 2004.
[252] CADERNO ESPECIAL - 1964: O GOLPE NA BAHIA. **Em cima do muro. Salvador**: A TARDE, mar, 2004.
[253] RISÉRIO, Antônio. Op. cit p. 271.
[254] CAMPOS, Aristeu Nogueira. Aristeu Nogueira Campos: Entrevistador: Gustavo Falcón. dep. cit
[255] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.
[256] Idem.
[257] RISÉRIO, Antônio. Op. cit. p. 271.
[258] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 269.

Comissão Executiva não se dispôs a aceitar as derrotas com espírito democrático. Interveio nas organizações partidárias oposicionistas, dissolveu organismos e instituiu direções fantasmas"[259]. A tendência em direção à luta armada e as fragmentações ganhariam novo impulso com o advento do Ato Institucional nº 5 (AI - 5), o chamado golpe dentro do golpe.

Decretado em dezembro de 1968, o AI - 5 aprofundou o caráter ditatorial do regime. No intuito de conter as manifestações contrárias, como a passeata dos 100 mil, organizada por estudantes no Rio de Janeiro, os militares optaram por medidas duras. O Congresso Nacional, que já funcionava no bi-partidarismo (MDB – ARENA) depois da cassação do registro de todos os partidos de antes, foi colocado em recesso; diversos professores foram afastados das universidades, as prisões se avolumaram e a tortura se tornou procedimento habitual, entre outras medidas severas.

O ano de 1969 e os primeiros anos da década seguinte foram tomados por um clima de terror na luta entre o governo e os diversos grupos guerrilheiros. Marighella e Mário Alves, dentre outros lideres e militantes de esquerda, foram assassinados; aconteceram seqüestros a embaixadores, como o americano, o suíço e o alemão; grupos assaltavam bancos, com intuito de financiar a guerrilha; eram muitos os acontecimentos políticos. Enquanto isso, a maioria do povo brasileiro, seguia sem informações de tais episódios, diante da censura e da empolgação com os índices de crescimento da economia, no período conhecido como "milagre brasileiro", e seduzida com a seleção brasileira de futebol, acreditando no *slogan* governista, no qual se dizia ser o Brasil "um pais que vai pra frente".

Em 1973 a ditadura militar dá inicio à Operação Radar, destinada a destruir o Partido Comunista Brasileiro (PCB)[260]. Aos poucos, a repressão chegava a dirigentes do partido. Alguns foram assassinados, como David Capistrano da Costa, Luiz Inácio Maranhão Filho,

[259] GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 1987. p. 91.
[260] JOSÉ, Emiliano. **Galeria F: lembranças do mar cinzento: segunda parte**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004. p. 123.

João Messena de Melo e Walter Ribeiro, outros eram presos e barbaramente torturados[261]. No inicio de 1975, a polícia efetua a prisão de Marco Antônio Tavares Coelho, homem ligado ao aparelho de Giocondo Dias[262]. "Com a queda de Marco Antônio, o aparelho teria de passar por uma mudança radical, e Dias foi obrigado a recorrer a Aristeu Nogueira", para suprir a ausência do militante preso que era o responsável pelo trabalho de finanças no aparelho[263].

Aristeu não desenvolveria aquela atividade por muito tempo. Quando de sua prisão, Marco Antônio deixou "cair das mãos um envelope cheio" e, além disso, os policiais haviam encontrado no carro, dirigido por ele, uma lista de "pontos" para a semana seguinte[264]. Sobre o caso, Marco recorda que:

> Na lista de "pontos" estava marcada minha ida a uma reunião, no dia 20 de janeiro, do Secretariado Nacional, o núcleo central do PCB, de que participavam, Giocondo Dias, Aristeu Nogueira, Jaime Miranda e Itaí Veloso. Eu entraria na véspera e conhecia o endereço. Segundo informou-me depois Aristeu Nogueira, quando Giocondo chegou, na manhã do dia 20 e eu não apareci, decidiu-se a saída imediata de todos do local. Nas tortura, o essencial para mim era evitar a descoberta desta reunião. Meses depois Jaime e Itaí foram assassinados por agentes do DOI/CODI[265].

A esta mesma época, mas precisamente em maio de 1975, Aristeu Nogueira, aos sessenta anos, foi preso. Dirigia-se para um encontro do partido no Rio de Janeiro, quando foi abordado por homens que o renderam, jogando seu rosto violentamente contra o muro, deixando-lhe desacordado[266]. Seqüestrado no Rio, Aristeu foi levado para São Paulo, sendo barbaramente torturado, submetido a métodos cruéis como afogamento, "pau-de-arara" e "telefone".

> A tortura é uma experiência praticamente inenarrável. Quem passou por ela sabe que as palavras são absolutamente insuficientes para descrevê-la, tal o sofrimento, a humilhação, a sensação de impotência, a certeza de estar só, de não contar com ninguém senão com você mesmo. Na tortura, essa situação desumana e absolutamente

[261] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 305.
[262] A esta época, Dias era o Secretário Geral do Partido em lugar de Luis Carlos Prestes que os comunistas haviam providenciado a fuga para Moscou.
[263] FALCÃO, João. 1993. Op. cit. p. 307.
[264] COELHO, Marco Antônio Tavares. **Herança de um sonho: as memórias de um comunista.** Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 372 e 375.
[265] COELHO, Marco Antônio Tavares. Op. cit. p. 375.
[266] CAMPOS, Diógenes de Almeida. Diógenes de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.

> desigual, você se defronta com o mais profundo de si mesmo e tem de responder no ato qual o limite de suas forças[267].

Mesmo preso, durante algum tempo, Aristeu ainda era procurado na Bahia. Luis Contreiras, aprisionado em julho de 1975, diz que quando lhe interrogaram, sob tortura, "perguntaram muito por ele"[268]. Depois, Aristeu foi novamente conduzido para o Rio onde teve sua prisão "oficializada". Ao saber do ocorrido, seus filhos entraram com advogado na batalha pelo direito de prisão especial, já que ele tinha o curso superior. Após algum tempo, Aristeu é conduzido à prisão especial, onde podia receber visitas e livros para ler, desde que não fossem "subversivos".

Aristeu teve de responder a processos articulados na Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo e Ceará, sendo condenado a 3 anos e sete meses de prisão[269]. Depois de 2 anos e alguns meses foi solto, ficando em regime semi-aberto. Quando de sua soltura, a ditadura já atravessava uma fase de declínio. Após a crise internacional do petróleo, o regime já não tinha como proporcionar o milagre econômico de outrora e, em 1974, a população havia demonstrado a sua insatisfação dando grande votação ao MDB (partido da oposição consentida) nas eleições para o Congresso, entre outros fatores.

O país começava a viver um processo lento de abertura, cuja anistia para os crimes políticos configurava-se como passo importante. Após a concessão da anistia em 1979, Aristeu voltou para a Bahia.

[267] José, Emiliano. 2004. Op. cit. p. 23.
[268] ALMEIDA, Luís Contreiras de. Luís Contreiras de Almeida: dep. cit. Salvador, 2007.
[269] CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Depoimento autobiográfico**. Op. cit.

3.8 – DE VOLTA A IRARÁ: ATUAÇÃO NA VIDA PÚBLICA DA CIDADE

Aristeu Nogueira saiu da prisão com a sua identidade legalizada. Ao chegar à Bahia, residindo num primeiro momento em Salvador, procurou fazer o mesmo com a sua vida profissional. Recuperou sua carteira de advogado junto a OAB e começou a trabalhar em causas trabalhistas no Escritório Pedreira Lapa, dirigido por seu amigo José Borba Pedreira Lapa, advogado reconhecido pela defesa de presos políticos nos tempos da ditadura. Enquanto reorganizava a sua vida social, Aristeu enfrentava um problema na sua trajetória política.

Neste momento, a Direção Nacional do Partido, em reunião na Europa, resolve considerar desligado do partido uma série de militantes que, no processo dos interrogatórios, tivesse revelado alguma informação sobre o Partido, ainda que fosse sob tortura. A questionável medida, tomada numa situação excepcional, foi decidida *ad referendum* do VII Congresso do Partido, previsto para 1983. O nome de Aristeu Nogueira Campos integrava a lista dos desligados, mas a direção do Partido na Bahia, não era favorável a tal inclusão.[270]

De acordo com o professor Paulo Fábio Dantas, um dos membros da direção estadual à época, os dirigentes baianos em nenhum instante consideraram "Aristeu fora do partido". A direção tentou reintegrá-lo à estrutura partidária, do mesmo modo *ad referendum* que o Comitê Central o havia excluído, mas não obteve sucesso. Aristeu, com seu comportamento disciplinar típico, respondeu que não aceitaria participar de nenhuma organização do partido enquanto a questão não fosse revista. Ainda assim, atuou na "frente política aberta de massas", através de ações nas campanhas eleitorais, na organização de eventos, na ajuda ao trabalho de finanças, entre outros[271].

[270] DANTAS, Paulo Fábio. Paulo Fábio Dantas: depoimento [mai. 2007]. Entrevistador: o autor. Salvador, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[271] Idem.

Na história do Partido Comunista aconteceram vários casos de expulsão. Alguns correspondem a militantes que "falaram" diante do torturador. A situação é extremamente delicada, pois, os métodos usados na tortura, sobretudo em tempos de ditaduras, desafiam os limites da condição humana, quando é natural que o torturado, em seu desespero de dor, termine por falar algo, ainda que não queira. No entanto, para as rígidas normas partidárias, para provar fidelidade ao partido, o militante teria de superar a sua condição humana e resistir talvez até a morte.

Boris Tabacof, preso e banido do PCB nos anos 1950, fala sobre o assunto. Para ilustrar a sua própria condição de expulso, Boris cita Elio Gaspari em *A Ditadura Escancarada*, com o argumento de que "um ato praticado diante do medo do retorno a suplícios sistemáticos só pode ser considerado uma traição se o uso da tortura como forma de extração de confissões é aceito por parte do acervo moral e ético da pessoa que declara traidor o preso submisso"[272]. Depois aborda o trauma causado ao militante expulso, para o qual "não há separação entre a vida privada e a militância". E também recorre a palavras de Roberto Romano: "O partido significa tudo para o militante que nele investe (...). É mortal ser excomungado porque 'exctra ecclesia nulla salus'. Fora da Igreja não há salvação"[273].

No caso de Aristeu Nogueira, uma pessoa com "comportamento político absolutamente irretocável, com uma vida inteira dedicada ao partido, tendo prejuízos enormes na sua vida pessoal"[274], a situação ainda é mais delicada. O assunto chega a ser quase um tabu entre os militantes. Não se sabe ao certo, se Aristeu teria ou não, prestado alguma informação durante a tortura que motivasse a atitude do Comitê Central. Os familiares, ainda que não falem em "expulsão", mostram ciência quanto a um período de afastamento de Aristeu dos quadros partidários.

[272] TABACOF, Boris. Op. cit. p. 81.
[273] TABACOF, Boris. Op. cit. p. 81 e 82.
[274] DANTAS, Paulo Fábio. Paulo Fábio Dantas: dep. cit. Salvador, 2007.

> No partido tinha uma prática. Você é preso, quando você sai, fica numa espécie de quarentena, porque não se sabe se você traiu, não se sabe se você estava como um agente (...). Então quando alguém sai da prisão - isso sempre foi assim nessa vida clandestina - não tem contato com ninguém durante algum tempo; um ano, dois anos, três anos... Para ver como é que as coisas se desenvolvem. Ele volta, ele é torturado e ele fica nesse limbo. Eu nem sabia disso, quem me explicou tudo isso foi ele.[275]

A explicação, dada por Aristeu à Vera Felicidade, foi intensificada diante da revolta de sua filha, quanto ao afastamento de uma pessoa que tinha apanhado e sofrido tanto pela causa partidária. Aristeu complementou dizendo que a medida era necessária até que o partido pudesse fazer suas averiguações[276]. Luís Contreiras diz não saber maiores detalhes dessa decisão "tomada lá por cima"[277] e que nunca se sentiu a vontade para conversar com Aristeu sobre o fato. Para Contreiras, "quem nunca foi torturado não pode falar de tortura".

Em dezembro de 1982 aconteceu o VII Congresso do PCB e a "quarentena" de Aristeu terminou. "Ele ficou muito contente porque o partido o chamou e reintegrou"[278]. De acordo com João Falcão, Giocondo Dias teve um papel fundamental nessa decisão[279]. Reintegrado, Aristeu retoma as atividades dentro do partido, integra novamente a Direção Estadual e decide voltar para Irará.

Neste começo dos anos 1980 a cena política brasileira esta em processo de mudança. O bi-partidarismo havia terminado, surgindo novas legendas como PDS, oriundo da antiga ARENA; o PDT, tendo Leonel Brizola como líder; o PMDB, surgido do MDB; e o PT, fruto do movimento sindical do fim dos anos 1970. Ivete Vargas, filha de Getúlio, recupera a legenda do PTB; e o PCB consegue a sua tão almejada legalidade.

A campanha pelas eleições diretas para presidente toma conta do país, mas não passa no Congresso Nacional. Tancredo Neves (PMDB) é eleito presidente no Colégio Eleitoral, através de uma ampla aliança. Porém, antes de tomar posse, Tancredo falece, assumindo em

[275] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.
[276] Idem.
[277] ALMEIDA, Luís Contreiras de. Luís Contreiras de Almeida: dep. cit. Salvador, 2007.
[278] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.
[279] FALCÃO, João. João Falcão: dep. cit. Salvador, 2006.

seu lugar o vice, José Sarney. Com a posse deste primeiro presidente civil, desde o golpe de 1964, encerra-se o período de 21 anos da ditadura militar.

Em Irará, Aristeu já contando 70 anos de idade, havia casado com Tereza Cruz, filha do velho companheiro Raul Cruz, e reestruturado o Diretório do PCB na cidade. A sua luta consistia em fazer um trabalho de formação, para o qual a primeira experiência eleitoral seria a campanha para o governo do estado em 1986.

Os principais candidatos daquelas eleições eram Waldir Pires (PMDB) e Josaphat Marinho (PFL). Waldir era apoiado por um amplo grupo de partidos e lideranças da oposição, incluindo o PCB. Josaphat tinha o apoio do grupo liderado por Antônio Carlos Magalhães, representante do antigo regime no Estado, entre eles o então governador, João Durval, eleito em 1982. Em Irará, Aristeu apoiou os candidatos do PCB, Fernando Sant'anna, para Deputado Federal, e Paulo Fábio, para Deputado Estadual. O resultado da eleição foi favorável a Waldir, vencendo com 60,3% dos votos[280]. Fernando Sant'anna foi eleito e Paulo Fábio ficou na suplência.

Mesmo fora de períodos eleitorais Aristeu Nogueira já fazia palestras nas escolas de Irará sobre temas como cidadania, direitos e deveres. Nas campanhas, além das palestras ele organizava reuniões na zona rural com convidados e fazia pronunciamentos nos comícios públicos. Na eleição de 1988, ele se comportou da mesma forma, mas agora não só representando candidatos.

Naquele ano, Aristeu Nogueira candidatou-se a vereador, o único concorrente do PCB na cidade. Para o cargo de prefeito, o partido apoiava a candidatura de Amaro Bispo (PMDB), candidatado do então Prefeito Alberto Santana (sobrinho de Fernando Sant'anna) formando a coligação PMDB/PDC/PCB. O outro candidato ao executivo municipal era Antônio Campos (PFL).

[280] A TARDE, Salvador, capa, 23 nov. 1986.

Um fato peculiar marca essas eleições em Irará. Enquanto o candidato do PMDB era cria política do PDS, partido onde se originou o PFL, o candidato pefelista havia sido um antigo militante do PMDB. Neste cenário de contrastes políticos, típico de interior, onde as filiações partidárias são decididas mais por questões pragmáticas do que ideológicas; Aristeu tentava fazer uma campanha de conscientização política. Como lembra a professora Marilda Aquino.

> Nos seus discursos ele fazia uma recapitulação desde a ditadura, de todo o exílio, de uma série de coisas dessas, então, o povo não queria isso. O Povo queria lá saber de história, o povo que tava ali embaixo queria tomar cachaça, queria um dinheiro pro bloco... No momento em que ele falava a gente sentia que havia uma queda da maioria dos eleitores[281].

Com o esvaziamento dos comícios quando da fala de Aristeu, as lideranças partidárias escalavam o seu nome para falar por último, quando não tentavam impedir o seu discurso. A "prolixidade" de Aristeu não era bem aceita entre o público eleitor, até mesmo nas palestras para estudantes, os professores ouviam reclamações de alunos que não queriam ouvir aquele "velho gagá"[282].

Apesar da dispersão pública e rejeição de algumas pessoas à fala de Aristeu, a sua eleição era dada como certa nas rodas políticas da cidade. Acreditava-se que devido ao seu conhecimento e ao que representava no cenário político, dentre outros fatores, ele seria facilmente eleito. Ao final das eleições, Aristeu alcançou a marca de apenas 56 votos[283]. Um número aquém dos, aos menos, 150 que seriam necessários para ser eleito. Escore decepcionante para ele e para as pessoas que apostavam na sua candidatura, cujo comentário da época apontava ter sido derrotada pelo "já ganhou".

A derrota eleitoral não significou motivo de desistência para um político que fazia campanha eleitoral não só para ganhar, mas para formar quadros, assegurar o funcionamento

[281] SANTOS, Marilda Aquino. Marilda Aquino dos Santos: depoimento [mai. 2007]. Entrevistador: o autor. Irará, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[282] Idem.
[283] Informação obtida junto a Coordenadoria de Cadastro Eleitoral - TRE – BA, através de e-mail enviado ao autor: mai, 2007.

do partido e desenvolver a consciência da cidadania nas pessoas. Pouco tempo depois do fracasso das urnas, Aristeu recebeu a oportunidade de oferecer uma grande contribuição para a vida pública de Irará, através do processo de elaboração da Lei Orgânica do Município.

O fato se deu no ano de 1990, após a promulgação da Constituição Federal (1988) e Estadual (1989), quando os municípios receberam a incumbência de elaborar a Lei Orgânica. "Os vereadores chegaram a conclusão de que só Dr. Aristeu poderia fazer aquele trabalho"[284]. Foi formada uma Comissão Especial, composta por seis pessoas, sob a liderança dele, na condição de Relator Geral[285]. A esta época a Casa Legislativa Municipal, era presidida por Aristides Nogueira (PMDB), primo de Aristeu.

Aristeu Nogueira assumiu aquela tarefa como um compromisso que ele tinha com Irará. Antes de elaborar o texto, realizou diversas assembléias em associações rurais do município. Nas reuniões explicava o que estava sendo feito e procurava saber qual eram os anseios das comunidades. Depois, foi iniciado um trabalho intenso, nos três turnos, por vinte e oito dias, no qual Aristeu e Marilda Aquino trabalhavam juntos nas proposições, tendo como base a Carta Federal, a Estadual, além de outras Leis Orgânicas. Os resultados eram apresentados semanalmente em reuniões da Comissão e também com os vereadores, onde eram discutidos[286].

Houve reuniões com os vereadores que Aristeu chegou a se revoltar pelo fato de alguns deles dormirem durante a discussão. A sonolência era afastada nos dias em que a discussão tratava de assuntos motivadores de grandes debates como a regulação do direito de greve ao servidor público municipal, previsto no anteprojeto. A professora Marilda lembra

[284] SANTOS, Marilda Aquino. Marilda Aquino dos Santos: dep. cit. Irará, 2007.
[285] A Comissão é composta das seguintes pessoas: Aristeu Nogueira; Deraldo Campos Portela (médico); Alberto Pereira de Santana (ex-prefeito); Marilda Aquino (professora); Vital Bacelar (vereador) e Darci Villas Boas (vereador). CÂMARA MUNICIPAL DE IRARÁ. Livro Ata nº 1, Fls. 03. Da Constituinte Municipal.
[286] SANTOS, Marilda Aquino. Marilda Aquino dos Santos: dep. cit. Irará, 2007.

que a Lei Orgânica era considerada muito democrática. Ela diz que o prefeito Amaro Bispo lhe disse à época que devido a este caráter, a Lei não se adequava à realidade do município[287].

Exemplo desta característica da Carta Municipal é a redação do inciso V no Art. 129 do Capitulo V - Da Educação, Cultura, Desporto e Lazer; a qual prevê: "eleições democráticas para Diretor das escolas que tiveram seis classes, e para diretor e Vice-Diretor as de oito classes em diante, com a participação de professores e alunos pelo voto livre e secreto"[288]. Este item da Carta nunca foi cumprido e até hoje as vagas de diretores das escolas municipais são preenchidas por nomeação direta do prefeito, tendo o cargo servido de moeda de troca política.

A Lei Orgânica foi promulgada no dia 05 de abril de 1990. Aristeu Nogueira participou da Sessão e falou em nome da Comissão Especial, descrevendo a importância daquela Carta para o município. O prefeito Amaro Bispo em sua fala parabenizou "Dr. Aristeu Nogueira" pela "valiosa colaboração"[289]. Nos anos seguintes, a Lei Orgânica passou por algumas emendas capitaneadas pelo "rolo compressor" do executivo. Depois, em 1995, Aristeu também contribuiu para a elaboração do Regimento Interno da Câmara.

Contribuir com formulações de Estatutos e organização de associações civis, além de organizar movimentos sociais, foi uma constante de Aristeu Nogueira, nesta sua volta para Irará. Durante o governo Sarney, com seu espírito patriota, Aristeu organizou uma sociedade de "Fiscais do Sarney", visitando o comercio de Irará, fazendo pesquisas, com relação ao cumprimente de tabelamento de preços da época. Ele também prestava consultoria gratuita a ONGs. Sempre ajudando com os seus conhecimentos jurídicos, além de sua participação ativa, integrou conselhos municipais como os da Saúde, da Criança e do Adolescente e o Conselho da Comunidade para Assuntos Penitenciários e Prisionais da Comarca de Irará – Concap.

---

[287] Idem.
[288] CÂMARA MUNICIPAL DE IRARÁ. **Lei Orgânica do Município de Irará**. Bahia, 1990. p. 61.
[289] CÂMARA MUNICIPAL DE IRARÁ. **Livro Ata de Sessões Ordinárias**. nº 9, Fls. 07 e 08. abr, 1990.

Aristeu participou do Concap desde sua fundação, em abril de 1985[290], até 1997, quando indicou um outro advogado para substituí-lo[291]. Entre as reivindicações apresentadas ao Juiz da Comarca, logo no primeiro ano do Conselho, está o pedido para que os delegados de polícia fossem nomeados por concurso e não mais por indicação dos prefeitos, como acontecia. Integrando este conselho, Aristeu fez e incentivou palestras, visitou delegacias nas cidades da Comarca, observando a situação dos presos e tentando melhorias para as unidades penitenciarias junto aos prefeitos.

Deraldo Portela, médico e por muitos anos, presidente do Conselho para Assuntos Penitenciários, lembra da vontade de Aristeu, em determinada oportunidade, em querer proporcionar uma maior dimensão política ao órgão. Ele recorda que Aristeu desejava uma manifestação pública do Conselho com relação a certo acontecimento social da cidade, no que ele (Deraldo) não concordava, já que o Conselho existia para "tratar do bem estar dos presos", outros assuntos deveriam ser cuidados por outras instituições[292].

Da relação e consultoria às associações das comunidades rurais, Aristeu criou a CARI - Central das Associações Rurais de Irará. Fundada em 1995, a entidade tinha como principal função "assessorar as associações filiadas". No estatuto está previsto a luta pela instalação de escolas com cursos profissionalizantes e também consultórios médicos e odontológicos nas sedes das associações[293].

A passagem da década de 1980 para a de 1990 foi mais um daqueles momentos marcados por grandes transformações políticas. O Muro de Berlim foi derrubado em 1989, marcando o inicio do declínio comunista no mundo. Os brasileiros puderam outra vez escolher diretamente o Presidente da República, elegendo Fernando Collor que no terceiro

[290] CONSELHO DA COMUNIDADE PARA ASSUNTOS PENITENCIÁRIOS E PRESIDIAIS – CONCAP. Relatório de atividades 1986. Irará, 1986.
[291] CONSELHO DA COMUNIDADE PARA ASSUNTOS PENITENCIÁRIOS E PRESIDIAIS – CONCAP. Relatório de atividades 1997. Irará, 1997.
[292] PORTELA, Deraldo Campos. Deraldo Campos Portela: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: o autor. Irará, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).
[293] CENTRAL DAS ASSOCIAÇÕES RURAIS DE IRARÁ. Estatuto. Irará, 1995.

ano de seu governo sairia diante de um processo de impeachment. Nesta mesma eleição o PCB (Roberto Freire) definitivamente perdeu espaço para o PT (Lula). Em 1990 Antônio Carlos Magalhães vence as eleições para o governo da Bahia, para cumprir o terceiro mandato de governador, após ter sido indicado pelos militares por outras duas vezes. Em 1991, com a crise da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o processo de abertura dirigido por Gorbachev, o PCB abandona a nomenclatura comunista, tornando-se uma nova agremiação, agora chamada de Partido Popular Socialista – PPS.

Todas estas transformações não ceifaram a militância política de Aristeu Nogueira. Ele apoiou o processo de reformas no Partido, "em nenhum instante compôs a ala conservadora que desejava manter todas as referencias do leste europeu, apostando no movimento liderado por Gorbachev[294]". Em Irará, tentava unir forças de oposição e situação para caminhar numa candidatura única nas eleições de 1992[295]. Tal união não foi possível e o PPS local apoiou a candidatura do ex-prefeito (1983-1988) Alberto Santana (PMDB), contra a de outro ex-prefeito (1976-1982) João Lopes (PFL).

Alberto Santana venceu as eleições de 1992 com ampla vantagem de votos. Neste pleito, Aristeu não foi candidato, mas conseguiu eleger um vereador pelo seu partido. Juarez dos Reis era presidente da Associação Rural da Comunidade do Largo, tendo se aproximado de Aristeu através de sua participação na CARI. O vereador, assessorado por Aristeu, atua com posicionamento crítico e propositivo diante da gestão de Alberto Santana (1992-1996) que desta vez decepcionara a população. Em tempos difíceis de governo, o prefeito tentava se aproximar do carlismo, quando este grupo político era hegemônico no cenário estadual.

Na eleição seguinte, no ano de 1996, o vereador do PPS foi reeleito. Desta vez o Partido apoiava Vital Bacelar (PSDB), em coligação com PMDB e o PT, todos tentando firmar uma terceira força política na cidade. As duas correntes tradicionais tinham como

[294] DANTAS, Paulo Fábio. Paulo Fábio Dantas: dep. cit. Salvador, 2007.
[295] NOGUEIRA, Aristides. Aristides Nogueira: dep. cit. Irará, 2006.

representantes: Antônio Campos (PFL) e o ex-prefeito (1989-1992) Amaro Bispo (PTB). Este último, agora totalmente afinado com o carlismo, tinha o apoio do Prefeito Alberto Santana (PMDB) e levava consigo boa parte dos quadros do "partido do governo municipal".

Antônio Campos (PFL) vence as eleições e faz um governo de caráter aberto. Aristeu Nogueira, afinado com a Presidente da Câmara de Vereadores, Professora Miriam Benevides (PFL), tem maior acesso a este governo. Através da CARI organiza grupos de trabalho para, junto com a SEDETUR (Secretária de Desenvolvimento Econômico e Turístico), elaborar um plano de revitalização da feira-livre do município, no qual eram evidenciados dados econômicos e sociais da feira. Com assessoria técnica do SEBRAE, são criados grupos de trabalhos para elaborar um Plano de Desenvolvimento para o Município. Nos estudos eram descritos o histórico, os problemas e possíveis soluções para as mazelas sociais de Irará.

A aproximação com o governo do PFL evidência a capacidade de Aristeu de dialogar com as diversas correntes políticas da cidade. Nesta proximidade, o vereador Juarez rompe com o PPS, filia-se ao PFL e chega à Presidência da Câmara. A esta época, Aristeu, prestes a completar 85 anos, já se encontrava em estado de saúde bastante delicado. O seu problema de surdez, ocasionado pela violência da tortura, começava a avançar. Depois ele foi perdendo a visão. Em 1997 havia ficado viúvo, após o falecimento da esposa Tereza Cruz. E em 1999 ainda enfrentou um câncer de próstata, conseguindo superar esta enfermidade com cirurgia a raio laser[296].

Assim Aristeu ficou distante da vida política da cidade. Isto aconteceu de forma natural, ele tinha dificuldade em sair de casa e freqüentar os ambientes públicos e as lideranças também já não o procuravam como antes. Quando acontecia sair, Aristeu precisava de alguém para lhe guiar, um trabalho geralmente feito pelas pessoas que já algum tempo eram contratadas para fazer leituras de livros e periódicos para ele. Mesmo quando estava

[296] CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Vera Felicidade de Almeida Campos: dep. cit. Salvador, 2007.

quase totalmente surdo e cego, não se lamentava e fazia questão de acompanhar o noticiário demonstrando entendimento da cena política. Neste cenário, nas eleições municipais de 2000, Aristeu foi convidado para subir no palanque do candidato Juscelino Souza (PL).

Aquelas eleições estavam muito disputadas e representavam um cenário novo com cinco candidatos postulando o paço municipal: Agnaldo Francelino (PT); Amaro Bispo (PTB) – ex-prefeito (1989-1992); João Santana (PMDB), Juscelino Souza (PL) e Raimundo Ribeiro (PFL). Além da candidatura do PT, única anti-carlista, a novidade era o candidato Juscelino. Contra este postulante pesava o argumento de que não dispunha de grupos, de experiência ou de apoio político de deputados. Juscelino tentava contrapor as críticas de que apenas representava uma "juventude festiva", convidando pessoas de respaldo político para a sua campanha. De tal forma, organizou uma palestra com o jurista Josaphat Marinho e levou Aristeu Nogueira ao seu palanque.

Devido às condições de saúde, pode ser levantada a suspeita se o candidato não estaria se aproveitando da figura pública de Aristeu Nogueira. Para Marilda Aquino, Aristeu tinha consciência desta possibilidade, mas a vontade dele em participar do processo era superior a qualquer hipótese dele negar tal condição[297]. Juscelino Souza ficou em segundo lugar naquelas eleições vencidas por Amaro Bispo. Aquela foi a última disputa eleitoral da qual Aristeu participou de alguma maneira, registrando a sua última manifestação em praça pública. Assim finalizando a sua vida política militante e encerrando o período no qual, atuando na legalidade num regime democrático, tentou imprimir a sua marca na vida pública de Irará.

Paulo Fábio que além de freqüentar Irará nas campanhas políticas, conduzido por Aristeu, reuniu-se com o prefeito do município, durante o período em que assumiu uma

[297] SANTOS, Marilda Aquino. Marilda Aquino dos Santos: dep. cit. Irará, 2007.

cadeira na Assembléia Legislativa da Bahia, no intuito de colocar o mandato do PCB à disposição da cidade, lembra da atuação política de Aristeu àquela época.

> Entre o final dos anos 1970 e inicio dos anos 1990, a trajetória de Aristeu é a de um militante extremamente dedicado, disciplinado, persistente e de um otimismo que às vezes beirava o quixotismo, do ponto de vista da organização. Mas, do ponto de vista da sua atuação na frente política parlamentar, ele sempre foi um político muito realista e sem preconceitos. Isto lhe permitiu contracenar de uma maneira fluente com prefeitos e quadros dirigentes de Irará que eram adversários algumas vezes. Era uma figura de grande valor, além de uma grande sensibilidade para as questões humanas que envolviam os militantes e a vida partidária[298].

A atuação de Aristeu Nogueira com relação ao sensível e a crença num desenvolvimento social, a partir da produção intelectual ou manifestações simbólicas, aparecem de maneira contundente na sua militância cultural. Assim, Aristeu atuou em diversas frentes, principalmente em Irará através da fundação de duas entidades culturais, em momentos distintos de sua vivência na cidade. Com esta atitude, demonstra sintonia com o Partido Comunista e as preocupações deste, ainda que na maioria das vezes de modo não oficial, com as questões da cultura.

[298] DANTAS, Paulo Fábio. Paulo Fábio Dantas: dep. cit. Salvador, 2007.

4 – CULTURA

A palavra cultura tem sentido polissêmico, com significados usados em situações diversas por interlocutores diferenciados. "O termo cultura provém do latim *colere*, cultivar, tratar, cuidar, abrangendo dois vocábulos gregos diversos: *georgia* (cultura do campo, agricultura) *mathemata* (conhecimentos adquiridos)"[299]. Na contemporaneidade, o conceito de cultura é de grande abrangência, principalmente no campo das ciências sociais, especialmente a antropologia.

No campo antropológico, o significado de cultura foi expresso pelo britânico Burnett Tylor, em 1871, na obra *Primitive Culture*, considerando-a como "o complexo de conhecimentos, crenças, hábitos e costumes e capacidades adquirido pelos homens como membros de uma sociedade"[300]. De tal modo a cultura se faz presente, além de também ser ela própria, a relação do homem com o homem, do homem com natureza e até do homem com o espiritual, conforme refletido nos rituais, reuniões e manifestações de crença e devoção. Edward Said emprega o tema de duas maneiras:

> 1 - "Cultura" designa todas as práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que a amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos. Inclui-se aí, naturalmente, tanto o saber popular sobre partes distantes do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a sociologia e a história literária.
>
> 2 – A cultura é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de cada sociedade, no saber e no pensamento.[301]

As considerações de Said chamam atenção para a dimensão estética e o sentido de refinamento da cultura. Na questão do sensível entende-se a cultura através de sua dimensão simbólica de sociabilidade, por meio de exercício ou fruição de atividades lúdicas. Neste sentido a produção artística tem papel destacado e não raro, o senso comum a admite como

[299] CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: A linguagem da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 2003. p. 195.
[300] Idem.
[301] SAID, Edward. Cultura e imperialismo. Companhia da Letras: São Paulo, 1999. p. 12 e 13.

sendo a própria cultura. Assim, o refinamento ou elevação atua no processo artístico permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico do indivíduo com relação à sua condição na sociedade.

Outra posição demonstrada pelo autor foi a consciência de que além do conhecimento especializado, o saber popular também integra o rico leque de abrangência da cultura. Daí cabe reservar uma atenção aos costumes, tradições e manifestações populares, quase sempre presentes em provérbios, cantigas, folguedos e outras atividades.

A relação subjetiva entre manifestações artísticas, populares, tradições e saberes especializados, compõe o sistema simbólico da cultura. Dentro deste sistema há correlações que legitimam e outras que contestam a ordem estabelecida. "A cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção)"[302]. De tal modo, a cultura tem grande relação com a política. Ambas tratam da "elaboração de direções intelectuais e morais, como diria Antônio Gramsci, e da disputa de visões de mundo", nas quais estão sempre imbricadas[303].

Neste jogo de entrelaçamento a cultura vem sendo exercida pela política de diversas maneiras. Às vezes a política adentra o terreno da cultura com fins instrumentais, de modo a valer-se de manifestações culturais como um meio para atingir determinados fim. Em outras ocasiões as produções culturais são exercidas no sentido de desenvolvimento de consciência crítica visando algum tipo de transformação social. O terreno da relação entre política e cultura costuma ser habitado por instituições como governos, sindicatos, associações civis e partidos políticos.

[302] CUNHA, Newton. Op. cit. p. 197.
[303] RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Políticas culturais entre o possível e o impossível**. In: II ENECULT – II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006, Salvador. CD Rom Anais II ENECULT. Salvador: CULT-UFBA, 2006. p. 3.

4.1 – A CULTURA E O PCB

Uma história de paradoxos permeia a relação entre o PCB e a cultura. Um partido de atividade clandestina, durante a maior parte da sua existência, que não manifesta grandes atenções para o tema da cultura nas suas teses, ao mesmo tempo é uma instituição cuja trajetória é marcada por muitas realizações no campo cultural.

O tema da inteligência, amparado pela consciência de desenvolvimento intelectual, representa uma questão cara aos comunistas. Já durante o segundo ano da existência do partido no Brasil, uma frase retirada do texto *Para ser comunista*, publicado no jornal *O País*, em 20 de outubro de 1923, aponta para uma das premissas da instituição política para com os seus militantes: "Nenhum cérebro deverá ser mais complexo, enciclopédico, que o do comunista"[304]. A assertiva induz a uma valorização da intelectualidade, ainda que ela não tenha sido valorizada em algumas fases da trajetória partidária.

No inicio década de 1930, o Partido Comunista vive o período chamado de *obreirismo*. Nesta época, o entendimento era de que o partido, submetendo-se às regras da III Internacional, fosse composto por operários em seus órgãos de decisão. Tal "proletarização" motivou alguns integrantes partidários se tornarem operários, como Patrícia Glavão – Pagu, escritora do livro *Parque Industrial*, sob o pseudônimo de Mara Lôbo, cujo enredo aborda temas proletários.

Ainda nesta década é organizada a Liga de Defesa da Cultura Popular. Vinculada à ANL (Aliança Nacional Libertadora), organização que Prestes e o Partido Comunista pretendiam transformar em instrumento de tomada do poder[305], a Liga marca o início da preocupação do partido pela cultura produzida pelo povo[306]. Militantes e intelectuais do

[304] RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil**. Centro Editorial e Didático da UFBA: Salvador, 1995. p. 22.
[305] KONDER, Leandro. Op cit. p. 61.
[306] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p. 327.

partido participam de dois congressos Afro-Brasileiro, o intelectual comunista Edison Carneiro inicia seus estudos sobre religiosidade afro-brasileira, além de outras ações indicadoras do interesse do Partido Comunista em relação à cultura do povo[307]. Fato paradoxal é que neste mesmo decênio de "proletarização", o PCB registra grande afluxos de intelectuais e representantes de outros segmentos como os "tenentes"[308].

Os anos 1940, sobretudo no período do pós-guerra, é um momento no qual o Partido Comunista demonstra maior preocupação com a cultura. A luta contra o nazi-fascismo, a campanha pela entrada do Brasil na guerra, o prestígio da URSS no momento, dentre outros fatores, atraem intelectuais como Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Monteiro Lobato e Walter da Silveira, entre outros. No Congresso Nacional, o escritor e deputado comunista Jorge Amado apresenta projetos relacionados à cultura, a exemplo do pedido de pensão mensal ao "mais antigo dos palhaços brasileiros"[309]. A *Tribuna Popular*, diário do partido no Rio de Janeiro, organiza um concurso de escolas de samba. Outro periódico ligado ao partido, o pernambucano *O Popular*, "noticia que a bancada 'popular' está lutando para reduzir o imposto para o funcionamento de diversões públicas, beneficiando deste modo, os clubes de carnaval"[310].

No período da legalidade do partido, entre os anos de 1945 e 1947, é registrada uma rica e qualitativa presença de intelectuais na legenda. Um discurso de Jorge Amado publicado no livro *O Partido Comunista e a Liberdade de Criação* (1946) traz afirmações tipo: "O PC do Brasil pode se orgulhar de ter sido nos últimos 15 anos (...) o melhor apoio e incentivo dos escritores e artistas". Noutra passagem Jorge considera que "nunca, jamais o partido deixou de jogar todo o peso de sua influência sem sectarismos partidários a literatura e a arte

[307] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p. 328.
[308] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. 1995. p. 64.
[309] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p. 328.
[310] Idem.

modernas no Brasil"[311]. O perfil sectário que, de acordo com Jorge Amado, não aparecia naqueles tempos de legalidade, é justamente a feição a ser apresentada na década seguinte, principalmente após o Manifesto de Agosto.

Esta fase de dirigismo cultural (1950/1956), ironicamente representa o momento no qual o partido demonstra maior intenção pela realização específica de uma política cultural. O tema da cultura está previsto na redação do manifesto, como no oitavo item, quando é reivindicado "instrução e cultura para o povo" e depois "apoio e incentivo a atividade científica e artística de caráter democrático"[312].

O que não era nada democrático era o posicionamento da direção central. O órgão tentava pautar a realizações das ações desejadas de modo instrumentalista. Nesta fase do PCB, escritores têm textos censurados, a arte moderna é criticada sob a acusação de privilegiar a forma em detrimento do conteúdo, jornais passam a adotar um tom sectário na sua linha editorial, entre outras medidas. O professor Albino Rubim avalia a política cultural formulada no período como "a maior, mais sistemática, intencional e explicita intervenção do Partido Comunista no campo cultural e ideológico no Brasil", mas observando que "o pensamento stalinista então hegemônico, identifica cultura e ideologia, menosprezando suas diferenças e especificidades"[313].

Nos anos 1960, após a fase de revisões conseqüentes das denúncias dos crimes de Stalin no XX Congresso do PCUS, o partido tem um posicionamento diferenciado, não mais instrumentalizando as ações culturais, mas de alguma forma tentando influenciar sem dirigismos e através de seus filiados alguns movimentos sociais. Exemplo disto é a interação de membros do partido no Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE). O CPC "encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da

[311] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. 1995. p. 102.
[312] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p.256.
[313] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p.342.

luta pelas reformas de base e satirizavam o 'imperialismo' e seus 'aliados internos'"[314]. Nos quadros da entidade estudantil, que também produziu o filme *Cinco Vezes Favela*, com teor crítico-social, estavam pessoas ligadas ao Partido Comunista, como Ferreira Gullar, Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Viana Filho, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, entre outros.

Se, através dos seus militantes, o PCB influenciava o Centro Popular de Cultura dos estudantes, também era influenciado pelo Centro, entre outros movimentos sociais do período. A atuação das entidades sociais estimulou uma visão do partido por uma cultura nacional e popular, ainda que tal abordagem não fosse feita de forma sistemática. Uma avaliação de Pedro Mota Lima, intitulada de "Falta uma tese: sobre o desenvolvimento cultural"[315], aborda o distanciamento que a cultura teve entre as resoluções do V Congresso do PCB (1960), quando o partido definia o combate às distorções do período anterior à Declaração de Março (1958).

No período pós-1964 o PCB perde a hegemonia no meio intelectual, entre as tantas cisões sofridas pelo partido, além da terrível luta contra a ditadura. Com o processo de abertura nos anos 1980 tampouco o partido consegue reorganizar o seu ambiente cultural. Continua assim a tradição de não formulações democráticas acerca de políticas culturais no seio do partido. Um traço ambíguo para uma legenda política que foi capaz de mobilizar setores como a imprensa, diversos segmentos artísticos e entidades culturais.

O PCB constituiu uma grande imprensa partidária, tendo seu auge no período da legalidade. Os comunistas iniciaram a montagem de uma fantástica rede de comunicação, abarcando oito diários e inúmeros semanários distribuídos em diversas cidades brasileiras e

[314] KONDER, Leandro. Op. cit. p. 73.
[315] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. 1995. p. 109.

também uma agência de noticias (*Interpress*) que distribuía material para a imprensa partidária e para órgãos de imprensa em pequenas cidades do interior[316].

O conglomerado comunista à época talvez só fosse suplantado pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Além dos jornais, existiram várias revistas de cultura e informação editadas sob a influência dos comunistas, a exemplo de *Continental*[317], dirigida por Armênio Guedes; *Literatura*, contando com Graciliano Ramos e Manuel Bandeira no seu quadro diretor; e *Problemas*, inicialmente dirigida por Carlos Marighella.

A área de literatura também mereceu atenção do PCB. Esta atividade foi de alguma forma contemplada desde a fundação da legenda com indicações no estatuto. Nos anos 1930, apesar do clima de repressão ao comunismo, o partido encontra um momento propicio à publicação de literatura com teor marxista. Assim tem-se a produção da chamada literatura social, não só internacional com títulos de autores como Tolstoi e Dostoiévski, mas também nacional, através de nomes comunistas como Oswald de Andrade e da chamada geração regionalista, a exemplo de Raquel de Queiroz e José Lins do Rego.

Na década de 1940, o partido funda a *Editoral Vitória*. Organizada por Leôncio Basbaum, a editora "mantém relações comerciais com gráficas, distribuidoras, livrarias, etc e tem funcionários e vendedores profissionalizados, além de uma direção oficial"[318]. Na tese *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, Albino Rubim inventariou mais de 100 títulos publicados pela editora, observando quatro eixos temáticos: literatura, divulgação política partidária, marxismo e matérias relativos à URSS. Entre as produções da *Vitória* está a coleção *Romance do Povo,* cuja edição aconteceu nos anos do dirigismo cultural no partido. Com publicação de 20 títulos, boa parte deles de autores russos, de acordo com Armênio

[316] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. 1995. p. 29 e 30.
[317] O anúncio "Leiam Continental – a revista mais democrática do Brasil" aparece com freqüência em edições de O Irará Jornal nos anos de 1944 e 1945.
[318] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op.cit. 1995. p. 44.

Guedes, a coleção só não sofreu influência total do stalinismo reinante no momento, graças à atuação de Jorge Amado[319].

O segmento das artes plásticas foi mais uma das linguagens artísticas valorizadas pelos comunistas. O marco da confluência entre militantes políticos e artistas plásticos acontece com a "Mostra de Arte Social", organizada pelo *Clube de Cultural Moderna do Rio de Janeiro* em 1935, com a exposição reunindo mais de 170 desenhos e pinturas de tendência social. Em 1945, com a legalidade é possível organizar a exposição "Artistas Plásticos do Partido Comunista do Brasil". Entre eles estão nomes como Pancetti e Portinari, este último teve na obra *Retirantes* (1933), seu primeiro trabalho com temática social. Depois nos anos 1950, o Partido Comunista organizou clubes de gravuras em Porto Alegre, Bagé, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Recife. A opção pela arte ferrenhamente militante, advogada pelo partido, afasta os artistas seduzidos pela arte abstrata naquele momento.

No cinema os comunistas buscaram atuar no tripé: produção – distribuição – exibição. A Liberdade Filmes foi montada por Rui Santos e Oscar Niemeyer, chegando a produzir duas películas: *O comício de Prestes no Pacaembu* e *24 anos de luta*. Também foi criada a Tabajara Filmes para cuidar do setor de distribuição. Na área de exibição o partido teve participação marcante nos anos 1950 através do movimente cine-clubista. "Os cine-clubes, além de formar público funcionam como escolas verdadeiras para futuros realizadores e críticos de cinema e, naqueles anos, ocupam lugar destacado na organização, e após, no despontar do cinema (novo) brasileiro"[320]. Destaca-se o Clube de Cinema da Bahia, animado pelo comunista e crítico cinematográfico Walter da Silveira, servido de fonte de influência para Glauber Rocha, Orlando Senna e Guido Araújo, entre outros.

A atuação do Partido Comunista e de seus militantes ainda reservou atenções para segmentos culturais como o canto, a música, o rádio e o teatro. Organizou corais de mulheres

[319] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op.cit. 1995. p. 46.

[320] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. 1995. p. 57.

e de operários. O comitê paulista chegou a montar uma pequena orquestra popular com violões, cuícas e pandeiros. Dorival Caymmi, então membro do PC, compôs uma marcha para o partido na campanha de 1945. No mesmo ano, em Salvador, operários organizaram o "Núcleo Teatral de Educação Popular" e no Rio de Janeiro o poeta Solano Trindade e o etnólogo comunista Edison Carneiro dirigiam o grupo "Teatro Popular Brasileiro". Apesar de ter uma atuação restrita no rádio e na TV, devido aos custos econômicos e legislações antidemocráticas, o PCB instalou algumas estações clandestinas de rádio, como a poderosa estrutura montada em 1935, sintonizada até em Moscou[321].

Não pode deixar de ser mencionado a atuação do partido na área da educação artística, da organização de eventos culturais e na criação de entidades culturais. Foram muitos cursos e congressos organizados pelo partido ou pessoas ligadas a ele. Em 1945 foram criados "Clubes de Cultura Popular" em diversas cidades do Brasil, como Salvador e Porto Alegre. Antes, em 1942, havia sido fundada sob influência de comunistas, a "Associação Brasileira de Escritores – ABDE", aglutinando intelectuais e adotando posicionamentos cada vez mais políticos, até a cisão da entidade, quando surgem críticas à "infiltração comunista". Entidades como o UTI (União dos Trabalhadores Intelectuais – 1945), o CTI (Comando dos Trabalhadores Intelectuais - 1960) e o Centro de Estudos Sociais (1962), entre tantas outras, também são fundadas ou influenciadas por comunistas[322].

> A trajetória até aqui esboçada pode se estender a uma multiplicidade de campos culturais e artísticos [também esportivo], tentando rastrear a completude da rede de equipamentos e recursos materiais e humanos, destinados à produção e consumo da cultura, tecida pelo partido ou pelos intelectuais a ele associados. (...) O desvelamento de parte (que seja) do aparato, (...) pode na hipótese pior, servir como sinal indicial da rede em plenitude e iluminar a potência tentacular, realizada ou não, da intervenção política cultural dos comunistas brasileiros[323].

Assim como outros comunistas, Aristeu Nogueira durante a sua trajetória de vida, demonstrou ter atenção ao segmento da cultura, na organização de eventos ou palestras e com

[321] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p. 193-195.
[322] RUBIM, Antônio Albino Canelas**.** Op. cit. 1986. p. 202-205.
[323] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. 1995. p. 61.

seu trabalho na imprensa partidária. No entanto, o maior reflexo de sua atuação como militante cultural está na criação e direção de entidades destinadas à produção e efetivação de ações relativas à cultura. Tal fato aconteceu de forma muito nítida em Irará, onde Aristeu fundou e dirigiu duas entidades culturais: A Casa da Cultura de Irará (CCI), na década de 1980; e o Centro de Diversões e Cultura (CDC), nos anos 1940.

4.2 – O CENTRO DE DIVERSÕES E CULTURA - CDC

Centros de cultura são entendidos como equipamentos onde a prática cultural não se limita a uma única vertente ou linguagem (teatro ou música ou biblioteca, etc), mas que seja constituído como um espaço privilegiado, onde estejam, concentrados diversos saberes ou fazeres de cultura. Embora os primeiros centros de cultura, como são conhecidos na contemporaneidade, só tenham surgido na França na década de 1950, o autor Teixeira Coelho descreve a existência de centros culturais ingleses desde o século XIX[324].

O Centro de Diversões e Cultura – CDC, entidade que funcionou em Irará no inicio da década de 1940, notadamente não tinha o perfil dos atuais centros de cultura. Apesar de ter uma sede social, onde existia uma biblioteca, o CDC pode ser definido como uma associação cultural cuja missão era desenvolver atividades artísticas e esportivas, valendo-se para tal de equipamentos como o cine-teatro, o campo de futebol, praça pública e outros disponíveis na cidade. Para manter o funcionamento, existia um grupo de associados que contribuíam com

[324] RAMOS, Luciene Borges. **Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea**. In: III ENECULT – III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007, Salvador. CD Rom Anais III ENECULT. Salvador: CULT-UFBA, 2007. p. 4.

uma quantia relativamente pequena e, por vezes, Aristeu conseguia recursos através de algum deputado[325].

Todos os depoimentos coletados sobre a entidade atestam o nome de Aristeu Nogueira como fundador. No entanto, um anúncio veiculado em *O Irará Jornal* do dia 20 de fevereiro de 1943, põe em dúvida tal afirmação[326]. A nota comunica o quarto aniversário do CDC celebrado no dia anterior, assim revelando que o centro iniciara suas atividade em fevereiro de 1939, período no qual Aristeu ainda era estudante em Salvador. A menos que tivesse participado da fundação durante as férias, depois se ausentado por um tempo (na época não eram freqüentes as viagens Irará-Salvador), Aristeu não poderia estar presente na organização da entidade. Ainda assim, mesmo que porventura não tenha sido o fundador, é inegável a atuação de Aristeu para o funcionamento da organização.

Além dos depoimentos, notas escritas no jornal atestam que Aristeu Nogueira era o condutor do CDC. São comunicados, convocações de assembléias, entre outras manifestações, nos quais o nome de Aristeu aparece como presidente da entidade constituída em sua diretoria pela seguinte estrutura:

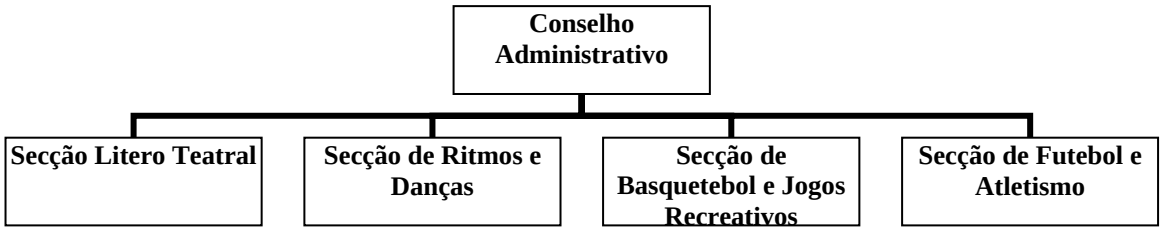


Figura 01

Aristeu presidia o conselho administrativo em 1942, sendo reeleito em 1943. O conselho coordenava os outros órgãos do CDC cuja estrutura interna de cada um deles era

[325] ALMEIDA, Floripes. Floripes Almeida: depoimento [set. 2005]. Entrevistador: o autor. Irará, 2005. 1 cassete sonoro (60 mim).
[326] Fatos do CDC. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 204 fev. 1943.

desdobrada em: presidente, secretário, diretor administrativo, diretor de almoxarifado e diretor de informações. Assim seria composta uma diretoria com 25 componentes, mas conforme pode ser percebido na descrição dos cargos de direção nas respectivas sessões, havia acúmulo de funções.

Por vezes a pessoa que ocupava uma função no quadro diretivo de uma secção, desempenhava outro papel na estrutura vizinha. Por exemplo: No ano de 1943, Floripes Almeida presidia a secção de Ritmos e Danças ao tempo em que secretariava a secção de Basquete. O próprio Aristeu Nogueira, além de ser presidente do Conselho Administrativo, também ocupava a presidência da secção de Futebol e Atletismo[327].

Outro traço também percebido nesta diretoria do CDC é a composição familiar da mesma. A Secção de Basquete era presidida por Odete Almeida, esposa de Aristeu, irmã de Floripes e filha de Ubaldino de Almeida (Pitaco), secretário da secção Litero Teatral. Alberto Nogueira, irmão de Aristeu, era o secretário da secção de Ritmos e Danças. Augusto Graça era o presidente da secção Litero Teatral, tendo na diretoria de administração sua esposa, Ligia Graça. E, talvez não seja só coincidência de sobrenomes, as presenças de Joselina Teixeira, como secretária da secção de Ritmos e Danças, e de Tertuliano Teixeira, na condição de diretor administrativo da secção de Basquete[328].

Não foram encontrados elementos precisos com relação ao funcionamento da entidade. Atas, estatutos, relatórios ou nenhum outro tipo de documento oficial. As informações sobre o Centro provêm das notas encontradas nas edições pesquisadas de *O Irará Jornal*, na publicação de "Irará em Revista" (roteiro de peça teatral encenada pelo CDC em dois atos, publicado em segunda edição pela Casa da Cultura de Irará - 1985) e através de alguns depoimentos de pessoas que lembram ou participaram do Centro. De acordo com o

[327] Fatos do CDC. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 198 jan. 1943.
[328] Fatos do CDC. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 205 fev. 1943. p. 4.

relato dos consultados, a "família CDC" proporcionou grande agitação cultural naquele Irará do inicio da década de 1940.

> Tinham festas muito boas. Reizados... estas festas todas. Naquele tempo eu achava que o povo gostava mais dessas coisas. (...) A mocidade daqui [Irará] daquela época toda fazia parte. Se fosse uma coisa que tivesse tido uma persistência, hoje era uma associação muito boa. Se você ver o Hino do CDC é muito lindo[329].

A música do hino do CDC foi composta pelo maestro Almiro Oliveira e a letra é autoria de Liberato Barreto. Não foi possível ouvir a melodia do hino, mas o escrito traz algumas afirmações, no mínimo, estranhas para os dias de hoje, e talvez até mesmo para a época: "Queremos ser um povo eugênico e viril" e "sejamos uma raça esplêndida e galharda". Estranho se falar em "eugenia" e "raça", justamente quando o mundo combatia as idéias eugenistas de Adolf Hitler. O termo volta a surgir noutro verso: "Amemos, pois, o Livro e o Esporte que à eugenia/ Da raça novos dons acrisolados dê"[330]. Estrofes que merecem maior atenção e pesquisa, pois, diante das informações sobre o CDC e acerca da movimentação político-cultural de Irará à época, não se percebe elementos que dê vazão a pensamentos eugênicos.

No mais, a letra do Hino do CDC tece palavras de ordem à juventude iraraense e louvores ao esporte, unido ao livro e a arte. Entre elas: "Marchemos, jovens desta terra/ Quais bandeirantes da cultura" e "Hosanas mil ao nosso Esporte/ Unido sempre ao Livro e à Arte"[331].

Com um hino falando tanto em esportes e até em "perfeição das formas", era mesmo de se esperar atenção do CDC para atividades desportivas. Eram organizadas partidas entre times da cidade e contra visitantes de municípios vizinhos como Feira de Santana. A secção

[329] ALMEIDA, Floripes. Floripes Almeida: dep. cit. Irará, 2005.
[330] ALMEIDA, Ubaldino. **Irará em Revista – dois atos.** Irará: Casa da Cultura de Irará, 1985. p. 33 e 34.
[331] Idem.

de Basquetebol mantinha dois times, um feminino e outro masculino e também edificou uma quadra para a prática do esporte, no terreno onde hoje está a Casa Paroquial. O mesmo acontecia com a secção de Futebol, só que não consta que esta tivesse uma equipe de mulheres. A coluna desportiva da edição 194 de *O Irará Jornal*, assinada pelo colunista de iniciais W.R., indica a relação de Aristeu Nogueira com o esporte.

> Fui convidado para colaborar na secção desportiva que se inicia nesta folha, pelo seu redator [Aristeu], que apesar de nunca ter praticado nenhum esporte, é, entretanto, o mais entusiasta dos adeptos, por saber dos benefícios, que sobrevém, para a juventude que a pratica, bem como conseqüência, o aumento de homens capazes para o país, que assim dentro de algumas gerações terá um povo digno de viver[332].

No segmento das artes o CDC realizou diversas atividades. A secção de Ritmos e Danças cuidava da organização de festas, bailes de carnaval e eventos comemorativos, além de manter um grupo de batucada. Também foram promovidos desfiles cívicos, destacando fatos históricos, em representações como a dos Encourados de Pedrão.

A secção Litero Teatral organizava recitais, palestras e encenações. Sob coordenação da entidade, grupos de outros municípios se apresentaram no Cine Teatro Pathé, o teatro da cidade à época. Entre os grupos visitantes esteve o Trio Iracema (Biribinha – o mágico do riso, José e Lourdes Bezerra), encenando entre outras, a comédia "A Quinta Coluna". Na visão de *O Irará Jornal*, na edição 207 (13 de março de 1943), a peça era uma "lição de vigilância" contra a Quinta Coluna "miserável"[333].

O espetáculo "Irará em Revista" montado e encenado pelo CDC foi o trabalho teatral que mais chamou atenção do público. A "salada", no dizer de seu escritor Ubaldino de Almeida, também conhecido como Pitaco, foi encenada pelo elenco do Teatro do Centro em 07 de setembro de 1941, em homenagem ao "Dia da Pátria", no texto de apresentação do roteiro da peça, o autor diz que:

> "Irará em Revista" poderia ser classificada, quando muito, como ligeira crônica de assuntos da época, transportados ao cenário de Irará, para efeito de publicidade,

[332] Secção Desportiva. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 194 dez. 1942.
[333] **O Irará Jornal**. Irará, ed. 204 e 207. fev e mar. 1943.

> crítica e diversões; todavia, não se cogitou da responsabilidade de um trabalho original, digno de divulgação, pois que tudo ali é velho, tecla batidíssima no "Teatro de Variedades"[334].

Os créditos para a modéstia do autor ficam comprometidos diante de sua própria informação quanto à limitação do texto, classificando-o como assunto batido e repetido. Ainda que Irará e o mundo tenham passado por transformações, muitos dos assuntos abordados na peça são atualíssimos hoje, 66 anos depois. "Ambição, intriga, falsidade, injustiça e malandragem", são apresentados no primeiro ato da peça através de esquetes de Celestino Silva, observados por Zeca de Fulô (Apolinário Marciel) e Filho da Cidade (Vilobaldo Silva) personagens que acompanham, comentam e provocam em suas falas o início dos três esquetes.

O enredo da peça no segundo ato trata da apresentação da cidade por um morador urbano (filho da cidade) ao vivente da zona rural (Zeca de Fulô). Em suas falas eles observam e abordam problemas e qualidades de Irará, como se o município tivesse "passando em revista". Outros atores representam prédios públicos (prefeitura, escola, igrejas, etc), pontos naturais (Lagoa da Madalena, Fonte da Nação, Fonte da Mangabeira) e ruas (Direita, Quixabeira, Nova, Beco do Quartel), além de também representarem personagens dos esquetes. Todos se apresentam com versos dentro das canções que são tocadas.

Os nomes de Aristeu Nogueira e do Professor Arthur Oliveira são listados na função de contra-regras. Além do roteiro e direção, Ubaldino de Almeida é o responsável pela cenografia, pintando ele mesmo o ambiente inspirado em edificações da cidade, com destaque para o mercado municipal. O próprio CDC, assim como suas respectivas secções, é transformado em personagem com direito a fala no enredo.

A peça é toda acompanhada por uma pequena orquestra, sob a coordenação do maestro Almiro Oliveira. O conjunto "Seis e Meio", um dos grupos musicais da cidade,

[334] ALMEIDA, Ubaldino. Op. cit. p. 02.

integra o espetáculo tocando “Brasil Pandeiro” de Assis Valente, “genialíssimo iraraense, cabeça nascida na Fazenda Patióba, do distrito de Ouriçangas”[335].

O grupo de batucada do CDC aparece, principalmente no final, quando tudo “acaba em samba”. Não se trata de pura finalização festiva, mas com a consciência de que o “baruio” que vai entrando em cena “é mais uma reivindicação do CDC ao granfinismo... É a batucada.... que tantas alegrias promoveram a alma do cativo... É o símbolo da alforria de um povo... É a grandeza da liberdade, que se expande em festanças”[336].

A cidade aprovou o espetáculo e dois anos depois da encenação o CDC imprimiu o roteiro, vendendo a edição como forma de angariar recursos para a sua secção de Basquetebol. Cada exemplar era comercializado pela importância de seis cruzeiros, moeda da época.

Outro tema caro ao CDC tratado na peça foi o problema do analfabestimo. O homem da cidade, não desmerece a cultura do morador rural, mas transmite ao mesmo a importância de ser um “homem culto”. Na prática cotidiana, o CDC mantinha um curso de alfabetização de adultos, para homens e mulheres, sob uma taxa mensal de cinquenta centavos de cruzeiro[337]. Através de nota publicada em *O Irará Jornal*, o Centro faz a seguinte comunicação: “Apelamos às donas de casa e patrões que mandem seus empregados para a escola noturna do CDC porque assim cooperam para o combate ao analfabetismo”[338].

A escola noturna foi prejudicada durante a crise do preço do querosene, motivando a entrada do Centro na campanha pelo tabelamento dos preços que era feita pelo *O Irará Jornal*. O semanário noticiou o fato: “O Centro de Diversões e Cultura está se revelando o campeão da campanha do querozene. Os jovens matriculados nos cursos noturnos daquela sociedade, se rebelaram diante da falta de querozene e do seu preço absurdo e pedem um

[335] ALMEIDA, Ubaldino. Op. cit. p. 43.
[336] ALMEIDA, Ubaldino. Op. cit. p. 42.
[337] Fatos do CDC. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 203. fev. 1943.
[338] Fatos do CDC. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 210. abr. 1943.

tabelamento" [339]. Diversos integrantes do CDC enviaram telegrama ao Interventor Federal no Estado pedindo providências. Na condição de Presidente, Aristeu fez o mesmo.

> Centro de Diversões e Cultura de Irará apela em nome seus associados grande espírito administrador vossencia sentido solucionar situação vexatória preço querezone sete cruzeiros litro nesta cidade impondo respeito tabelamento não está sendo cumprido pt Devido esta situação fechamos duas escolas noturnas alfabetização interrompendo aulas nosso curso secretários.
> Saudações
>
> Aristeu Nogueira Campos
> Presidente[340]

No segundo semestre de 1943, o CDC não teve o mesmo fôlego do primeiro. No mês de fevereiro Aristeu já abordava o desconhecimento das funções da entidade e escreveu que: "as suas finalidades ainda pouco compreendidas pelas massas, será, dentro em breves dias melhormente assimiladas e uma grande organização se edificará em nossa terra como uma conquista do povo para o próprio povo"[341]. Em julho a situação deveria estar bem mais desanimadora. Um texto de capa em *O Irará Jornal*, cujo titulo é "Decadência cultural de um povo", discute a questão cultural na cidade, conforme pode ser visto no trecho a seguir.

> A nossa decadência cultural é alarmante. Foram os nossos clubes de danças, desapareceram as nossas filarmônicas, não temos mais futebol, morreu o teatro. E sem esportes, sem arte, e sem festas religiosas entramos em plena decadência. As nossas leituras estão extintas e não temos mais bibliotecas públicas. As nossas sociedades recreativas e culturais estão se extinguindo. Será que vamos assistir passar o enterro da cultura de Irará?[342]

Algumas situações ilustram o clima de velório descrito pelo jornal. No dia 01 de abril de 1943, Alberto Nogueira pede demissão da presidência da Filarmônica União Iraraense, função que exercia há dois anos. A causa teria sido falta de motivação dos músicos e regente, como descrito em nota de *O Irará Jornal*, ou qualquer outro motivo não noticiado pelo semanário. Aristeu era o vice e assume a presidência interinamente, tentando marcar

[339] Na cidade há querozene e já estão vendendo a $ 4,00. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 196. dez, 1946.
[340] Idem.
[341] Fatos do CDC. **O Irará Jornal**. Irará, ed. 204. fev. 1943.
[342] Decadência cultural de um povo. **Irará Jornal**. Irará, ed. 226. jul, 1943.

assembléias por três oportunidades sem ter sucesso[343]. Da leitura das edições encontradas do jornal, não foi possível averiguar o desfecho desta situação, mas edições dos anos de 1944 e 1945 mostram a filarmônica em pleno funcionamento, não se sabe se com Aristeu na presidência ou não. O fim da União Iraraense só aconteceu em 1950[344].

Naquela segunda metade de 1943, não era só a filarmônica que significava problema para Aristeu Nogueira. Se o teatro, as leituras, os clubes de danças e o esporte não iam bem, significava que o CDC não funcionava a contento. Aristeu convoca assembléia através de nota de jornal, anunciando para a reunião como proposta a dissolução da entidade, com a justificativa de que não era do seu desejo mantê-la "com meia dúzia de sócios, ou talvez três ou quatro associados"[345]. No mesmo comunicado informava que já haviam sido inventariados os bens da entidade, fatalmente para tomar providências previstas no estatuto.

Não se tem certeza se este é o fim do CDC, porém, as edições pesquisadas de *O Irará Jornal* acerca do período seguinte, não mais mencionam atividades do Centro. Quando perguntadas quando ou porque se deu o fim do Centro de Diversões e Cultura, as pessoas entrevistadas apontam à saída de Aristeu de Irará como o principal motivo. No mesmo ano, 1945, Ubaldino de Almeida (Pitaco) se mudou com sua família para Alagoinhas. Assim o CDC, caso ainda funcionasse, perdia dois dos seus principais lideres e incentivadores.

Há quem aborde a ligação de Aristeu com o Partido Comunista como motivo para o afastamento das pessoas. A professora Lourdes Portela, adolescente na época, integrante do time de basquete do CDC, diz que "Aristeu tinha uma capacidade muito grande de reunir as pessoas, depois é que o pessoal ficou meio ressabiado com ele, quando descobriu que ele era comunista"[346]. Aristides Nogueira também possui a mesma desconfiança. No entanto,

[343] **O Irará Jornal**. Irará, ed. 223. jul, 1943.
[344] ARAÚJO, José Aristeu de**.** Op. cit. p. 20.
[345] Aos associados do CDC. **Irará Jornal**. Irará, ed. 226. jul 1943.
[346] PORTELA, Lourdes. Lourdes Portela: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: o autor. Irará, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).

nenhum dos entrevistados menciona que Aristeu tenha dado direcionamento político partidário a qualquer atividade do CDC.

Coincide o período de funcionamento do CDC, com um dos momentos de motivação dos aparatos culturais do Partido Comunista. No entanto, não foi possível apurar, e as evidências também não permitem afirmar, se Aristeu teve alguma orientação partidária para criar o Centro. Outra evidência é que nesta época o partido não usava do dirigismo cultural, portanto não tinha na cultura uma forma de instrumentalizar suas ações. Se existia alguma ligação do CDC com o Partido Comunista, há de se imaginar que esta era tão somente a participação de militantes e simpatizantes do partido. O próprio Aristeu, Tertuliano Teixeira e Odete Almeida, além de outros possíveis.

O CDC ainda que não tenha sido um equipamento cultural teve o perfil de um centro cultural no sentido de "elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos"[347]. Além disso, o Centro constitui uma das etapas da militância cultural de Aristeu Nogueira através de associações civis em sua terra natal. A outra se deu quando da sua volta para Irará já na década de 1980, após a anistia, agora não mais criando um centro, mas sim "construindo" uma casa para a cultura.

4.3 - CASA DA CULTURA DE IRARÁ

De volta a Irará no inicio dos anos 1980, após a anistia, Aristeu começa a edificar um novo projeto cultural. Desta vez, o projeto recebe o nome de "Casa de Cultura" e não mais "Centro". Através de uma distinção formal, Texeira Coelho aborda uma diferença entre os dois termos. Na interpretação do autor, dessemelhante do "centro", a "casa" de cultura é "um local de convivência sócio-cultural e de produção de modos culturais mais visceralmente

[347] RAMOS, Luciene Borges. Op. cit. p. 02.

ligados às comunidades em que se situam"[348]. No pensamento de Aristeu, a ligação com a comunidade e o entendimento de cultura eram amplos.

A Casa de Cultura de Irará (CCI) não se restringia ao município. No inicio, a Casa pretendia abranger toda a comarca compreendida pelos municípios de Água Fria, Ouriçangas, Pedrão, Santanópolis, além de Irará, sede da jurisdição. O trabalho a ser desenvolvimento pela entidade não se limitava à produção simbólica, mas, talvez baseado numa visão antropologia de cultura, Aristeu intencionava atuar em diversas áreas, conforme atesta uma carta enviada por ele ao juiz da comarca, comunicando sobre o nascimento da instituição.

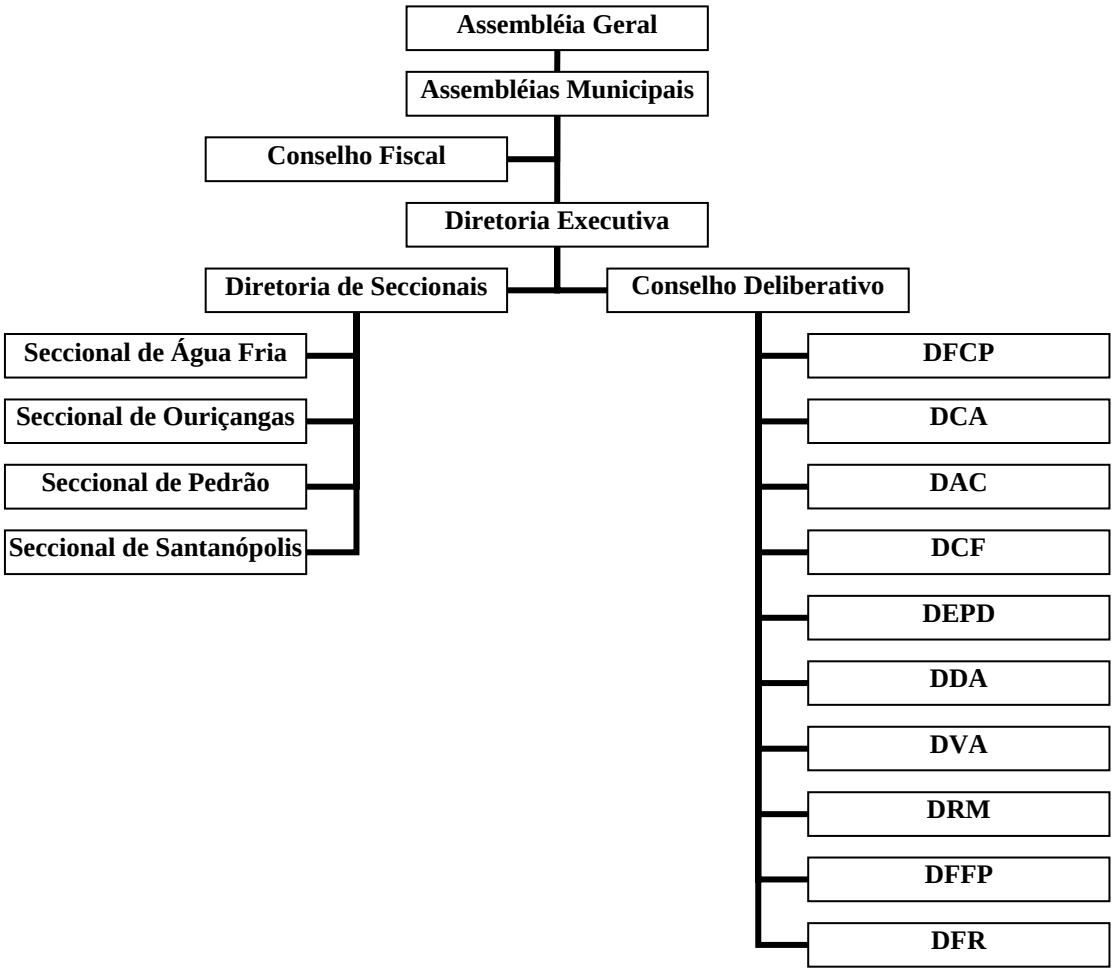
> A sociedade terá como objetivos, resumidamente: desenvolver a capacitação intelectual e física de seus associados e da população da Comarca; lutar pela preservação da natureza e dos valores ecológicos da região; preservar a memória dos povoadores e construtores do progresso nesta região, através de estudos e pesquisas; preservar a tradição das festas populares, religiosas, cívicas, folclóricas e carnavalescas, urbanas e rurais; valorizar e divulgar o artesanato da região, incentivar a organização dos moradores nas comunidades da região; incentivar e até participar da criação e implantação de empresas industriais, comerciais, agrícolas e de serviço na região, úteis ao desenvolvimento cultural; e estudar os recursos da região que possam servir de motivação turísticas.[349]

Antes da fundação da Casa de Cultura, Aristeu organizou um seminário para explicar a comunidade como seria o projeto. Vangloriou a luta de pessoas, como Pitaco (Ubaldino de Almeida), e instituições do passado, como as filarmônicas e o Centro de Diversões e Cultura - CDC, além da 25 de Dezembro, filarmônica em atividade. Anunciou a convocação dos 25 jovens componentes do MCI (Movimento Cultural de Irará), que no ano de 1980, sob a liderança de José Carlos Santana (Kau de Beto)[350], organizaram exposições despertando o "gênio da arte" na cidade[351].

---

[348] COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo, Fapesp/ Iluminuras, 1997.
[349] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Carta de Aristeu Nogueira Campos a Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca de Irará.** Irará, 30 mai. 1983.
[350] Irmão do então Prefeito Alberto Santana e sobrinho de Fernando Sant'anna, Kau Santana hoje é um dos lideres do MCVI (Movimento Cultural Viva Irará) e foi um dos coordenadores do projeto Domingueiras desenvolvido pela Platina Eventos e Governo da Bahia de 2002 a 2006.
[351] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Discurso de Aristeu Nogueira abrindo Seminário sobre a CCI**. Transcrito em papel. Irará, 27 fev. 1983.

Em 21 de abril de 1983, com a presença de populares, artistas, prefeitos da região, além de outras autoridades, foi fundada através de Assembléia Popular, a Casa de Cultura de Irará (CCI), ao tempo em que foi aprovado o estatuto da entidade, elaborado por Aristeu. O documento previa a organização da Casa com a seguinte estrutura[352]:



ver significado das siglas na nota 352

Figura 02

Cada órgão apresentado no organograma acima, ainda dispunha de uma estruturação interna com funções especificas. Destaque para o Conselho Deliberativo, onde o prefeito de cada cidade tinha direito a assento, além de um representante de cada município. A estrutura

[352] As siglas representam os seguintes departamentos: Formação Cultural e Profissionalização; Cultura Artística; Artes Cênicas; Cultura Física; Estudos, Pesquisas e Divulgação; Documentação e Arquivos; Valorização do Artesanato; Recreação e Micareta; Folclore e Festas Populares; e Festas Rurais.

completa, considerando cada pessoa assumindo um cargo especifico, estaria formada com a presença de mais de setenta componentes.

Naturalmente não foi possível conseguir tal número de voluntários já que nenhuma função da Casa de Cultura garantia remuneração. Ao final do ano de 1984, Aristeu afirmou através de relatório da CCI que nenhum dos prefeitos, a exceção de Alberto Santana, executivo iraraense, demonstrou interesse pela proposta. Revelou ter sido a instituição mal compreendida e que a intenção não era menosprezar os outros municípios, nem voltar ao passado, quando todos os outros eram distritos de Irará. Depois terminou reconhecendo que sonhara alto, conforme afirmação a seguir: "o sistema de nossa organização idealizou uma realidade na Comarca, que não existia, nem existe, isto é a cooperação cultural dentro de uma concepção regional"[353].

Com falhas na composição e problemas como ausência das reuniões, a estrutura da Casa de Cultura teve de ser repensada. A entidade passou a dirigir seu foco de atuação exclusivamente para o município de Irará, eliminando as seccionais e as assembléias municipais, mas mantendo quase a mesma estrutura de antes, com o conselho deliberativo e os dez departamentos.

Outra vez o modelo de gestão aplicado, não tem sucesso, além de ausência dos membros das reuniões, a indisposição de professores e outras pessoas em participar das atividades organizadas pela CCI, levam Aristeu Nogueira, na reunião do dia 09 de julho de 1987, propor a dissolução da entidade. Diante da recusa de Deraldo Portela e Miriam Benevides, dentre outros, Aristeu então propõe uma reformulação no estatuto[354]. A 30 de setembro, daquele mesmo ano, a reforma estatutária foi publicada no diário oficial, alterando o nome de "Casa de Cultura" para "Casa **da** Cultura de Irará" e oficializando o novo modelo

[353] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Prestação de contas e demonstrativo dos resultados das atividades nos exercícios de 1983 e 1984**. Irará, sem data.
[354] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**. Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro A", fl. 68, jul, 1987.

organizacional, o qual permanece até hoje, conforme pode ser observado no organograma abaixo[355].

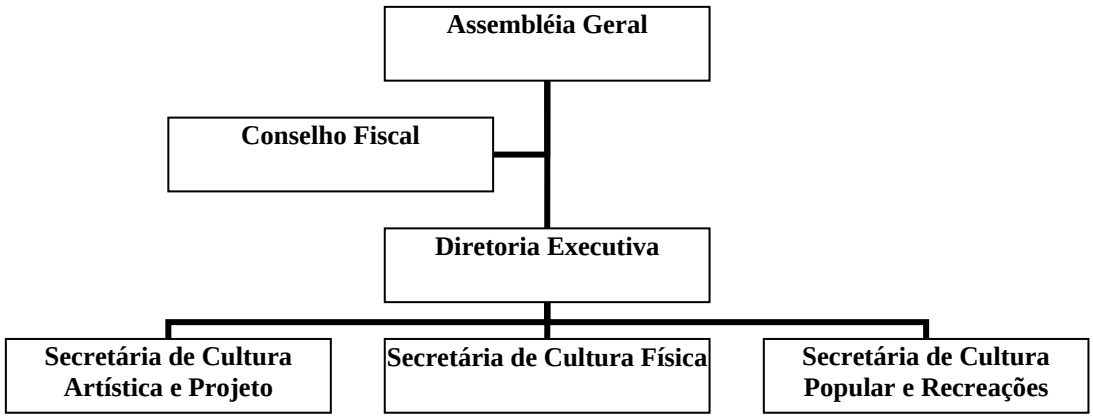


Figura 03

A esta época, Aristeu Nogueira não era mais o presidente da Casa da Cultura, a função era exercida por José Américo, neto de Alberto Nogueira, portanto, sobrinho-neto de Aristeu. Convidado pelo tio e por Deraldo Portela a exercer o cargo, após duas gestões de Aristeu, José Américo foi eleito e depois reeleito por aclamação. O mandado de cada diretoria a frente da CCI era de dois anos, mas nem sempre era completamente exercido.

Em 1991, apoiado pelo Prefeito Amaro Bispo, o serventuário da justiça, Ademario Paes Coelho, assumiu a presidência da Casa. Pouco depois de um ano de mandato, Ademario renunciou. A partir de julho de 1992, nas atas de reunião da Diretoria Executiva, consta o nome do advogado Igno Martins na condição de presidente, permanecendo até fevereiro de 1993. Na seqüência o presidente é o bancário Vitor César até o mês de agosto de 1994, quando pede demissão. A Casa da Cultura é então administrada por uma comissão gestora, cujo coordenador é Aristeu Nogueira.

[355] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**. Estatuto e Regimento Interno**. Irará, jun 1988.

No ano de 1995, Aristeu Nogueira foi eleito por aclamação e depois reeleito da mesma forma em 1997. Já a eleição de 1999, certamente a mais polêmica que já existiu na Casa da Cultura de Irará, foi vencida pelo comerciante José Adilson. Integrante da Diretoria Executiva na época, na condição de vice-presidente, José Adilson, pessoa de ligações políticas com o ex-prefeito Amaro Bispo, aproveitou a brecha no estatuto para filiar grande número de sócios às vésperas da eleição. Assim venceu a disputa para a professora Miriam Benevides, candidata apoiada por Aristeu e pelo prefeito Antônio Campos.

De tal modo, as oportunidades que a CCI não esteve sob o comando, ou sob forte influência de Aristeu, foram poucas. Durante o ano de 1987, José Américo, então presidente, pediu uma licença de três meses. O vice, Deraldo Portela, não quis assumir e Aristeu, na condição de Secretário Geral, então assume a presidência[356]. Perguntado se Aristeu era sempre uma espécie de presidente natural da Casa da Cultura, José Américo responde afirmativamente[357]. O nome de Aristeu aparece algumas vezes em atas da gestão de Victor César e de Ademario Paes Coelho. Tentava participar da gestão de José Adilson, mas não contava com atenção do presidente[358].

Nas duas gestões de Aristeu Nogueira à frente da Casa da Cultura na década de 1990 foram ainda mais constantes o esvaziamento e a troca de pessoas na Diretoria. Houve oportunidades, nas quais Aristeu acumulou as funções de presidente e tesoureiro, devido à desistência do titular da segunda função. No relatório de atividades da CCI, acerca do período de março de 1995 a março de 1997, consta que dos onze membros eleitos para a Diretoria

[356] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**. Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro A", fls. 66 e 67, jul, 1987.
[357] SANTOS, José Américo de Moraes. José Américo de Moraes Santos: dep. cit. Irará, 2007.
[358] BENEVIDES, Miriam de Sant'anna. Miriam de Sant'anna Benevides: depoimento [abr. 2007]. Entrevistador: o autor. Irará, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).

Executiva, titulares e suplentes, somente três não renunciaram ou abandonaram seus cargos nos primeiros cinco meses do exercício[359].

O afastamento de componentes da direção podia ser motivado pelo comportamento do próprio Aristeu. José Américo lembra que "quando se distribuía tarefas o cidadão aceitava, mas depois pra executar, Aristeu tinha de estar em cima, tinha de cobrar, por isso ele era antipatizado"[360]. Nos anos 1990, as cobranças e o perfil de Aristeu de desejar todos os trabalhos rigorosamente certos, cumprimentos de horários, etc, foram maximizados pela sua velhice e os seus problemas de saúde. Somado a isto, a sua personalidade de intransigência e apego as idéias próprias, como citados por João Falcão, davam margem a um comportamento imperioso por parte de Aristeu.

Fernando Dantas, que por algum tempo exerceu a função de tesoureiro na Casa da Cultura, diz que "Aristeu não aceitava opinião de ninguém"[361]. Ranzinza e impertinente era como alguns classificavam o comportamento de Aristeu. "Diziam que por mais que ele falasse em democracia ele era autoritário"[362]. Malgrado este tipo de procedimento, nas leituras das atas percebe-se sempre posições democráticas de Aristeu, até elogiando ações de companheiros da diretoria. Anamaria Cruz, filha da segunda mulher de Aristeu e que também integrou a Diretoria da Casa da Cultura, diz que Aristeu era uma pessoa difícil, mas que ele respeitava a opinião dos outros[363].

Não foram só diretores que se afastaram da Casa, mas também os associados e a população, embora não tivesse como fator determinante o comportamento de Aristeu. Já não existia mais o mesmo ânimo com a Casa da Cultura e eram cada vez mais diminutas as atividades. No primeiro ano de existência da instituição foi feita uma campanha para a CCI

---

[359] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Relatório da Diretoria da CCI eleita para o exercício de março de 1995 a março de 1997 em seu primeiro ano de mandato**. Irará, sem data.
[360] SANTOS, José Américo de Moraes. José Américo de Moraes Santos: dep. cit. Irará, 2007.
[361] DANTAS, Fernando Nogueira. Fernando Dantas: dep. cit. Entrevistador: o autor. Irará, 2005.
[362] SANTOS, Marilda Aquino. Marilda Aquino dos Santos: dep. cit. Irará, 2007.
[363] MENDONÇA, Anamaria Cruz de. Anamaria Cruz de Mendonça: depoimento [abr. 2007]. Entrevistador: o autor. Irará, 2007. 1 cassete sonoro (60 mim).

chegar à marca de mil sócios filiados. As pretensões não foram alcançadas, no final o final de 1984 a Casa contava com 339, sendo 68 residentes em outras cidades e até 02 no exterior[364]; em dezembro de 1998, os sócios eram 160, dos quais 98 residiam em Irará[365].

Com o passar dos anos, diminuía o número de sócios e aumentava a inadimplência. Em novembro de 1996 os inadimplentes atingiam o índice de 60% dos sócios, apesar do baixo custo da contribuição mensal, fixada em 1% do valor do salário mínimo em vigor na época[366]. As pessoas contratadas pela CCI para fazer cobrança junto aos associados, frequentemente pediam demissão, sob o argumento de que não agüentava mais serem mal recebidos ou ter de ficar cobrando várias vezes às mesmas pessoas.

Tendo histórico de arrecadação insuficiente nas mensalidades dos sócios, desde os seus primeiros anos, a Casa lançava mão de outros meios para cobrir suas despesas. Aristeu Nogueira chegou a custear várias contas da CCI com recursos próprios, além de, quase sempre, disponibilizar sua secretária particular para trabalhos da CCI. Fernando Dantas, quando na Diretoria, também contribuiu financeiramente. Eram organizadas festas dançantes no intuito de obter lucro com vendas de mesas e ingressos. Pedia-se no comércio local e também eram vendidos balaios e organizados festivais de pipoca, entre outras atividades. Nos primeiros anos, a Casa da Cultura chegou a fazer rifa de uma motocicleta e de um automóvel - modelo fusca - usado.

Nos anos 1980, também foram feitos pedidos para que deputados entrassem com dotações orçamentárias em nome da Casa da Cultura. Aristeu buscava contato com deputados a ele próximo, quase todos de partidos de esquerda. Entre os nomes que aparecem nas atas como propositores de dotações para a Casa da Cultura estão: Fernando Sant'anna, Domingos Leonelli, Francisco Pinto, Wilson Falcão, Virgildásio Sena, Carlos A. Marighella, Amabilia

[364] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Prestação de contas e demonstrativo dos resultados das atividades nos exercícios de 1983 e 1984**. Irará, sem data.
[365] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Relatório das Atividades Biênio 1997/1998**. Irará. mar, 1999.
[366] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Of. Circ. nº 04/96.** Irará, nov. 1996.

Almeida. As subvenções recebidas eram aplicadas na execução de tarefas e manutenção de equipamento da entidade[367]. Em alguns destes momentos, apesar de os deputados acenarem com a possibilidade de destinação orçamentária, a Casa da Cultura não podia receber os recursos, pois ainda não possuía a regulamentação exigida para tal. Com intenção de cobrir esta lacuna, Aristeu também buscava influência parlamentar no intuito de possibilitar cadastros para a CCI.

No arquivo de correspondências da instituição são encontradas algumas cartas referentes ao assunto. Fernando Sant'anna comunica a Aristeu das dificuldade para cadastrar a CCI no CNSS (Conselho Nacional de Serviço Social). Devido a ausência de tal registro, Domingos Leonelli informa que fez dotação orçamentária para a Casa da Cultura em nome da Prefeitura de Irará. Até que Wilson Falcão avisa sobre a inscrição da instituição no órgão federal. Também foi feito registro junto ao Ministério da Cultura (Minc) e Aristeu estudava meios de conseguir recursos através da Lei Sarney, mas em maio de 1990, já havia constatado que a Lei Sarney "perdeu seu valor no novo governo"[368]. Tratava-se da gestão presidencial de Fernando Collor[369].

Aristeu Nogueira também recorreu a políticos para pedir apoio ao projeto de construção de um equipamento cultural na cidade de Irará, o chamado Centro Social de Lazer e Desporto (CSLD). O clube seria construído num terreno de pouco mais de 14 mil m² (150 x 95m), localizado em área privilegiada da cidade e doado por Deraldo Bacelar de Cerqueira, então Tesoureiro da CCI, para a construção. Mesmo contando com ajuda de amigos como o engenheiro Luís Contreiras, foi preciso gastar recursos com a elaboração do projeto arquitetônico, planta, cercamento do terreno, dentre outras medidas. A obra previa um centro

[367] Documento intitulado "Aplicação das subvenções recebidas em 1986" consta que naquele exercício a CCI recebeu Cz$ 3.000,00, através de duas dotações da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia e aplicou este recurso na compra de 200 (duzentas) estacas para cercar o terreno da entidade e para pagar impressão do Estatuto.

[368] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl 74.

[369] O governo Fernando Collor, seguindo o modelo do "Estado Mínimo", promoveu o que alguns chamam de "desmonte da área da cultura", com iniciativas como a extinção do Ministério da Cultura e da Embrafilme.

com Ginásio de Esportes, Piscina Olímpica, Auditório, Salão de Festas, Boate, Hall de Exposições, Pista de Atletismo e Consultório Médico, além de outras dependências, totalizando 1.734m² de área construída[370].

Como se vê, uma obra a demandar muitos recursos para a sua edificação. Aristeu apresentava como justificava para conseguir as verbas necessárias, o potencial do Centro em servir a uma região compreendendo dez municípios[371], somando mais de 100 mil habitantes e totalmente carente de equipamentos do tipo. Sabendo-se da dificuldade a enfrentar, limitou-se a tentar a construção do primeiro módulo dos três que completavam o CSLD, resumido ao hall de entrada, ginásio de esportes e quadra poli esportiva.

Em busca de conseguir apoio governamental, entrou em contato e fez visitas a deputados e secretários do Governo Estadual. De José Carlos Capinam, então Secretário de Cultura, Aristeu ouviu a sugestão de que a solicitação deveria ser feita diretamente ao governador Waldir Pires. Daí então foi pedido ao PMDB local que enviasse carta ao governador requerendo a obra. No dia 17 de março de 1988, foi realizada na sede da Casa da Cultura de Irará uma reunião extraordinária com a presença de Sérgio Santana, secretário de Desenvolvimento Social do Governo do Estado. Mesmo alegando as dificuldades do governo, o Secretário se comprometeu com a construção da primeira etapa do projeto.

Em meados dos anos 1990, cerca de dez anos depois, Aristeu Nogueira ainda abordava a possibilidade de no futuro edificar o Centro que nunca foi construído. Ficaram as plantas, os projetos, a vontade e o terreno, sob constante ameaça de invasão por terceiros. No final das contas, a idéia do Centro Social de Lazer e Desporto pareceu o balanço final da gestão pública de cultura do governo Waldir Pires, quando as dificuldades financeiras e o pouco tempo de

[370] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **C.S.L.D. – Ante-projeto e etapas da construção. Módulos e filosofia.** Irará. out, 1987.

[371] Além dos cinco municípios que compõe a Comarca de Irará, Aristeu também incluía na argumentação os municípios de: Biritinga, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe, Santa Bárbara e Teodoro Sampaio. Todos os municípios juntos integravam o raio de ação da companhia iraraense de ônibus intermunicipal, a Empresa de Transportes Irará Ltda, hoje extinta.

mandato, dentre outros fatores, impossibilitaram a realização de muito do que foi planejado, deixando para o período a marca dos "sonhos, dos projetos e da decepção"[372].

Enquanto Aristeu Nogueira tinha bom trânsito e relacionamento com as lideranças políticas, nem sempre se dava da mesma forma com os prefeitos de Irará. Alberto Santana que teve uma relação próxima à Casa da Cultura no seu primeiro mandato (1983-1988), foi omisso durante o segundo (1993-1996)[373]. Na gestão Antônio Campos (1996-2000), a CCI volta a ter uma relação mais aproximada com a prefeitura.

O registro de maior descaso aparece no governo de Amaro Bispo (1989-1992). Aristeu aborda certo distanciamento do prefeito para com a Casa da Cultura, em reunião do dia 17 de agosto de 1989, diz que já mandou várias cartas para o prefeito e que ele nunca se dignou a responder[374]. Nem mesmo a citação na Lei Orgânica, como sendo a Casa da Cultura de Irará uma entidade através da qual o município apoiaria e incentivaria "a valorização, a produção e a difusão das manifestações culturais", mudaria o quadro[375].

A questão política era tratada sempre com muito cuidado por Aristeu Nogueira. Na reunião de 20 de setembro de 1988, quando se discutia sobre uma Exposição de Artesanato, a ser realizada pela Casa da Cultura nas proximidades ao dia das eleições municipais, a ocorrer naquele ano, Aristeu fez questão de observar que os oradores não deveriam reservar "caráter político à exposição", devendo pontuar suas falas "somente sobre a CCI e o artesanato"[376]. Da mesma forma, não há indícios de que em qualquer momento ele tenha tido intenções partidárias com a Casa da Cultura.

> A Casa da Cultura não se trata de nenhuma maneira de uma diretriz do partido que ele vai aplicar em Irará. Ao contrário. Ele bolou aquilo, ele foi pra aquilo e ele levava às

[372] SANTOS, Marcos Roberto Martins dos. **Políticas Culturais na Bahia: Gestão Waldir Pires (1987-1989)**. In: II ENECULT – II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006, Salvador. CD Rom Anais II ENECULT. Salvador: CULT-UFBA, 2006. p. 14.
[373] BENEVIDES, Miriam de Sant'anna. Miriam de Sant'anna Benevides: dep. cit.. Irará, 2007.
[374] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl. 54.
[375] CÂMARA MUNICIPAL DE IRARÁ. **Lei Orgânica do Município de Irará**. Bahia, 1990. p. 61.
[376] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl. 23.

> reuniões a informações do que ele estava fazendo. Dizia que era uma atividade da cultura de Irará e era o momento de juntar e de atrair os jovens. Antes de pensar em trazer qualquer pessoa para o partido ele pensava em atrair os jovens para a política, para a participação política, para a atividade política[377].

Despertar consciências poderia ser mais um entre os tantos objetivos da Casa da Cultura de Irará. Em meio a todas as dificuldades; como a falta de participação popular, refletida também na quase não devolução de um formulário, através do qual a CCI pretendia fazer uma pesquisa de opinião; seja na indiferença, às vezes sintetizada na falta de contato com um governante; ou na ausência quase que freqüente de recursos físicos e financeiros; a entidade conseguiu, de alguma forma, desempenhar as suas funções. A Casa da Cultura valeu-se de suas realizações que foram importantes e influenciaram pessoas a pensar a realidade do município de Irará.

4.3.1 – HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

A questão da história e da memória da região de Irará foi um tema a merecer grande dedicação por parte de Aristeu Nogueira. Durante seu trabalho na Casa da Cultura a atenção para estes temas evidência-se através da realização de seminários, com vista a estudar a região e incentivar no desenvolvimento de projetos; na preocupação com o patrimônio histórico do município; na luta pela criação da biblioteca e do arquivo público; além do sonho de criar museus como fonte de testemunho da memória local.

As pretensões da Casa da Cultura, entre outras, eram estimular a criação de Bibliotecas e Museus em todos os municípios da Comarca de Irará. No modelo de seccionais, pensado na primeira estrutura da entidade, havia um destaque para o cargo "Diretoria de Museus e Bibliotecas", único segmento presente em cada secção municipal, além das

[377] DANTAS, Paulo Fábio. Paulo Fábio Dantas: dep. cit. Salvador, 2007.

clássicas funções de presidente, tesoureiro e secretário. Com intuito de "orientar, debater e estimular a organização de Bibliotecas e Arquivos Municipais"[378], foi realizado no dia 16 de outubro de 1983, no Colégio São Judas Tadeu, o I Seminário de Documentação e Biblioteconomia.

O Seminário contou com a presença de Lídia Portela, então Coordenadora de Bibliotecas do Estado da Bahia. Entre as conclusões do encontro estão as iniciativas para a mobilização de professores acerca do tema; elaborar os projetos de Lei da Criação de Bibliotecas e das organizações de Arquivos, para ser enviados aos prefeitos; e realizar palestras em escolas para, dentre outros objetivos, discutir maneiras de tornar a biblioteca atraente, motivando os leitores[379].

Como desdobramento do Seminário foi conseguido o envio, por parte do prefeito Alberto Santana, ao legislativo do projeto de Lei criando a Biblioteca Pública Municipal, aprovado pelos vereadores. O mesmo se deu no município de Pedrão. Ao abordar sobre o assunto, Aristeu disse que a lei era importante, pois só as bibliotecas devidamente legalizadas poderiam fazem convênios com o Instituto Nacional do Livro (INL), dentre outras organizações. Depois salientou a necessidade de incentivar o funcionamento da biblioteca, porque não se queria biblioteca "depósito de livros", mas sim uma biblioteca funcional, "considerada útil e necessária ao homem da comunidade"[380].

Em outubro de 1984 foi realizado o Primeiro Seminário de História e Geografia da Região de Irará. Este seminário visava discutir, entre outros assuntos, o povoamento das terras da região. Estiveram presentes o Monsenhor Renato Galvão, então Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e um grupo de pesquisadores da Fundação Cultural do

[378] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. Oficio nº 12 – **Convida a Coordenadora das Bibliotecas do Estado para o Seminário de Documentação e Biblioteconomia**. Irará, set, 1983.
[379] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Conclusões do I Seminário de Documentação e Biblioteconomia**. Irará. out, 1983.
[380] CASA DA CULTURA DE IRARÀ. **Aristeu Nogueira – discurso de abertura do I Seminário de História e Geografia do Município da Região de Irará**. Irará. out, 1984. 03 casssetes sonoros (180min).

Estado da Bahia - FCEBa, integrante do Projeto de História Oral dos Bairros de Salvador, entre eles Humberto Argolo e Tânia Gandon. Nas palestras dos professores da FCEBa foram transmitidas técnicas de entrevistas, além de dicas de como fazer pesquisas históricas, etc.

Incentivado pelo Seminário, Aristeu Nogueira elaborou em 1985 o Projeto de História de Irará. O projeto tinha como "pressuposto social organizar o passado em função do presente"[381]. Na redação do mesmo, a constatação de que o município não havia preservado a história da ocupação de suas terras, nem do seu povoamento, nem mesmo de seu desenvolvimento econômico político e social. Os objetivos do projeto era formar arquivo documental sobre Irará; fazer uma campanha de documentos, fotos e outros registros para a criação de um Museu; e elaborar publicações e material didático com o resultado da pesquisa, entre outros.

Com base no projeto foi iniciada uma série de entrevistas com pessoas mais velhas e representantes de manifestações culturais locais. Depois as entrevista estiveram interrompidas por um tempo, sendo retomadas já nos mandatos de Aristeu na Casa da Cultura durante os anos 1990. No ano de 1996 foi realizado o II Seminário de Geografia e História da Região de Irará. Quanto aos museus, mesmo com a luta de Aristeu Nogueira, identificando fatos, pessoas e até objetos, o equipamento nunca foi criado.

Mesmo sem a criação do Museu, a Casa da Cultura fez um trabalho acerca da memória de personagens iraraenses. A produção consiste na criação da comenda "Iraraense Notável". Após indicação de um dos diretores, o nome do homenageado era colocado em discussão, cuja defesa deveria abordar a relevância do mesmo para a cultura e a sociedade local. Foram agraciados com a comenda, pessoas como Ubaldino de Almeida (Pitaco), Fernando Sant'anna, os irmãos Deraldo e Lourdes Portela, José Martins (Zé do Rato), Fernando Dantas

[381] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Projeto de História do Município de Irará**. Irará. ago, 1985.

e o próprio Aristeu Nogueira, dentre outros[382]. Para ser feita a homenagem a Casa da Cultura realizava uma pesquisa biográfica, depois colocava a fotografia do homenageado na galeria então organizada na sede da instituição.

Outro trabalho realizado com muito afinco por Aristeu Nogueira em Irará foi a organização do Arquivo Público Municipal. Ele começou a trabalhar nas montanhas de documentos desorganizados e empilhados nos depósitos da prefeitura, referente aos, na época, quase 150 anos de criação do município. Aristeu fazia um trabalho voluntário, coordenando uma equipe de quatro estudantes pagos pela prefeitura, através de convênio, elaborado por Aristeu, firmado entre a Casa da Cultura e Governo Municipal. Ele acompanhava o trabalho diariamente, com presença certa em horário comercial.

Através de sua proximidade com Consuelo Pondé de Sena, então Diretora do Arquivo Público do Estado, Aristeu conseguiu assessoria técnica do órgão para ajudar na organização do Arquivo Municipal. Em agosto de 1990 a Casa da Cultura recebeu ofício do prefeito Amaro Bispo, concordando com a adesão da Prefeitura ao convênio firmado entre a CCI, a Secretária de Cultura e o Arquivo Público do Estado[383].

No ano de 1991, com a Casa da Cultura sob a presidência de Ademario Paes Coelho, gestão que - segundo seus relatórios – diferente da anterior, contou com total apoio do prefeito Amaro Bispo, a organização do Arquivo continuou sob responsabilidade de Aristeu. Entretanto, se o Prefeito naquele momento apoiava a CCI, o mesmo não se dava com o Arquivo Municipal. Apesar de aceitar o convênio, Amaro Bispo não oficializava a criação do Arquivo. Quando o Presidente da Câmara, Aristides Nogueira, criou projeto para efetivar a

[382] Ubaldino de Alemeida (Pitaco) era farmacêutico, mas na ausência de médicos na cidade fazia partos e outras obrigações da medicina, teve grande destaque no segmento literário, escrevendo peças, poesias e discursos, etc; Fernando Sant'anna, filiado ao Partido Comunista, foi presidente da UNE e Deputado Federal por quatro legislaturas; Deraldo Portela é médico, com grandes serviços na área social, esteve à frente da Filarmônica 25 de Dezembro por 40 anos; José Martins (Zé do Rato), grande incentivador do cinema em Irará, quando os filmes vinham de Feira de Santana em latas; e Fernando Dantas, foi enfermeiro do Exército, servindo na II Segunda Guerra Mundial.

[383] PREFEITURA MUNICIPAL DE IRARÁ. **Of. N. 125.90 – comunicação faz**. Irará. ago, 1990.

criação do Arquivo Público da Cidade, o prefeito respondeu com um veto, sob alegação de que tal Projeto de Lei deveria ser criado pelo executivo[384].

O prefeito, possivelmente embasado em alguma Lei, não deixou passar o projeto de Aristides criando o Arquivo, mas também não o criou ele próprio. Em nota sobre o caso, o jornal *A Tarde*, de 08 de outubro de 1991, informa que haviam mais de 20 mil documentos a serem preservados dos quais, cerca de cinco mil já haviam sido identificados. O material catalogado era fruto do trabalho de Aristeu Nogueira, interrompido em maio daquele mesmo ano, quando alegando "motivo de desconsideração" à sua pessoa por parte do prefeito municipal, ele rompeu com a sua colaboração ao Arquivo Público[385].

Entre o material catalogado por Aristeu estava a Carta Régia de 27 de abril de 1727, criando a Vila de Água Fria, da qual Irará tornou-se sede com o nome de Vila da Purificação; a carta régia de 1652, que doou a Diogo Veigas as sesmarias das terras onde hoje situa-se o município de Irará; e cópias do censo de 1782 ou 1792[386]. O Arquivo Municipal só veio a ser criado no governo Antônio Campos (1996-200), mas foi totalmente desarrumado no segundo governo de Amaro Bispo (2000-2004). Na oportunidade, o Prefeito queria "inaugurar" a Biblioteca Municipal e por falta de espaço para acomodar as novas instalações bibliotecárias, desmanchou a estrutura do Arquivo, amontoando-a no primeiro andar do Sobrado dos Nogueiras[387].

---

[384] FLASHES MUNICIPAIS – IRARÁ. A TARDE Municípios. *A Tarde*, Salvador, 08 out. 1991.

[385] CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Correspondência endereçada ao Presidente da Casa da Cultura de Irará – CCI**. Irará. 24 mai, 1991.

[386] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**.** Reunião Ordinária DE – CCI 17 de maio 1990**. Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl 75.

[387] O caso é complexo e reflete o oportunismo e descaso com a cultura por parte do então Prefeito. Na época, para aproveitar a ida do então governador, Paulo Souto, à Irará, por conta do lançamento do Projeto Domingueiras, o Prefeito resolveu montar às pressas o acervo que a prefeitura havia recebido do governo estadual meses atrás, para "reinaugurar" a biblioteca - fechada no seu mandato - com a presença do governador, descerrando uma garbosa placa de "inauguração". Com esta medida, Casa da Cultura e Arquivo Público, foram drasticamente prejudicados. Sobre o assunto ver matéria "Entre a tradição e a descaracterização" de 02 de agosto de 2003, publicada no jornal *A Tarde*, Caderno 2. p. 06.

Sobrado dos Nogueiras

Figura 04

A questão do tombamento e reforma deste sobrado foi outra batalha enfrentada por Aristeu Nogueira. Quando a Casa da Cultura foi fundada em 1983, o Sobrado estava fechado, servindo como uma espécie de depósito da Prefeitura. Aristeu atuou junto ao Prefeito Alberto Santana para que a CCI pudesse ser instalada no prédio, no que foi atendido.

Logo em seguida, Aristeu resolveu lutar pelo tombamento do Sobrado, local do seu nascimento, onde residiu a sua família, cuja construção foi uma iniciativa do seu avô, Pedro Nogueira, tendo as obras sido concluídas em setembro de 1895. No entanto, não eram as questões sentimentais ou familiares, mesmo que estas pudessem estar presentes, as grandes motivadoras da ação de Aristeu pelo tombamento. A intenção era para "naquela rica casa de história" manter a "Biblioteca Municipal, a sede da Casa da Cultura, a do Museu Municipal e a do Arquivo Municipal"[388]. Ele acreditava no tombamento como uma forma de "preservar a memória" do povo"[389]. Assim iniciou um trabalho de pesquisa com a finalidade de elucidar a história e a posse do Sobrado com vistas a dá entrada ao processo de tombamento junto ao IPAC.

Para fazer a pesquisa Aristeu recorreu a documentos, processos, inventários e anotações de familiares. Como resultado descobriu ter havido herdeiros que venderam suas partes para terceiros, outros que não reclamaram posse e compradores que abandonaram o

[388] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Prestação de contas e demonstrativo dos resultados das atividades nos exercícios de 1983 e 1984**. Irará, sem data.
[389] Idem.

imóvel, até que, com imóvel fechado, em 1953 a Prefeitura decretou o prédio de utilidade pública, para instalar o Ginásio São Judas Tadeu. Entretanto, nem o prefeito da época, nem os seus sucessores, cumpriram as exigências legais para o processo de desapropriação[390]. Quando o colégio construiu sede própria, o prédio passou a abrigar a Prefeitura e a Câmara Municipal de Vereadores. No inicio da década de 1980, após a construção das novas instalações do executivo e do legislativo municipal, o sobrado foi fechado, servindo de depósito, até ser ocupado pela Casa da Cultura.

Com a pesquisa feita, restava tomar as medidas cabíveis para realizar o tombamento. Aristeu então fez o que a Prefeitura não havia feito quarenta anos atrás. Entrou em contato e visitou herdeiros e, também, herdeiros de herdeiros, em cidades como Irará, Feira de Santana, Itabuna e Rio de Janeiro, tentando fazer com que eles assinassem a documentação necessária à desapropriação. No dia 02 de abril de 1989, organizou no Sobrado – sede da Casa da Cultura - uma reunião com a Diretoria da Casa, convidados e mais Paulo Damasceno e Carlos Amorim, assessores jurídicos do IPAC; Márcia Sant'anna, funcionária; e Elvina Macedo, representando o Ministério Público[391]. Os debates, os depoimentos, a pesquisa, na qual Aristeu contou com apoio de José Américo, renderam uma pasta, contendo o histórico, 46 documentos, e mais um ofício, através do qual, a Casa da Cultura de Irará pedia o tombamento do prédio[392].

Enquanto isto, a ação efetiva da desapropriação corria na justiça. Nota do jornal *A Tarde* de 10 de março de 1993, com titulo "desapropriação em Irará está parada há dois anos", acusa de negligência a Vara da Fazenda de Itabuna, onde residiam alguns herdeiros do

[390] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **De quem é o domínio e propriedade do Sobrado dos Nogueiras**. Irará. jan, 1989.
[391] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**. Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl. 43.
[392] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**. Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl. 52.

imóvel[393]. Somente a 26 de junho de 1997, o Cartório dos Feitos Civis da Comarca de Irará, emite a ação de desapropriação[394]. Em maio deste mesmo ano, o professor Planzo, em estrofe do seu *Irará em Cordel*, resumiu a história da edificação em versos.

> Quando Irará passou a cidade, madura,
> Pedro nogueira um sobrado inaugurou
> além de residência, colégio, prefeitura,
> prédio público se tornou,
> hoje, Arquivo, Biblioteca, Casa da Cultura,
> com a mesma estrutura a todos abraçou[395]

O tombamento aconteceu naquela década de 1990 e a luta de Aristeu agora era pela reforma do prédio. As atas de reunião da Casa da Cultura de todo o ano de 1998 mostram anúncios de datas, que segundo os diretores diziam naquelas reuniões, foram anunciadas pelo IPAC para o começo das obras, mas a reforma nunca se iniciava. São muitas viagens de Aristeu à sede do órgão em Salvador, chegou a ir acompanhado do Prefeito Antônio Campos. Em janeiro de 1999, em reunião da Casa da Cultura, decidiu-se que José Adilson, então vice-presidente, por residir em Salvador deveria acompanhar o processo da reforma. No ano seguinte, José Adilson chega à presidência da Casa da Cultura e através de influência política, junto a deputados governistas, consegue destravar o processo da reforma.

Mesmo não sendo mais o presidente da Casa da Cultura, Aristeu tentava acompanhar os desdobramentos. Há registros em sua agenda do ano de 2002, com anotações para procurar José Adilson e o IPAC[396]. A reforma efetuada pelo IPAC, limitou-se ao conserto do telhado, pintura e reforma das janelas do prédio. No ano de 2002, no dia da inauguração da reforma, o prédio foi tomado por faixas de agradecimento ao governador em exercício Otto Alencar, à

[393] Desapropriação em Irará está parada há dois anos. A TARDE, Salvador, 10 mar. 1991.
[394] PODER JUDICIÁRIO – JUÍZO DE DIREITO DA COMARCA DE IRARÁ-BAHIA. Proc. Nº 27/91 Ação de Desapropriação. Irará. jun, 1997.
[395] PLANZO. Emanoel de Christo. **Irará em Cordel**. Corplan: Irará, 1997.
[396] LABELU – LABORATÓRIO DE ESQUERDAS E LUTAS URBANAS – DCHF - UEFS. **Agenda Pessoal de Aristeu Nogueira ano 2002.** Acervo Aristeu Nogueira. Feira de Santana.

deputada Sônia Fontes, e ao prefeito Amaro Bispo. Aristeu Nogueira sequer foi convidado para a cerimônia[397].

Ainda com relação à memória da região, Aristeu tentou buscar informações ou iniciar processos de tombamento para a Igreja da Vila de Bento Simões e Caroba, mas não teve sucesso. Fez visitas e ambicionava estudar histórica e geologicamente a região do Milagre de Brotas[398] e as lendas que o envolve, mas não pôde prosseguir. No ano de 1984, ele foi o principal articulador para que um achado arqueológico da região tivesse o devido encaminhamento para os órgãos responsáveis.

A descoberta se deu na zona rural do município de Ouriçangas. Eram urnas funerárias feitas de barro, com dentes humanos em seu interior, descobertas quando estava sendo feita uma estrada na zona rural do município. Aristeu visitou o local, teve contato com as autoridades, fazendo-lhes entender que a área deveria ser preservada e, a 28 de julho de 1984, mandou oficio à então Diretora do Museu de Arqueologia da Bahia, Maria Hilda Paraíso, comunicando o achado. No escrito, Aristeu solicitava "análise de material, para se identificar a origem dos primeiros habitantes da região e de seus costumes", além de pedir orientação técnica para que fosse feita uma pesquisa antropológica[399].

[397] BENEVIDES, Miriam de Sant'anna. Miriam de Sant'anna Benevides: dep. cit.. Irará, 2007.

[398] Localizado na comunidade de Brotas, zona rural de Irará, o Milagre diz respeito a uma lenda sobre "um vaqueiro que ia caindo de um cavalo e se salvou por milagre de Nsa. Senhora de Brotas, deixando a marca da pata do cavalo numa pedra que ainda existe. Na gruta dos Milagres existe uma quantidade grande de 'votos' da fé popular." No local foi erguida uma capela, em torno da qual surgiu a comunidade. Todo ano, no mês de janeiro, acontece uma centenária festa religiosa e profana no local. (CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Primeira viagem a Fazenda Brotas**. Manuscrito em 11, jul. 1991).

[399] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Oficio nº 11- comunica o encontro de urnas de barro em Ouriçangas, num local, que parece ter sido "cemitérios de índios"**. Irará. jun, 1984.

4.3.2 – EVENTOS E LINGUAGENS ARTÍSTICAS

As questões envolvendo memória da região eram importantes para Aristeu Nogueira, mas não eram as únicas. Aristeu tinha um grande sentimento pátrio e na Casa da Cultura se esmerava em realizar atividades patrióticas. Em suas gestões há muita preocupação em celebrar eventos com estas características. São desfiles para o 07 de Setembro, palestras sobre datas cívicas, o Seminário Comemorativo dos 100 anos da Lei Áurea, o mesmo acontecendo quando do Centenário da República, sem falar na vontade sempre manifesta de não deixar passar em branco o 27 de Maio, data da emancipação política de Irará, chamado por Aristeu de "o dia do município". Para ele, "desenvolver o civismo" era fazer com que "as novas gerações tenham um sentimento e uma concepção correta de pátria"[400].

> Neste aspecto cívico nos estamos dando uma valorização toda especial ao problema das comemorações do dia do município. Nós partimos da idéia de que a juventude, e principalmente a infância, devem tomar conhecimento da organização administrativa da sua comunidade. E deve viver. Viver com alma este sentimento, porque isso vai contribuir para a formação de futuros administradores responsáveis pelo destino do seu município. O município é a celular mater da organização nacional. E se o homem se forma dentro desta compreensão, dentro deste sentimento, ele pode ter maior zelo pela coisa pública, ele pode se interessar mais pela administração da comunidade. E nós queremos desenvolver isso.[401]

Era grande também a atenção de Aristeu Nogueira, com relação às festas religiosas e tradicionais como as celebrações da Festa de São João, dos Santos Padroeiros e do Natal. Aristeu era comunista e ateu, mas tinha preocupação com a comemoração cristã do nascimento de Jesus e seu rituais. A professora Miriam Benevides, católica praticante, lembra que durante um tempo "ninguém falava em missa do galo" e Aristeu dizia que a Missa do Galo não podia acabar, porque era uma tradição desde que nasceu o Irará, uma festa das famílias[402]. Valorizando o caráter familiar da festa, a Casa da Cultura organizou quermesses e

[400] CASA DA CULTURA DE IRARÀ. **Aristeu Nogueira – discurso de abertura do I Seminário de História e Geografia do Município da Região de Irará**. op cit. Irará. out, 1984.
[401] Idem.
[402] BENEVIDES, Miriam de Sant'anna. Miriam de Sant'anna Benevides: dep. cit.. Irará, 2007.

presépios vivos, dentre outras atrações para a noite do natal, além de incentivar o retorno à prática de antigas tradições da cidade, como a abertura de lojas de tecido até meia-noite na véspera do natal.

Para as festas de São João, a entidade atuava no sentido de organizar concursos de ruas para a ornamentação da cidade. Os moradores se empolgavam e arrumavam os logradouros com temas juninos, para vencer a disputa frente às outras ruas, ganhando os troféus e os prêmios, quase sempre ofertados pelo comércio local. Além de ornamentar a cidade para a festa, a intenção era incentivar a prática de união dos moradores em torno de um projeto comum. Também se registra algumas oportunidades nas quais se realizavam concurso de Rainha do Milho. Quanto às festas de padroeiro, Aristeu disse que não era contra o moderno, mas criticava o "aspecto carnavalesco" que este tipo de "tradições centenárias" estava tomando[403].

O artesanato também mereceu atenção de Aristeu Nogueira no seu trabalho na Casa da Cultura de Irará. A entidade organizou quatro edições da Mostra de Arte e Artesanato de Irará. Na primeira, realizada em 1983, participaram 18 expositores, com a venda de todos os produtos expostos[404], na quarta edição da exposição, em 1989, o número de participantes inscritos chegava a 43[405]. A terceira exposição, acontecida em 1988, contou com apóio do governo do Estado através da Bahiatursa e da EGBA, imprimindo os convites e cartazes.

Aristeu tinha vontade de convidar outros municípios para também exporem seus artesanatos, fazendo com que o evento apresentasse o artesanato de cerca de dez cidades, mas não conseguiu. Através das Mostras, ele tentava criar a cooperativa dos artesões. Em fevereiro

[403] CASA DA CULTURA DE IRARÀ. **Aristeu Nogueira – discurso de abertura do I Seminário de História e Geografia do Município da Região de Irará**. Op. cit. Irará. out, 1984.
[404] Idem.
[405] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl 65, nov, 1989.

de 1989 chegou a marcar uma assembléia a fim de instituir a cooperativa, o que não foi possível devido à falta de quorum[406].

A associação dos artesões só veio ser edificada na década seguinte. Aristeu teve papel preponderante para a criação da ACAAPI (Associação Comunitária de Artesanato e Arte Popular de Irará), tendo a pessoa de José Américo como primeiro presidente[407]. No governo Antônio Campos, a prefeitura cedeu o espaço do antigo prédio do quartel à associação para criar a Casa do Artesão, configurando-se um ponto de venda da cerâmica e do artesanato produzido pelos sócios. Com a associação sob a presidência do artesão Zé Nogueira[408], a Casa do Artesão celebrou convênios com o Instituto Mauá e o programa Comunidade Solidária. Na época foram produzidos alguns postais e livretos temáticos sob a produção das panelas de barro em Irará. Dois artesões, representando a cidade, participaram de uma oficina no Museu Edson Carneiro no Rio de Janeiro.

A criação da Liga Iraraense de Futebol também foi patrocinada por Aristeu Nogueira. A entidade, fundada a 27 de março de 1984, era tida como uma das metas da Casa da Cultura de Irará. A idéia era "organizar o futebol". Ao final do primeiro ano de atuação da entidade, Aristeu fez críticas ao fato da Liga ter iniciado logo um campeonato sem estar "devidamente organizada" e sem "preparação física e orgânica de suas associações", mais precisamente, os times de futebol do município. No entanto, ele não desanimou: "ao invés de guardar as chuteiras ou enrolar as bandeiras, a hora é de iniciarmos um programa de formação física dos atletas" [409].

Além da formação física, a formação artística era uma preocupação da Casa da Cultura. Aristeu convidou o ator Wilson Mello, casado com uma irmã de sua esposa, Tereza

[406] CASA DA CULTURA DE IRARÁ**. Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B", fl 36, nov, 1989.
[407] SANTOS, José Américo de Moraes. José Américo de Moraes Santos: dep. cit.. Irará, 2007.
[408] José Cardoso Nogueira, conhecido também como Zé de Aristides tem rico trabalho em pintura, confecção de miniaturas, ornamentação de jardins e produção de licores, dentre outras artes, é filho de Aristides Nogueira, portanto primo segundo de Aristeu.
[409] CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Prestação de contas e demonstrativo dos resultados das atividades nos exercícios de 1983 e 1984**. Irará, sem data.

Cruz, para oferecer aulas de teatro em Irará. Foi formado um grupo e Wilson se dirigia à cidade aos domingos para dar aulas de interpretação teatral ao tempo em que dirigia o grupo na montagem de uma peça. O espetáculo intitulado "A Farsa de Pantaleão" foi encenado em dezembro de 1989, teve boa receptividade na comunidade e os jovens batizaram o grupo com o nome de Grupo de Teatro Wilson Mello em homenagem ao ator. Depois, as pessoas foram dispersando e o grupo não teve continuidade.

Aristeu Nogueira considerava o teatro como: "um instrumento de educação excelente para as grandes massas, ele pode levar conhecimento de maneira artística de problemas os mais gerais possíveis da atividade humana"[410]. A Casa da Cultura também recebeu grupos visitantes, como o pessoal da CASCA (Casa de Cultura de Alagoinhas) que apresentou a peça "FLICTS" em 1996. Quando da passagem pelos dez anos de morte de Ubaldino de Almeida (Pitaco), em 1985, a Casa da Cultura resolveu homenageá-lo através da publicação do roteiro de sua peça "Irará em Revista", encenada pelo CDC em 1941.

No ano de 1994 foi feita mais uma homenagem a Pitaco com a realização do Concurso Nacional de Poesias Ubaldino de Almeida. Concorrentes de diversos estados do país se inscreveram no concurso. No mesmo ano, a Casa da Cultura publica o livro de poesias intitulado "Vida de Cão" de autoria de José Barbosa de Lima, conhecido como Zé Cego. A CCI também produziu o livro de poesias do professor Edílson Paulo. De 1994 até, no mínimo, 1996, circulou o boletim "CCI Informa", disponível em papel A4, com uma dobra e sem periodicidade definida, contendo notícias sobre o funcionamento da entidade. Todo o trabalho na área de literatura e impressão contava com o decisivo apoio e participação, do professor Emanoel Planzo, membro da Direção, e de sua tipografia.

[410] CASA DA CULTURA DE IRARÀ. **Aristeu Nogueira – discurso de abertura do I Seminário de História e Geografia do Município da Região de Irará**. op cit. Irará. out, 1984.

Nos anos 1980, Aristeu tentou junto à Faculdade de Comunicação da UFBA a confecção de um jornal para a Casa da Cultura, mas não teve sucesso. Coordenados pela professora Nadja Miranda, um grupo de cinco estudantes ainda chegou a visitar Irará e pensar um modelo de jornal, mas a Casa da Cultura não conseguiu recursos para a impressão. Nadja Miranda realizou uma palestra em Irará sobre o tema da comunicação. Ana Montenegro foi outra pessoa que também fez palestra na Casa da Cultura.

As manifestações populares também estiveram presentes nos trabalhos da Casa da Cultura. Seja com a apresentação de folguedos como o Bumba-Meu-Boi, em organização de feiras de folclore e gincanas em parcerias com escolas da cidade ou na realização de concursos de Samba de Roda. Foram dois concursos com a presença de vários grupos de zona rural, se apresentando na noite natalina. Para Aristeu, o folclore era a "cultura do povo", "aquilo que o povo tem admiração, sente pratica e vive".

Em linhas gerais, as atividades citadas são representativas de um leque abrangente de atuação da Casa da Cultura. Com realizações deste tipo, a entidade tentava cumprir os seus objetivos estatutários e, de alguma forma, incentivar o desenvolvimento sócio-cultural do município de Irará.

5 - CONCLUSÃO

A militância política e cultural de Aristeu Nogueira Campos foi exercida com bastante comprometimento de sua parte. Desde os tempos de juventude até a velhice Aristeu esteve desenvolvendo atividades, seja na política ou na cultura, para as quais dedicou muita atenção. Do jovem estudante, militante do movimento estudantil, ao velho "teimoso", insistindo em participar e ter conhecimento da vida social; são vários os exemplos.

Muito se diz que não há explicações para as motivações humanas. Na trajetória de Aristeu Nogueira, não foi possível perceber razão mais forte para a sua atuação política e cultural do que a noção do serviço à coletividade. Trata-se de alguém que teve todas as condições possíveis para seguir uma carreira profissional e uma vida financeira confortável, sem maiores dificuldades, mas preferiu a vivência instável de ser uma pessoa filiada a uma organização política clandestina e perseguida. Integrou-se à ideologia conhecida nos livros e dedicou suas ações à mesma.

No material estudado para esta monografia, percebe-se uma disposição quase que ilimitada para exercer atividades em nome do partido ou das causas em que acreditava. Quando atuando em *O Momento*, por exemplo, acumulou funções no diário, ao tempo em que também desenvolvia atividades para a direção partidária, como a árdua tarefa de articular doadores e buscar recursos financeiros. Trabalhos que para serem executadas demandam, no mínimo, boa dose de dedicação, sagacidade e inteligência.

Aristeu Nogueira parece ter seguido à risca a sugestão de que "nenhum cérebro deve ser mais enciclopédico que o do comunista". Quando não em alguma atividade da prática partidária, passava o seu tempo se ocupando em leituras, principalmente, teorias sociais. Até mesmo quando idoso, com visão e audição comprometidas, contratava pessoas para fazer leituras de vários periódicos durante quase todo o dia. Revelava grande conhecimento acerca

de assuntos diversos. Não por acaso, alguns o classificarem como uma “enciclopédia”. Quando a temática em questão era o município de Irará, o seu conhecimento era de uma profundidade como poucos, ou quase nenhum outro detivera.

Noções de história, de geografia, de política e até de geologia relacionadas a Irará, eram dominadas por Aristeu. Falava de publicar um livro sobre a cidade, mas sempre envolvido com atividades sociais do município, não chegou a fazê-lo enquanto lhe foi possível. Da sua atuação no social iraraense, registram-se muitos desencontros, planos não realizados e, por muitas vezes, falta de acompanhamento necessário para suas empreitadas.

Um homem formado em meio a grandes nomes da intelectualidade baiana, participando de um agrupamento político, com presenças de figuras como o etnólogo Edson Carneiro, o escritor Jorge Amado, o intelectual Carlos Nelson Coutinho, entre tantos outros; devia ter mesmo idéias muito avançadas e descompreendidas para uma população interiorana carente de tudo e, especificamente, de educação.

Cidadão com conhecimento político amplo, pautado por ideologia, com experiência em articulações políticas diversas, seja em militância estudantil, célula partidária, Câmara Legislativa, até chegar à condição de Secretário Geral do Partido na Bahia, integrar o Comitê e depois a Direção Nacional, num momento difícil da história do país; fatalmente estaria em descompasso com a vida política de uma comunidade onde algumas práticas mais lembram o período feudal.

Fatalmente o potencial político de Aristeu Nogueira esteve mesmo sub-aproveitado em Irará. Certamente seus conhecimentos e experiência seriam melhor utilizados na política brasileira, caso ele continuasse a sua militância partidária no plano nacional.

Ainda que tenha sido um “incompreendido”, a luta de Aristeu Nogueira em Irará, apoiado pelos poucos parceiros que o acompanhavam, não foi desnecessária ou despercebida. Na sua vontade de incentivar o “desenvolvimento intelectual” através da cultura, deixou

marcas e possibilitou uma agitação na cena cultural da cidade, não encontrada nos tempos de hoje.

Irará teve oportunidade de se conhecer melhor. Na atividade do Centro de Diversões e Cultura, como na encenação de “Irará em Revista”. E, mais precisamente, devido ao maior número de provas documentais, nas ações da Casa da Cultura de Irará. O reconhecimento se deu através de eventos de cultura popular, de mostra do artesanato local e de seminários, nos quais a história e a memória da cidade estiveram em evidência, dentre outras realizações. A população teve oportunidade de dialogar e discutir a situação local com diversas personalidades, desde secretários de Estado e Diretores de Órgãos Públicos a um Reitor de Universidade.

Não é exagero afirmar que durante algum tempo a Casa da Cultura, embora não recebesse dotações municipais especificas, tenha funcionado como se fosse um departamento de cultura do município. Na época de criação da entidade, a estrutura do governo municipal não contava com esse órgão, vindo a ser instituído alguns anos depois. Da mesma forma, pode-se pensar que o amplo leque de objetivos imaginados por Aristeu para a Casa, com ações em segmentos como o da ecologia, da economia e do turismo, entre outros, estivesse mais adequado a uma prefeitura.

Este pode ter sido o grande erro de Aristeu Nogueira na sua ação cultural em Irará. Erro de avaliação. Estimativa equivocada com relação ao cenário, aos atores sociais da região e às possibilidades. Um dos piores, se não o pior, equívoco na elaboração de um projeto, seja ele social, cultural ou outro qualquer. A falta de dimensionamento inicial e em outros momentos, como na intenção de construir o Centro Social de Lazer e Desporto, não impossibilitaram que Aristeu se reorganizasse e liderasse o seu projeto cultural.

Organizar a coletividade foi também outra máxima na sua atuação política. Sempre incentivando a organização de todas as categorias às quais tivesse acesso. Fossem moradores

da zona rural, grupos esportivos, artesões, clube de amigos de jornal, feirantes, entre tantos outros. Pensando a política em sentido amplo não se limitando ao entendimento partidário.

Todas as ações e traços de personalidade aqui salientados não possuem qualquer intenção de elevar a figura de Aristeu Nogueira à categoria de herói. Sabe-se que na condição de humano ele era passível de defeitos como qualquer outro. Esta consciência esteve presente em toda a pesquisa à bibliografia indicada e, principalmente, nas entrevistas feitas para esta monografia. Entretanto, quase que não se ouviu críticas a atuação de Aristeu, as que apareceram foram resumidamente pontuadas pela sua “intransigência”.

No mais, longe de pretender-se completo, este trabalho tentou focalizar a militância política e cultural de Aristeu Nogueira Campos, nos seus movimentados 91 anos de vida. Para conhecer com melhor propriedade a atuação de Aristeu, demanda-se um trabalho ainda mais aprofundado, pois existe muita bibliografia, documentos e pessoas a serem consultadas. Não obstante, esta monografia evidência a trajetória de um militante que fez da política e da cultura as suas bandeiras de atuação.

6 – **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Ubaldino. **Irará em Revista – dois atos.** Irará: Casa da Cultura de Irará, 1985.

ARAÚJO, José Aristeu de**. Sociedade lítero musical 25 de Dezembro 50 anos: 1954-2004 Jubileu de Ouro**. Irará: 2004.

BARBATO JR., Roberto. **Missionários de uma utopia nacional popular-popular. Os intelectuais e o departamento de cultura de São Paulo**, Annablumme/ Fapesp, 2004.

CAMPOS, Aristeu Nogueira. **Depoimento autobiográfico**. Acervo pessoal: Irará, 2001.

_____. **Correspondência endereçada ao Presidente da Casa da Cultura de Irará – CCI**. Irará. 24 mai, 1991.

_____. **Primeira viagem a Fazenda Brotas**. Manuscrito em 11, jul. 1991

CARONE, Edgard. **O PCB 1964 a 1982** - DIFEL- Difusão Editorial S/A, São Paulo, 1982.

CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **De quem é o domínio e propriedade do Sobrado dos Nogueiras**. Irará. jan, 1989.

_____. **Aristeu Nogueira – discurso de abertura do I Seminário de História e Geografia do Município da Região de Irará**. Irará. out, 1984. 03 casssetes sonoros (180min).

_____. **Carta de Aristeu Nogueira Campos a Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca de Irará.** Irará, 30 mai. 1983.

_____. **C.S.L.D. – Ante-projeto e etapas da construção. Módulos e filosofia.** Irará. out, 1987.

_____. **Conclusões do I Seminário de Documentação e Biblioteconomia**. Irará. out, 1983.

_____. **Discurso de Aristeu Nogueira abrindo Seminário sobre a CCI**. Transcrito em papel. Irará, 27 fev. 1983.

_____. **Projeto de História do Município de Irará**. Irará. ago, 1985

COELHO, Marco Antônio Tavares. **Herança de um sonho: as memórias de um comunista.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo, Fapesp/ Iluminuras, 1997.

CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: A linguagem da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 2003. p195.

DULLES, John W. F. **O Comunismo no Brasil, 1935-1945 repressão em meio ao cataclismo mundial**; tradução de Raul de Sá Barbosa - Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

FALCÃO, João. **O partido comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. **Giocondo Dias, a vida de um revolucionário**. Rio de Janeiro, Agir, 1993.

FACULDADE DE DIREITO. **Revista da Faculdade de Direito – 1939**.

FONTES, Rafael. **Trajetórias (in)comuns Aristeu Nogueira e Fernando Santana: elementos preliminares para um estudo de suas trajetórias.** LABELU/DCHF/UEFS, 2006.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 1987.

GUEIROS, José Alberto. **Juracy Magalhães: o último tenente.** Rio de Janeiro: Record, 1996. 3ª ed. P262.

INTSTUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. IBGE: Rio de Janeiro, 1958.

JOSÉ, Emiliano. **Carlos Marighella: o inimigo número um da ditadura militar.** Editora Casa Amarela: São Paulo, 2004. p 196.

_____. **Galeria F: Lembranças do mar cinzento: segunda parte** - São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004.

KONDER, Leandro. **História das idéias socialistas no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LUBISCO, Nidia M. L.; VIEIRA; Sônia C. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses** - Salvador: EDUFBA, 2003. 145p.

NETTO, José Paulo. **PCB – Memória fotográfica: 1922-1982**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA JR, Franklin. **Usina dos Sonhos – Sindicalismo petroleiro na Bahia: 1954-1964**. Salvador: EGBA, 1996. 230p.

PAIXÃO, Juracy de Oliveira. **Janelas abertas.** Fortaleza: Juracy de Oliveira Paixão, 2006.

_____. **Pedro de Tiano, comunista de velha guarda**. Texto enviado por e-mail ao autor. fev, 2006.

_____. **A viagem de Aristeu rumo ao Desconhecido.** Fortaleza, mar. 2003**.** Texto enviado por e-mail ao autor [mai 2006].

_____. **Sobre Aristeu**. Informações enviadas por e-mail ao autor abr. 2007.

PLANZO. Emanoel de Christo. **Irará em Cordel**. Corplan: Irará, 1997.

POERNER, Athur. **O poder jovem: história da participação dos estudantes desde o Brasil colônia até o governo Lula**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

PRESTES, Luiz Carlos. **Contra a guerra e o imperialismo – discurso pronunciado pelo senador da república Luiz Carlos Prestes na Assembléia Nacional Constituinte, no dia 26 de março de 1946**. Rio de Janeiro: Edições Horizonte Ltda, 1946.

RAMOS, Luciene Borges. **Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea**. In: III ENECULT – III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007, Salvador. CD Rom Anais III ENECULT. Salvador: CULT-UFBA, 2007.p04.

RISÉRIO, Antônio. **Adorável Comunista: história, política, charme e confidencias de Fernando Sant'Anna.** Rio de Janeiro: Versal, 2002.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política.** São Paulo: Hacker Editores, 2000. p17

_____. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil** - Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. 125p.

_____. **Partido comunista, cultura e política cultural.** 1986. 208fls. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. **Políticas culturais entre o possível e o impossível**. In: II ENECULT – II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006, Salvador. CD Rom Anais II ENECULT. Salvador: CULT-UFBA, 2006.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

SANTOS, Marcos Roberto Martins dos. **Políticas Culturais na Bahia: Gestão Waldir Pires (1987-1989)**. In: II ENECULT – II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006, Salvador. CD Rom Anais III ENECULT. Salvador: CULT-UFBA, 2006. p04.

SEGATTO, José Antônio. **Reforma e revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

SERRA, Sonia de Alencar. **O Momento: História de um jornal militante**. Salvador, 1987. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia.

SOUZA, Péricles de. **A longa noite de 21 anos**. Testemunho Seminário: 40 anos do Golpe Militar de 64. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA: Salvador, 2004. Publicado em: www.overmelho.com.br acessado em abril 2006.

TABACOF, Boris. **Perdidos e Achados** - São Paulo: Huitec, 2005.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia.** São Paulo: Unesp: Salvador, BA: EDUFBA, 2001.

ZÉ, Tom. ***A volta do trem das onz: (8,5 milhões de km2) [Pagode a Adoniran] – citação***. Álbum Estudando o Pagode. São Paulo: Trama, c2005. 1 CD (63 min)

Documentos:

CÂMARA MUNICIPAL DE IRARÁ. **Lei Orgânica do Município de Irará**. Bahia, 1990.

_____. Livro Ata de Sessões Ordinárias. nº 9, Fls. 07 e 08. abr, 1990.

_____. Livro Ata nº 1, Da Constituinte Municipal.

CASA DA CULTURA DE IRARÁ. **Estatuto.** Irará, 1983.

_____. **Estatuto e Regimento Interno.** Irará, 1988.

_____. **Prestação de contas e demonstrativo dos resultados das atividades nos exercícios de 1983 e 1984**. Irará, sem data.

_____. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro A". 1983 – 1988. 100 fls.

_____. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro B". 1988 – 1991. 100 fls.

_____. **Livro Ata de Reuniões Ordinárias da Diretória Executiva** "Livro C". 1991 – 2003. 200 fls.

_____. **Relatório das Atividades da Casa da Cultura de Irará durante o exercício de 1986**. Irará. fev, 1987.

_____. **Relatório da Diretoria da CCI eleita para o exercício de março de 1995 a março de 1997 em seu primeiro ano de mandato**. Irará, sem data.

_____. **Relatório das Atividades Biênio 1997/1998**. Irará. mar, 1999.

_____. **Of. Circ. nº 04/96.** Irará, nov. 1996.

_____. **Oficio nº 12 – Convida a Coordenadora das Bibliotecas do Estado para o Seminário de Documentação e Biblioteconomia**. Irará, set, 1983.

_____. **Oficio nº 11- comunica o encontro de urnas de barro em Ouriçangas, num local, que parece ter sido "cemitérios de índios"**. Irará. jun, 1984.

CENTRAL DAS ASSOCIAÇÕES RURAIS DE IRARÁ. **Estatuto.** Irará, 1995.

CONSELHO DA COMUNIDADE PARA ASSUNTOS PENITENCIÁRIOS E PRESIDIAIS - CONCAP. **Relatório de atividades 1986**. Irará, 1986.

_____. **Relatório de atividades 1997**. Irará, 1997.

LABELU – LABORATÓRIO DE ESQUERDAS E LUTAS URBANAS – DCHF - UEFS. **Agenda Pessoal de Aristeu Nogueira ano 2002.** Acervo Aristeu Nogueira. Feira de Santana.

PODER JUDICIÁRIO – JUÍZO DE DIREITO DA COMARCA DE IRARÁ-BAHIA. Proc. Nº 27/91 Ação de Desapropriação. Irará. jun, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRARÁ. **Of. N. 125.90 – comunicação faz**. Irará. ago, 1990.

Jornais:

A TARDE: Salvador. Cópia de nota em edição de março de 1964. Edições de 10 de março de 1991, 08 de Outubro de 1991, 23 de novembro de 1986 e 31 de março de 2004.

DIÁRIO DO LEGISLATIVO. Assembléia Legislativa da Bahia. Edições de 23, 24 e 30 de outubro de 1963; 01, 07, 14, 23 e 27 de novembro de 1963; e 03, 05, 06, e 18 de dezembro de 1963.

O IRARÁ JORNAL. Edições 192, 193, 194, 196, 197, 198, 200, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 213, 218, 219, 223, 226, 228, 278, 288, 293, 300, 301, 304, 318, 320, 327, 331, 337, 338, 339, 340, 341 e 342. Irará, nov, 1942 a nov, 1945.

O MOMENTO COMUNISTA. A história do PCB e seu jornal na Bahia. Salvador. set, 1985.

Site:

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA. < http://www.al.ba.gov.br >

O Vermelho <www.overmelho.com.br >

Wikipedia - Enciclopédia on-line <http://pt.wikipedia.org>

Fotos:

Sobrado em figura 04 por Marcílio Cerqueira. Irará, 2001.

Todas as outras: acervo da Casa da Cultura de Irará.

Entrevistas:

ALMEIDA, Floripes. Entrevistador: o autor. Irará, 11 de setembro de 2005.

BENEVIDES, Miriam de Sant'anna. Entrevistador: o autor. Irará, 15 de abril de 2007.

CAMPOS, Aristeu Nogueira. Entrevistador: Gustavo Falcón. Irará, 05 de novembro de 2001.

CAMPOS, Diógenes de Almeida. Entrevistador: o autor. Salvador, 16 de janeiro de 2007.

CAMPOS, Mariana de Almeida. Entrevistador: o autor. Salvador, 16 de janeiro de 2007.

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Entrevistador: o autor. Salvador, 30 de abril de 2007.

CONTREIRAS, Luiz. Entrevistador: o autor. Salvador, 24 de abril de 2007.

DANTAS, Fernando Nogueira. Entrevistador: o autor. Irará, 27 de maio de 2005.

DANTAS, Paulo Fábio. Entrevistador: o autor. Salvador, 14 de maio de 2007.

FALCÃO, João. Entrevistador: o autor. Salvador, 14 de novembro de 2006.

FALCÃO, João. Entrevistador: o autor. Salvador, 17 de janeiro de 2007.

MENDONÇA, Anamaria Cruz de. Entrevistador: o autor. Irará, 19 de abril de 2007

MIRANDA, Bráulio. Entrevistador: o autor. Irará, 25 de setembro de 2005.

NOGUEIRA, Aristides. Entrevistador: o autor. Irará, 21 de setembro de 2006.

PORTELA, Deraldo Campos. Entrevistador: o autor. Irará, 19 de janeiro de 2007.

PORTELA, Lourdes. Entrevistador: o autor. Irará, 19 de janeiro de 2007.

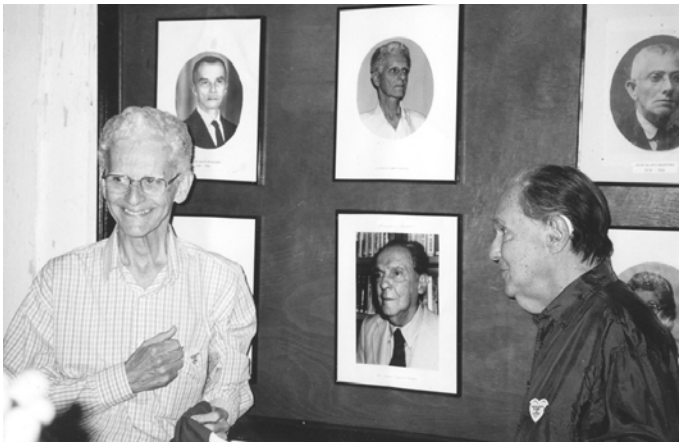
SANT'ANNA, Fernando. Entrevistador: o autor. Salvador, 20 de setembro de 2005.

SANTOS, José Américo Moraes. Entrevistador: o autor. Irará, 14 de abril de 2007.

SANTOS, Marilda Aquino. Entrevistador: o autor. Irará, 08 de maio de 2007.

7 – FOTOGRAFIAS

Aristeu Nogueira



Deraldo Portela (esq) recebendo de Aristeu o título de Iraraense Notável. As fotos dos dois compõem a galeria ao fundo.

Desfile de Sete de Setembro em Pedrão – Ba – 1983.

Concurso de Samba-de-Roda em 1985.